

CMP 2.1.9.4,45

ARQUIVO  
Cetia Maria de Mello Pupo  
Campinas - SP.

Proc. 1382/82

MARISTAS



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
RUA LIBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

CERTIFICO E DOU FÉ que nesta Secretaria de Estado da Cultura existe processo nº 01382/82, tratando de assunto referente à Obra do Doutor Celso Maria de Mello Pupo, sobre a vida e obra do Maestro ELIAS ALVARES LOBO. As folhas 3 consta documento avaliatório do Senhor Maestro Eleazar de Carvalho, Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, tecendo comentários da mencionada obra, datado de 24 de março de 1982, assim redigido: "É um tratado alentado de pesquisa em profundidade, documentado de forma cabal e exaustiva que se não esgota o assunto, representa uma contribuição significativa para o enriquecimento da musicologia brasileira, tão pobre que é de publicações. Editando a obra, a Secretaria estará cumprindo suas mais altas finalidades culturais." Ass. Eleazar de Carvalho Diretor Artístico e Regente Titular da OSRSF. Seção de Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura, aos 22 de fevereiro de 1984, MARIA APPARECIDA PRADO..... Chefe de Seção elaborou, SARAH LIMPO DE ABREU CONCEIÇÃO..... Diretora do Serviço de Comunicações Administrativas conferiu.

Celso Maria de Mello Pupo  
da Academia Campinense de Letras  
da Academia Paulista de História

MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO  
Pesquisa e recordações sobre sua vida, sua obra  
e sua família de músicos.

"Como a sepultura é a terra do  
esquecimento, assim o céu é a  
pátria da memória".

(Padre Antônio Vieira - "Sermão  
Gratulatório e Panegírico")

Vol. XV - pag. 6 edição 1909.  
Livreria Chardon.

Prefácio de Odilon Nogueira de Mattos

## Prefácio

*2.º volume*

A história da música brasileira (ou no Brasil) tem sido estudada com relativa frequência. Desde fins do século passado, até o recente livro do sr. Vasco Mariz, numerosos autores têm procurado mostrar o sentido da evolução de nossas atividades musicais, recuando o mais possível no tempo, tanto quanto o permitem as pesquisas arquivais. Chegando até aos tempos coloniais, com descobertas magníficas em arquivos mineiros, baianos, pernambucanos, paulistas, já não começa a nossa música com o Padre José Maurício, como antes vinha registrado nos manuais e nos dicionários que tratavam do assunto. Mas, é inegável que só a partir da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e, mais ainda, após a Independência, é que se tem um quadro mais sistematizado e programado do que se poderia fazer em matéria de música, embora ainda muito aquém do que se fazia no Velho Mundo. O Rio de Janeiro, agora sede de uma corte, torna-se, como é natural, o centro polarizador de todas as atividades artísticas do país, pouco deixando para as províncias, que, no mais das vezes, vegetam sem possibilidades para o desabrochar de muitas vocações. Há exceções, contudo, e é de uma dessas exceções que trata o presente livro. Um autor que, ao contrário dos demais, não foi bem sucedido na corte, não teve condições de beneficiar-se das vantagens que a capital do Império <sup>poderia</sup> ~~poderia~~ lhe proporcionar, inclusive a benesse de uma bolsa de estudos, que não pôde desfrutar e não teve, conseqüentemente, a projeção que outros menos capazes alcançaram. Sei que se não deve fazer história com base no que teria acontecido, mas, sim, sobre o que efetivamente aconteceu. Mas não custa imaginar como teria sido diferente a trajetória do nosso ituano se a sorte lhe sorrisse de maneira mais favorável e tivesse ele a oportunidade de ver suas obras apresentadas em centros mais capazes de compreender-lhe os vãos do talento.

O período regencial, coincidentemente, viu o nascimento de dois grandes vultos da música brasileira, ambos paulistas e com muito de comum em suas vidas: o campineiro Carlos Gomes, em 1836, e, dois anos antes, o ituano Elias Álvares Lobo. O primeiro, por circunstâncias já sabidas e prescindindo de relembração neste momento, teve uma carreira mais ita-

liana que brasileira. Suas óperas foram encenadas nos maiores teatros líricos da Itália e alcançaram excelente receptividade pois se enquadravam no espírito e na estética do que o público italiano exigia em matéria de ópera. Enfim, óperas que qualquer compositor italiano da época assinaria sem titubeios.

Já o nosso biografado não teve o mesmo destino. O êxito de "A Noite de São João", a primeira ópera brasileira (e esta prioridade ninguém lhe tira) fazia crer pudesse o italiano triunfar na corte e, quem sabe, trabalhar no sentido de criar uma ópera mais brasileira que a de outros compositores de seu tempo, a começar por Carlos Gomes. Mas, já o que lhe aconteceu com a segunda ópera, A Louca, foi de molde a desanimá-lo. Criou-se, inclusive, uma lenda (que o autor desfaz) segundo a qual a ópera não foi encenada por haver-se perdido a partitura, restando apenas a belíssima ouverture. O autor mostra-nos que as coisas não se passaram bem assim, e a uma "estória" banal contrapõe uma "história" séria, pois documentada.

A verdade é que, com o episódio de A Louca, se o Rio de Janeiro perdeu Elias Lobo, ganhou-o sua província natal. Veio para sua terra, depois para Campinas e Itatiba e acabou radicando-se em São Paulo, onde faleceu no início deste século, com uma bela folha de serviços à vida artística da cidade, da província (agora Estado) e mesmo do País. Se não teve a oportunidade que a Corte talvez lhe propiciasse de ver suas óperas encenadas (e a possibilidade de encenação é o maior estímulo para que os compositores as escrevam), voltou-se para a música sacra, aliás muito de seu feitio, e para o ensino da música. Com "entusiasmo e fé", passou a compor missas, oratórios e ainda outras obras sacras de estrutura menor, produção esta que o leitor encontrará criteriosamente arrolada no presente estudo. A simples verificação da respeitável "bagagem" de Elias Lobo faz mais uma vez pensar na triste sina dos compositores brasileiros do passado, que continuam ignorados, quando, <sup>com</sup> os recursos modernos da gravação, suas obras poderiam ser divulgadas. De tudo quanto Elias Lobo deixou, creio que só uma peça encontra-se gravada: a abertura da ópera A Louca. Tenho notícia de que o oratório (ou a oratória, como os portugueses, aliás mais acertadamente preferem dizer...) composto para a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Campinas (a atual Catedral Metropolitana) foi executado

num recente festival de música sacra em São Paulo. Por que não se aproveitou a oportunidade para a gravação de uma obra notável sob todos os aspectos, segundo o depoimento que quantos a ouviram?

O livro que tenho a honra de prefaciар (talvez desnecessariamente) vem preencher uma lacuna. Se lembrei de início que a história da música brasileira vem sendo estudada com relativa frequência, o mesmo já não posso dizer dos compositores brasileiros. A começar pelo maior de todos eles, o campineiro Carlos Gomes. As dezenas e dezenas de livros que sobre ele existem quase sempre se repetem numa enfadonha monotonia sem adiantar quase nada sobre pontos ainda obscuros de sua vida e obra. Falta-lhes a pesquisa arquivál que Celso Maria de Mello Pupo soube realizar sobre o mestre ituano. Ocorre, todavia, que Celso Maria de Mello Pupo é homem de arquivo e de pesquisa (como o têm demonstrado seus outros trabalhos) e esta sua característica, aliada à preocupação de honestidade e boa informação, está presente em todas as linhas de seu livro. Documenta tudo, citando com precisão as fontes de que se serviu. E quando tem dúvidas, o que, aliás, raramente acontece, não arriscasennem avança. Suas fontes são as mais variadas: arquivos públicos, arquivos particulares, coleção pessoal e sobretudo a imprensa. Respiçou o que pôde em jornais do Rio, de São Paulo, de Campinas, recolhendo as notícias ou as impressões que lhe pareceram boas para a boa caracterização não apenas do compositor, mas do homem Elias Lobo. Não houve apenas a preocupação de "compor a biografia transcrevendo estudos alheios", como modestamente afirma, mas de documentar com maior segurança no registro dos conceitos elogiosos. E estes "conceitos elogiosos", o autor vai buscá-los em grandes nomes da imprensa e da vida musical brasileira.

O resultado é que o compositor emerge destas páginas, em corpo inteiro e, mais ainda, propiciando admirável estudo <sup>de sua</sup> família, pois os últimos capítulos são dedicados à genealogia dos Lobos: "É um privilégio descender de família que conhece a origem de seu apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os Lobos de Itu". E a linhagem vem desde D. Francisco Lobo, conselheiro ~~xxx~~ de el-rei e seu embaixador junto a Carlos V, em 1539, até seus mais novos rebentos, em boa parte vivendo hoje em Campinas e em São Paulo, passando por D. Manuel

Lobo, o famoso fundador e comandante da Colônia de Sacramento, a mais avançada sentinela lusitana no Atlântico Sul, no século XVII. Não é genealogia desinteressante, enfadonha e monótona, como de comum acontece, mas o autor aproveita o ensejo para traçar numerosos perfis daqueles que mais se destacaram, acentuando a tradição musical da família, presente mesmo naqueles que não se dedicaram à música. Muitos são nomes que Campinas venera, entre outros como os de Antonio Lobo, Elias Lobo Neto, Paulo Lobo, Pelágio Lobo, Azael Lobo, apelidos que os campineiros se habituaram a ver nos clássicos retângulos azuis indicadores dos nomes das vias públicas. Ou alguns que, mercê de Deus, estão vivos, como a renomada Menininha Lobo, uma das glórias da pianística brasileira.

Uma circunstância especial dá ao livro de Celso Maria de Mello Pupo um valor também especial: ligado, pelo casamento, à família de Elias Lobo (pois veio a casar-se com uma neta do compositor), o autor não produziu apenas um livro de "bonne foi" (como exigia Montaigne), mas um livro também de sentimento, escrito com o coração. E isto, para os que acreditam no sentido humano da História, é tão importante quanto o sentido cultural que ela possa apresentar. E no caso presente aliaram-se os dois...

Odilon Nogueira de Matos

Campinas, março de 1985.

## P R E F Á C I O

A história da música brasileira (ou no Brasil) tem sido estudada com relativa frequência. Desde fins do século passado, até o recente livro do sr. Vasco Mariz, numerosos autores têm procurado mostrar o sentido da evolução de nossas atividades musicais, recuando o mais possível no tempo, tanto quanto o permitem as pesquisas arquivais. Chegando até aos tempos coloniais, com descobertas magníficas em arquivos mineiros, baianos, pernambucanos, paulistas, já não começa a nossa música com o Padre José Maurício, como antes vinha registrado nos manuais e nos dicionários que tratavam do assunto. Mas, é inegável que só a partir da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e, mais ainda, após a Independência, é que se tem um quadro mais sistematizado e programado do que se poderia fazer em matéria de música, embora ainda muito aquém do que se fazia no Velho Mundo. O Rio de Janeiro, agora sede de uma corte, torna-se, como é natural, o centro polarizador de todas as atividades artísticas do país, pouco deixando para as províncias, que, no mais das vezes, vegetam sem possibilidades para o desabrochar de muitas vocações. Há exceções, contudo, e é de uma dessas exceções que trata o presente livro. Um autor que, ao contrário dos demais, não foi bem sucedido na corte, não teve condições de beneficiar-se das vantagens que a capital do Império ~~podia~~<sup>poderia</sup> lhe proporcionar, inclusive a benesse de uma bolsa de estudos, que não pôde desfrutar e não teve, conseqüentemente, a projeção que outros menos capazes alcançaram. Sei que se não deve fazer história com base no que teria acontecido, mas, sim sobre o que efetivamente aconteceu. Mas não custa imaginar como teria sido diferente a trajetória do nosso ituano se a sorte lhe sorrisse de maneira mais favorável e tivesse ele a oportunidade de ver suas obras apresentadas em centros mais capazes de compreender-lhe os vãos do talento.

O período regencial, coincidentemente, viu o nascimento de dois grandes vultos da música brasileira, ambos paulistas e com muito de comum em suas vidas: o campineiro Carlos Gomes, em 1836, e, dois anos antes, o ituano Elias Álvares Lobo. O primeiro, por circunstâncias já sabidas e prescindindo de relembração neste momento, teve uma carreira mais ita-

liana que brasileira. Suas óperas foram encenadas nos maiores teatros líricos da Itália e alcançaram excelente receptividade pois se enquadravam no espírito e na estética do que o público italiano exigia em matéria de ópera. Enfim, óperas que qualquer compositor italiano da época assinaria sem titubeios.

Já o nosso biografado não teve o mesmo destino. O êxito de A Noite de São João, a primeira ópera brasileira (e esta prioridade ninguém lhe tira) fazia crer pudesse o ituano triunfar na corte e, quem sabe, trabalhar no sentido de criar uma ópera mais brasileira que a de outros compositores de seu tempo, a começar por Carlos Gomes. Mas, já o que lhe aconteceu com a segunda ópera, A Louca, foi de molde a desanimá-lo. Criou-se, inclusive, uma lenda (que o autor desfaz) segundo a qual a ópera não foi encenada por haver-se perdido a partitura, restando apenas a belíssima ouverture. O autor mostra-nos que as coisas não se passaram bem assim, e a uma "estória" banal contrapõe uma "história" séria, pois documentada.

A verdade é que, com o episódio de A Louca, se o Rio de Janeiro perdeu Elias Lobo, ganhou-o sua província natal. Veio para sua terra, depois para Campinas e Itatiba e acabou radicando-se em São Paulo, onde faleceu no início deste século, com uma bela folha de serviços à vida artística da cidade, da província (agora Estado) e mesmo do País. Se não teve a oportunidade que a Corte talvez lhe propiciasse de ver suas óperas encenadas (e a possibilidade de encenação é o maior estímulo para que os compositores as escrevam), voltou-se para a música sacra, aliás muito de seu feitio, e para o ensino da música. Com "entusiasmo e fé", passou a compor missas, oratórios e ainda outras obras sacras de estrutura menor, produção esta que o leitor encontrará criteriosamente arrolada no presente estudo. A simples verificação da respeitável "bagagem" de Elias Lobo faz mais uma vez pensar na triste sina dos compositores brasileiros do passado, que continuam ignorados, quando, <sup>com</sup> os recursos modernos da gravação, suas obras poderiam ser divulgadas. De tudo quanto Elias Lobo deixou, creio que só uma peça encontra-se gravada: a abertura da ópera A Louca. Tenho notícia de que o oratório (ou a oratória, como os portugueses, aliás mais acertadamente preferem dizer...) composto para a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Campinas (a atual Catedral Metropolitana) foi executado

num recente festival de música sacra em São Paulo. Por que não se aproveitou a oportunidade para a gravação de uma obra notável sob todos os aspectos, segundo o depoimento que quantos a ouviram?

O livro que tenho a honra de prefaciara (talvez desnecessariamente) vem preencher uma lacuna. Se lembrei de início que a história da música brasileira vem sendo estudada com relativa frequência, o mesmo já não posso dizer dos compositores brasileiros. A começar pelo maior de todos eles, o campineiro Carlos Gomes. As dezenas e dezenas de livros que sobre ele existem quase sempre se repetem numa enfadonha monotonia sem adiantar quase nada sobre pontos ainda obscuros de sua vida e obra. Falta-lhes a pesquisa arquivada que Celso Maria de Mello Pupo soube realizar sobre o mestre ituano. Ocorre, todavia, que Celso Maria de Mello Pupo é homem de arquivo e de pesquisa (como o têm demonstrado seus outros trabalhos) e esta sua característica, aliada à preocupação de honestidade e boa informação, está presente em todas as linhas de seu livro. Documenta tudo, citando com precisão as fontes de que se serviu. E quando tem dúvidas, o que, aliás, raramente acontece, não arrisca e nem avança. Suas fontes são as mais variadas: arquivos públicos, arquivos particulares, coleção pessoal e sobretudo a imprensa. Respiçou o que pôde em jornais do Rio, de São Paulo, de Campinas, recolhendo as notícias ou as impressões que lhe pareceram boas para a boa caracterização não apenas do compositor, mas do homem Elias Lobo. Não houve apenas a preocupação de "compor a biografia transcrevendo estudos alheios", como modestamente afirma, mas de documentar com maior segurança no registro dos conceitos elogiosos. E estes "conceitos elogiosos", o autor vai buscá-los em grandes nomes da imprensa e da vida musical brasileira.

O resultado é que o compositor emerge destas páginas, em corpo inteiro e, mais ainda, propiciando admirável estudo <sup>de sua</sup> família, pois os últimos capítulos são dedicados à genealogia dos Lobos: "É um privilégio descender de família que conhece a origem de seu apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os Lobos de Itu" E a linhagem vem desde D. Francisco Lobo, conselheiro ~~xxx~~ de el-rei e seu embaixador junto a Carlos V, em 1539, até seus mais novos rebentos, em boa parte vivendo hoje em Campinas e em São Paulo, passando por D. Manuel

Lobo, o famoso fundador e comandante da Colônia do Sacramento, a mais avançada sentinela lusitana no Atlântico Sul, no século XVII. Não é genealogia desinteressante, enfadonha e monótona, como de comum acontece, mas o autor aproveita o ensejo para traçar numerosos perfis daqueles que mais se destacaram, acentuando a tradição musical da família, presente mesmo naqueles que não se dedicaram à música. Muitos são nomes que Campinas venera, como <sup>entre outros</sup> os de Antonio Lobo, Elias Lobo Neto, Paulo Lobo, Pelágio Lobo, Azael Lobo, apelidos que os campineiros se habituaram a ver nos clássicos retângulos azuis indicadores dos nomes das vias públicas. Ou alguns que, mercê de Deus, estão vivos, como a renomada Menininha Lobo, uma das glórias da pianística brasileira.

Uma circunstância especial dá ao livro de Celso Maria de Mello Pupo um valor também especial: ligado, pelo casamento, à família de Elias Lobo (pois veio a casar-se com uma neta do compositor), o autor não produziu apenas um livro de "bonne foi" (como exigia Montaigne), mas um livro também de sentimento, escrito com o coração. E isto, para os que acreditam no sentido humano da História, é tão importante quanto o sentido cultural que ela possa apresentar. E no caso presente aliaram-se os dois...

Odilon Nogueira de Matos

O pesquisador e o historiador se distinguem por duas especialidades, uma buscando fontes e documentos e outra interpretando-os. Muitas vezes, <sup>porem</sup> se juntam em só indivíduo, o que traz para o historiador indiscutível vantagem na absorção dos fatos e dos ambientes estudados.

Aqui, obra de um sé operário, por fatores de muita atualidade, é necessário procurar redução para o trabalho, mesmo com sacrifício do relato, redução, entretanto, que não vem em prejuízo da divulgação do que se colheu.

Esta colheita se fez indicando e transcrevendo literariamente as fontes; pesquisando cartórios eclesiásticos, oficiais e privados, examinando documentos públicos e particulares, a imprensa do país e coleções de exemplares das composições musicais sem julgá-las, lamentavelmente divididas entre particulares e instituições especializadas.

De qualquer forma, se ensaia, <sup>que há dez anos</sup> de modo mais amplo e pela primeira vez, a vida, a obra e a família do maestro ituano, o que realizamos com facilidades proporcionadas por amigos e parentes ~~que~~, entre os quais devemos citar Benedito Maurilio Lobo Rosa e a pianista Menininha Lobo, <sup>mas só agora com possibilidades de edição</sup>

É de maior justiça registrar a especial dedicação da cidade de Itu e sua ação benéfica pela memória histórica de seu município e de nosso país.

<sup>Julho de 1994</sup>  
Campinas, 19 ~~de março~~, dia de São José de 1985.

C. M. de M. P.

O Ituano - O Episódio da Louca - Entusiasmo e Fé - Elias e Carlos Gomes - Campinas - Vida Paulistana ~~XXXXXXXXXX~~ E Trabalhos - O Gênio Musical, # Notícias e Críticas - Sua Origem Masculina, Os Lannois Principescos - Lobo do Maestro - O Fundador e Governador da Colônia - A Filha do Fundador e Governador - O Maestro e Sua Família de Músicos.

### O Ituano

A 23 de agosto de 1875, passadas as dezessete horas, chegava a Itu o Imperador Dom Pedro II. Sua Majestade, da visão que teve ao entrar o trem na estação da estrada de ferro, registrou em seu diário, "um brilhante recebimento", acrescentando: "já vi à testa de sua música, o Elias Lobo da Noite de São João".

É significativo que um monarca, no seu imenso império do Brasil, tenha tido a sensibilidade de se impressionar e registrar, em seu diário, esta primeira visão da chegada a Itu, a cidade da convenção republicana de 1873, com o "brilhante recebimento" que o devia empolgar como alegria de um triunfo. Mas pasma ter sido acompanhada de minúcia, caracteristicamente humana, de rever um robusto talento, é verdade, mas de modesto professor de música de uma cidade do interior da província, e que, havia quinze anos, Sua Majestade não encontrava. Grande e humano Imperador; mas também grande talento e humano coração do artista!

Descendia o Maestro de ilustres famílias de Portugal, pelo apelido Lobo e pela ascendência masculina, direta, de Lannoy; aquela vinda para o Brasil em 1679, na pessoa de um governador como vamos dizer adiante, cuja filha se casou com militar flamengo (Lannoy), de ofício na região de capitânicas do norte do país. Um ramo descendente deste casal, se fixou em Paranaguá onde nasceu o pai do Maestro, José Manuel Lobo (II).

José Manuel, nascido em 1788, ainda vivia em sua vila natal em 1805. Era de estatura ordinária, tinha olhos pardos e cabelos ~~castanhos~~ castanhos, talvez herdados dos avoengos da Flandres. Casou-se, pela primeira vez, em São Paulo, a 30 de novembro de 1811, passando a residir em Itu onde foi escrivão da Ouvidoria. Pelo seu segundo casamento, com senhora da velha gente paulista, foi pai do Maestro Elias Lobo, que deixou com seis anos ao falecer em 1840. Homem letrado, o que não era comum naquela época, ocupara cargos de tabelião e escrivão da Ouvidoria, que lhe dava, mesmo sem bens materiais, vasto círculo de amizade nos mais altos níveis sociais da capitania e província.

Das indicações que conseguimos em nossas pesquisas, José Manuel Lobo (II) teve cinco filhos do primeiro casamento e oito do segundo, treze no total, sendo póstumo o último, José Alves da Conceição Lobo, pois nasceu dois meses após o falecimento do pai.

ditacional, definidas no Artigo 4º e respectivos  
incisos e alíneas desta Lei, obedecerão às seguin-  
tes disposições e parâmetros construtivos:

I - Para as Habitações Unifamiliares do tipo H 1:

- a) taxa de ocupação menor ou igual a 0,5;
- b) número máximo de pavimentos igual a 02 (dois),  
não sendo permitido o seu acréscimo, mesmo que  
motivado por desnível do terreno;

Elias Lobo ficou órfão de pai aos seis anos de idade. Embora se diga que teve instrução administrada pelo Padre Feijó (1<sup>o</sup>), errada é esta afirmativa, pois Feijó, já em 1804, residia em Campinas, vivendo "de ensinar gramática", diz o recenseamento local, e aqui viveu nos anos seguintes, sendo, em 1809, senhor de escravos e de propriedade agrícola. Só em 1810 recebeu Feijó o presbiterato, depois do que permaneceu em Itu, em chácara que possuía junto ao Patrocínio, e na qual foi plantar chá e café, e juntar-se ao chamado grupo de padres do mesmo nome (2), sem deixar o seu engenho de Campinas, que foi entregue à administração de seu grande amigo, Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme, engenho anotado nos recenseamentos de 1816 e de 1818, este ano com produção de mil e duzentas arrobas de açúcar (3<sup>o</sup>). Em 1821 era Feijó deputado às Cortes de Lisboa, vida política fora de Itu, que se prolongou até seu falecimento.

Elias Lobo teve sua primeira instrução com elementos de sua terra natal e, tendo por padrinho de batismo o Padre Elias do Monte Carmelo, é possível que o padrinho fosse seu primeiro mestre; nunca, porém, o Padre Feijó, regente do Império quando nasceu o Maestro em 1834, e que não mais voltou a residir em Itu. Parece-nos incontável que a sua principal cultura na meninice, tenha sido a religiosa, católica, o que sempre revelou em sua vida e em sua permanente devoção, até falecer.

Bem jovem, Elias Lobo já era um compositor musical. Em suas obras encontramos, do ano de 1854, quando tinha ele vinte anos de idade, a marcha número 14, "A Prisão", enquanto Taunay afirmava que o Maestro, "com menos de 16 anos, podia apresentar boa cópia de composições, sobretudo sacras, sem contar peças para piano e banda". Sua primeira missa foi composta em 1855, pelo moço de 21 anos, ~~Miguel~~ e executada pela primeira vez em setembro, na então vila de Tietê. Sua segunda missa foi cantada em Itu, na festa de Nossa Senhora do Carmo, a 20 de junho de 1856; e a terceira a 15 de maio, festa do Espírito Santo, do ano de 1857, ano em que Elias Lobo compôs ainda uma sinfonia para dois violinos, viola, flauta, duas clarinetas, pistom, duas trompas, dois clavins, dois oficlides, dois trombones e dois contrabaixos.

Sobre esta organização de orquestra, comentou Niza de Castro Tank que, "cultura musical brasileira da época, prevalecia a banda de música, evoluindo para a orquestra, do que resultava a composição de orquestras com instrumentos de banda. Isto não só se verifica em composições de Elias Lobo, mas, também, ~~xxxxxxxxxxxx~~, em composições de Carlos Gomes e outros.

*Elías*  
Elías Lobo viveu para a sua intensa convicção religiosa e para a música que foram toda a sua vida, lecionando e compondo no seu viver marcado de solidade humana.

Tendo que dar satisfações a seus amigos pela demora na encenação de sua segunda ópera, a Louca, redigiu uma notícia que culpava José Amat, mas não <sup>a</sup> publicou, publicando uma outra que justificava o atraso e deixou até a sua própria família acreditar que a não encenação de "A Louca", devia-se a extravio do quarto ato da partitura, o que nunca aconteceu!

19 8

~~Elias Lobo viveu para a música que~~  
~~musica que~~ ~~foi toda a sua vida, lecionando e compondo, no~~  
~~seu viver de intensa solidariedade humana.~~ Foi-lhe fecundo o ano de 1858, produzindo sua quarta missa, de São Pedro de Alcântara, oferecida ao Imperador e cantada em Itu e, a 1º de dezembro, na capela imperial do Rio de Janeiro. Compôs também sua primeira ópera, sem pretensões de apresentá-la à ribalta, mas na modesta intenção de exibí-la em círculos restritos. "Em meado de julho, Elias Álvares Lobo dirigiu-se à Corte com o fito de lá fazer representar sua ópera 'A Noite de São João'. Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num sarau em casa do sr. Gomide, na rua da Freira" (4), isto em 15/7/1859, e a 19, o "Correio Paulistano" noticiava e apreciava a composição do maestro ituano. "Foi escrita para piano e canto, no período de 28 dias", "para ser cantada em família; mas aplausos que teve em São Paulo e conselhos de vários amigos, o decidiram a pô-la em orquestra e trazê-la ao Rio de Janeiro, onde foi executada pela companhia da ópera nacional, a 14 de dezembro de 1860, ~~com~~ ~~sucesso~~, com geral aplauso" (5). Desta ópera o autor extraiu a quadrilha para clarineta, pistom, oficlíde e tromboão.

Venceu Elias Lobo com a sua primeira ópera, peça nacionalista, de costumes nossos, "A Noite de São João", que foi a primeira ópera de autor brasileiro levada à cena no Brasil, apresentada no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, com libreto de José de Alencar, significando o sentir patriótico do seu autor. A ópera foi levada com grande sucesso, sempre regida pelo jovem maestro Antônio Carlos Gomes; ela se abre "pelo coro dos caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigado de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, a verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo"

→ "Muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração a seu talento. ~~com~~ ~~sucesso~~ (6).

"Estava escrito que o ano de 1860 ficaria marcado por um acontecimento de singular significado para o teatro lírico nacional: a 14 de dezembro no São Pedro de Alcântara, é levada à cena, pela empresa da Ópera Lírica Nacional, a primeira ópera vazada em assunto regional brasileiro e escrita, tanto o libreto como a partitura, por brasileiros. Era essa ópera "A Noite de São João"; os versos eram de José de Alencar e a música de Elias Álvares Lobo. Teve por interpretes; Eduardo Medina Ribas (André, tabelião em São Paulo), Andrea Marchetti (Carlos, sobrinho de André), Luísa Amat (Inês, filha de André) e Carlota Milliet (Joana, velha cigana). Com esse espetáculo, a empresa conquistou definitivamente as simpatias do público" (7).

ta Corte."

"Não é a vaidade de autor, nem tão pouco o interesse, que me tem feito esperar tanto tempo que a minha produção seja levada à cena; mas sim por ter tido a honra de dedicá-la a SS. AA. II. com Augusta permissão de S. M. O Imperador, de quem só tenho recebido palavras de animação."

"Entetanto, como ainda é empresário da Ópera Nacional e snr. José Amat que afinal declarou-me não levá-la à cena, sem motivos, unicamente pela sua má vontade, resta-me agradecer a todas as redações que até hoje se interessaram pela minha causa, guardando comigo sempre a convicção de que se a Ópera Nacional não tem levado à cena maior número de produções de autores brasileiros, é isso devido, não a faltar homens que entre nós se dediquem à arte da música, mas sim à direção da mesma Ópera confiada às boas vistas do Snr. D. José Amat."

"Aos meus amigos nesta Corte, ofereço os meus pequenos serviços em Itu, na província de São Paulo, para onde, com brevidade, retiro-me".

"Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1862"

(a) Elias Álvares Lobo (10).

É certo que o sucesso de sua primeira ópera, incentivou e entusiasmou o jovem Elias Lobo, para que continuasse na especialização operística, tão em voga em todo o mundo culto, já ao alcance dos cariocas, mas só conhecida em trechos isolados pelos ouvintes da província de São Paulo. Três anos depois de "A Noite de São João", 1861, já o moço maestro apresentava sua segunda ópera, "A Louca", em quatro atos, com libreto de Antônio Aquiles de Miranda Varejão, o carioca bacharel em direito pela Academia de São Paulo, e nascido no mesmo ano em que nasceu Elias Lobo; era Varejão, e foi mais tarde, literato, autor dramático com várias produções, cavaleiro da Ordem de Cristo e deputado provincial no Rio de Janeiro (8).

Disse o neto do Maestro Elias, Pelágio Lobo, ao transcrever notas sobre a ópera "A Louca": As partes principais são as de Angelina (soprano): pretendida por Fernando (tenor), filha de Tomé (baixo). Teresa prima de Angelina (2º soprano); capitão-mór Silveira, chefe da quadrilha de salteadores (barítono); tenente Gabriel, salteador (barítono); Nicolau noivo de Angelina (2º tenor); comandante das guardas (barítono). Coros de salteadores, de soldados e de amigos de Tomé. (9)

Desta sua ópera, xxx xxx dedicada à Princesa Isabel e ao Conde d'Eu, e que foi levada, com sucesso no Clube Fluminense do Rio de Janeiro, tirou o Maestro duas cavatinas, uma com o título "Era Bem Pequena Ainda", e outra impressa, com letra de F. S. Bitencourt, da qual foi doado um exemplar, pela sua parente Zídia Lobo, ao Salão de nome do mesmo maestro em Itu.

Em 1862, estava Elias Lobo designado para levar à cena, na Ópera Nacional do Rio de Janeiro, a sua segunda produção lírica, "A Louca", conhecida num círculo restrito da Corte, pois, em estréia, havia constituído uma serata do Clube Fluminense. ~~xxxxxxxxxxxx~~ Em março instalou-se Elias Lobo no Rio de Janeiro, em constante convívio com José Amat, diretor da Ópera Nacional. A esposa deste, a cantora Luísa Amat, tinha sido a intérprete da maior personagem em "A Noite de São João", e o marido pretendia para ela o principal papel em "A Louca".

Este papel, entretanto, estava composto por Elias Lobo para a voz de Carlota Miliet, que, de primeira figura da Ópera Nacional, se retirou por divergência com José Amat. Mas Carlota Miliet se prontificou a cantar a ópera de Elias Lobo, e sem qualquer interesse monetário, o que enciumou José Amat, transformando-o num empecilho constante para os ensaios de "A Louca", durante os nove meses de labutas do autor para encenar sua obra.

Em 11 de julho, manifestou o Maestro, em carta à sua esposa, as preocupações que o afligiam:

"Elisa - Amanhã às 7 horas da manhã deve chegar o vapor Pedro 2º, e às 11 horas terei de receber cartas; e já terei notícia de vosso estado? já estareis livre desse marmanjo que parece querer fazer sua morada absoluta o vosso ventre? Deus permita que fôsseis muito feliz." (10).

Uma segunda despedida foi escrita pelo Maestro, e está publicada na imprensa da Corte, no jornal de Saldanha Marinho:

"Em dezembro próximo passado, quando aqui estive, Sua Magestade o Imperador designou o dia 25 de março para ir à cena a minha ópera - A Louca - à qual faltava concluir o 4º ato. O Sr. Amat, aceitando o dia marcado, disse-me que escrevesse as duas cenas que faltavam, e por isso parti logo para São Paulo."

"Aí, doente de cama, concluí a ópera, e em janeiro foi ela entregue ao Sr. Amat. por intermédio do Sr. Dr. Varejão. Em março achei-me eu nesta Corte e, se a ópera não foi executada, minha não foi a culpa".

"Prefixou o Sr. Amat o dia 3 de maio para levar a ópera à cena; não anuí, porque vi que não bastava o tempo, sob pena de má execução; por isso que só se havia feito um ensaio a 5 de abril, sendo eu o ensaiador. Concordamos então em levá-la em meados de maio."

"Neste ínterim foram despedidos a Sra. D. Carlota Milliet e o Sr. Ribas e a ópera continuou fora de ensaios. Propôs-me o Sr. Amat muitas vezes que eu cedesse à Sra. D. Luísa a parte de Angelina; respondi todas as vezes que não, por havê-la eu escrito para a Sra. D. Carlota, e não querer envolver-me em negócios de bastidores. Acrescentei que se a Sra. D. Carlota não aceitasse a parte por obséquio, então desse-a o Sr. Amat a quem lhe parecesse".

"Fui intermediário entre ambos; a Sra. D. Carlota respondeu-me que aceitava a parte para obsequiar-me, e quando tudo parecia marchar a um fim, foi a parte retida àquela artista a pretexto de continuar-se a cópia. Tal cópia não continuou."

"Fizemos dois contratos e ambos formulados no mais pleno acordo, nunca foram assinados pelo Sr. Amat, que a isso se recusou sempre. "

"Resolvi retirar-me; mas o Sr. deputado Dr. Rodrigo Silva não m'o consentiu dizendo-me que se obrigava pelo Sr. Amat, e que a Louca iria à cena. Cheguei a um acordo com o Sr. Amat, e foi marcado o dia 29 de julho para a execução da ópera".

"A 19 de julho procurou-me o Sr. Amat, e disse-me que os Srs. Dr. Araújo e Francisco Manuel queriam falar-me. Fui à casa do Sr. Francisco Manuel, e aí o Sr. Dr. Araújo disse-me que se representaria a Louca com o melhor pessoal, mas que eu não fosse exigente. Respondi que nunca o havia sido, e nessa ocasião declarei que prescindia de qualquer interesse pecuniário. Obrigaram-se então a fazer começar os ensaios para levar a ópera no dia 7 de setembro. Não se fez um só ensaio. Resolveu-se adiar a representação para 25, até 30, desse mês. O mesmo aconteceu."



Mas, como publicou o Maestro, ele "havia declarado" que "prescindia de qualquer interesse pecuniário" (e isto ainda no mês de julho); que ele e o "sr. Amat fizeram dois contratos e, ambos formulados no mais pleno acordo", mas que "nunca foram assinados pelo sr. Amat, que a isto se recusou sempre". Não faltou a calúnia em defesa de Amat, certo que divulgada furtivamente, entre íntimos, para se conduzir pela tradição até cair sob o conhecimento de crítico de hoje, vindo, sem indicar a fonte, repetir a inverdade de que Elias Lobo, por "excessiva avidez pecuniária", impediu que sua ópera, "A Louca", subisse à cena.

Ora, quem conhece a personalidade de Elias Lobo, logo se convence de ser ele homem de caráter e desprendimento, incapaz de perder uma encenação de sua ópera, por "avidéz pecuniária". Contrariamente, ele havia renunciado a qualquer interesse material, como deu conhecimento público. E basta percorrer toda a sua obra e suas execuções, para constatar que não fazia e não executava música em troca de pecúnia, mas, muitas vezes, graciosamente. Vivia ele de ensinar, e isto mesmo em fração de suas atividades. A calúnia é tão grande que se desfaz por si.

A inveja, o despeito, o interesse, ainda hoje vicejam perturbando intenções honestas, utilizando formas maliciosas de exposição, com artifícios que obumbram o julgamento que deles se pode fazer, na cumplicidade da excessiva tolerância (e também ignorância) do brasileiro que não desmascara, de pronto, o cabotino. E considere-se, ainda, que não é honesto comparar a totalidade dos nossos compositores que não tiveram um aperfeiçoamento de cultura musical nos grandes centros europeus de ensino, com um Carlos Gomes que, além de talentoso, bebeu toda a ~~uma~~ técnica artística dos grandes mestres europeus: E Carlos Gomes teve a habilidade de não contrariar José Amat, então o grande senhor na vida operística do Brasil e ávido de dar à sua própria esposa os principais papéis nas encenações líricas, para que ela usufruisse a notoriedade e os proventos financeiros que almejava.

E o que mais surpreende é que Elias Lobo, se na redação de 24 de outubro, não publicada, incrimina José Amat, na do dia 31, publicada, apenas relata fatos como satisfação a seus amigos, evitando repetir em seu Estado, em sua cidade, para seus íntimos e até para seus filhos, a verdadeira causa de não ser a "Louca" levada à cena - o José Amat - deixando difundir-se o inexistente roubo da partitura. Isto revela seu alto sentimento de caridade para com seu perseguidor e a sua santidade perdoadando-o com seu silêncio. Sofreu o Maestro Elias Lobo, por meses, a angustiosa expectativa no Rio de Janeiro, amparado pela sua virtude de paciente e conformado, e sem encenar sua produção despediu-se da Corte e regressou a Itu em novembro

... e, sem sofrer sua ...  
 ... regresso a Itu em ... No ano seguinte, 1863, foi escolhido pela Ópera Nacional, para ir à Europa aperfeiçoar-se, com bolsa paga pelo Imperador. Sem recursos para sustentar a família, esposa e três filhos, solicitou à sua província, à Assembléia Provincial, uma pensão para a família durante sua ausência. Recusaram-na, e Elias Lobo continuou em Itu, lecionando, compondo, executando, com especial dedicação à música sacra. Tinha, então, 29 anos de idade, e contava com vasto círculo de relações entre personalidades de elevada projeção.

### Entusiasmo e Fé.

Naquele moço de fé inquebrantável, o ânimo não se abatia. No mesmo ano em que tudo ~~era~~ era contra o seu aperfeiçoamento nos centros mais cultos da música européia, fundou em Itu a "Filomela" (14): "O maestro Elias Lobo, quando ainda residia em Itu, sua terra natal, além da esplêndida orquestra, organizou ali uma banda de música à qual deu o nome de "Filomela". Era constituída por distintos ituanos, hoje falecidos, e não deixa de ser interessante dar aqui os seus nomes e os instrumentos que tocavam: Maestro Elias Lobo, diretor regente; Luís Lobo de Albertim Júnior, flauta; Joaquim Feliciano de Campos, requinta; José Mendes Ferraz, clarineta; Inácio Ferraz Leite Penteado, clarineta; João Leite de Campos Mendes, clarineta; José Álvares da Conceição Lobo, pistão; Pedro Alexandrino Xavier Aranha, pistão; José Mendes Galvão, sax; Francisco Celestino de Miranda Russo, sax; Joaquim Pinto de Moraes, sax; Joaquim Bernardo Borges, sax; Antônio da Silva Teixeira, sax; Braz Carneiro Leão, trombone; Tristão de Abreu Rangel, trombone; Olegário José de Arruda Mendes, bombardino; Francisco Januário de Quadros, bombardino; Carlos Kiehl, bombardão; Feliciano Leite Pacheco Júnior, pratos; João Dias de Quadros Aranha, bombo; José Lobo de Albertim, campainha; Joaquim Floriano de Mesquita Barros, caixa. Muitos desses músicos ocuparam lugares de destaque na governança de sua terra natal, destacando-se o benemérito Juca Feliciano, influente chefe liberal, que era ótimo clarinetista. Foi a "Filomela" considerada uma das melhores bandas de música da província, em nada ficando atrás da famosa Banda dos Permanentes, da Capital", contou Pelagio Lobo pelo "Correio Paulistano" de 23-VII-1950

"Contemporânea da "Filomela" do maestro Elias Lobo, existia em Itu a banda do maestro Macuco, composta de gente modesta: marceneiros, carpinteiros, pedreiros e outros artífices, banda essa que com galhardia ombreava com a "Filomela". Como sempre acontece, nas vilas e cidades onde há duas bandas de música, a do Macuco e a do Elias Lobo, eram ferrenhas rivais" (15).

Incansável em seu trabalho, compôs o Maestro, em

1864, a sua Oratória de Nossa Senhora do Carmo, com coros de anjos, de irmãos terceiros e de povo, e personagens de São Simão Stock e de Santa Teresa, executada com sua quinta missa, composta, no mesmo ano, para a solenidade das festas pela restauração da Igreja carmelitana de Itu.

Era tanto o idealismo de Elias Lobo, que fundou em sua terra uma aula gratuita de música. Não bastavam as inúmeras execuções sem remuneração, não bastava todo o seu trabalho sem lucro, mas pela arte, pela sua religião, multiplicava-se no ensino, na emulação, no transmitir de entusiasmo, marcando os anos seguintes, com a fundação da Sociedade Orfelina (16), e, em 1867, compondo a sexta missa "com dois credos" e uma "Três Horas de Agonia", celebrada em Itu pela primeira vez, "terna e piedosa devoção" que, "para esse fim, a pedido do padre Onorati (17), o maestro Elias Lobo escreveu a música para as Sete Palavras, harmonia essa que ainda hoje é executada nessa cerimônia e tida como um verdadeiro primor de suavidade" (18). Em 1872, compôs uma Semana Santa, sobre a qual se proclamou: "o autor, nesta obra, separou-se do estilo seguido pelos outros mestres, procurando traduzir os textos em notas, como se escrevesse uma tragédia lírica" (19).

Sua missa sétima é de 1873, com "grandes solos, concertatos, etc.", escrita para a festa do Bom Jesus a ser realizada em 1º de janeiro seguinte. A oitava missa é de 1874, também do Bom Jesus e para a festa do seguinte ano bom. Compôs mais a Oratória do Nascimento e Circuncisão do Senhor, e a Oratória do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo e Santa Teresa, letra de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (II), escrita para dois violinos, duas violas, flauta, duas clarinetas, fagote, trompa, pistão, trombone, oficlido, violoncelo, contrabaixo, tímpane e bombo, com dois coros de anjos, de pastores e camponeses, com as personagens do arcanjo Gabriel, Nossa Senhora e São José.

De encantadora modéstia, viveu para a música que passou a ser uma das faces de sua devotíssima vida religiosa. "Transformou o grande maestro ituano, o seu gênio artístico num campo imenso de apostolado, levando, no macio das sonoridades de suas composições, tantas e tantas almas para o além, para o azul, para Deus. Elias Lobo conhecia o sentido fiel e exato da liturgia católica, apreciava sabiamente o desenrolar majestoso das cerimônias, e por isso mesmo, as suas composições sacras vinham ao sabor de uma fé, capaz de segregar aos ouvidos dos que se acotovelavam nas igrejas, nos dias faustosos das grandes festividades, o sentido dos temas que se desenvolviam no templo" (20).

Sua dedicação ao esplendor do culto, bem se revela em documentos confirmatórios da tradição, cartas que buscavam o seu concurso generoso para as solenidades:

17  
"Ilmo. Snr. Elias Álvares Lobo - Colégio São Luís, 11/4/1874

"Atrevo-me a pedir-lhe um favor, e espero que V. S. queira desculpar minha liberdade, talvez demasiada. O R. P. José Galvão amanhã quer cantar missa às 7 horas no Patrocínio, e quer também que lhe assista o P. Sabatini. O pobre velho sentiria muito a ausência do dito Padre; como tem mostrado quando eu lhe disse que talvez não poderia ir. Mas eu preciso de um para tocar o harmonium na Missa, em que amanhã os meninos do Colégio vão desobrigar. Não poderia V. S. vir ao Colégio pelas 6 1/4 horas? No caso que viesse ficar-lhe-ia muito obrigado este criado de V. S." (a) Augusto Stanislau Aureli (21).

"Ilmo. Snr. - Colégio São Luís, 24/4/1874."

"Escrevo-lhe a presente para lhe pedir o favor de vir domingo ao Colégio para tocar o harmonium na Missa Cantada e benção. Desejaria amanhã fazer um ensaio para os meninos. Talvez o P. Tadei (22) já lhe falou nisso. Porém pensei que talvez seria melhor para a prova outra hora, isto é, mais ou menos às 3 1/2 da tarde. Peço-lhe o favor de mandar dizer para o meio dia de amanhã se V. S. pode vir àquela hora". "Desculpe e aceite os sentimentos de estima deste seu criado obrigado" (a) Augusto Stanislau Aureli.

"Ilmo. Amigo e Snr. Elias Lobo"

"Nunca senti ser pobre como hoje; morreu o Snr. Antônio Freire, que na minha opinião podia se chamar benemérito da Ordem, foi um irmão modelo, e eu não posso hoje gastar dinheiro meu porque não tenho, nem da Ordem porque não tem, estando empenhada a fazer obras indispensáveis. Desejava 6<sup>a</sup> feira celebrar uma missa com encomendação sufragando sua alma. Vou pedir-lhe não sei se de favor ou se de esmola, a música que Vm<sup>ca</sup>. e Snr. Tristão dirigem e saiba que se não fora tanto merecimento que tributo a esse finado, eu jamais incomodaria a pessoa alguma, mas desejo que o homem virtuoso jamais possa ficar esquecido entre seus patrícios e mesmo seus irmãos!" "Se for possível o que peço, ao menos terei esse prazer na minha vida". "Santuário do Carmo, 2 de setembro de 1874. Seu parente e amigo afetuoso;" (a) Luciano Francisco de Lima (23).

Como se vê pelos pedidos que recebia, era homem prestativo e bondoso; jovial, alegre, sua modéstia não o fazia um misantropo, pois era sempre de ativa sociabilidade, e disto deixou registro um seu parente, descrevendo-lhe a figura: "Vestia-se com regular esmero, não tinha luxo. Não deixava a sua cartola, chapéu alto de pelo muito em uso nesse tempo. Conservava sempre cabelos compridos. Levantava-se cedo, e antes disso, tomava seu café costumeiro, e aí muitas vezes recebia visita de seus íntimos que encontravam-no sentado,"

19

" de pernas cruzadas, tendo a seu lado papel de música, pena e pertences, bem como fumo e palha de cigarros por ele mesmo caprichosamente preparadas. Nesses momentos, quantos ditos e bricadeiras eram dirigidos a seus visitantes...! Às vezes deixava, bruscamente, suas visitas e dirigia-se à sala próxima onde, ao piano, ia concluir o que antes havia começado a idealizar!..." "Nesse teor, nesse estado de bom humor, brincava com todos. A sua casa era um contínuo movimentar, pois o velho e sua consorte Elisa Lobo não tinham medidas, desfaziavam-se em gentilezas e a todos tratavam alegremente. Tinha uma predileção pelas plantas e, por isso mesmo, as que tinha em seu quintal tratava com esmero, principalmente as hortaliças" (24).

Em 1873 participou da Convenção Republicana de Itu e, pelo ano de 1875, resolveu cogitar de sua terceira ópera que ficou inacabada, "Sacrifício de Amor", tendo lançado, neste mesmo ano, em São Paulo, o Congresso de Professores que alcançou notáveis frutos. Foi quando deixou de residir em Itu, estabelecendo-se em Itatiba, e ampliando o número de seus discípulos, principalmente filhas de grandes fazendeiros desta cidade e de Campinas, a Campinas no auge de sua opulenta produção cafeeira, com educação das moçoilas no próprio lar, nas fazendas, e professores que compareciam para as aulas de música, dança, artes, uma língua estrangeira pelo menos - o francês - habilidades domésticas e demais complementos para uma educação esmerada.

Autor de tratado para ensino de música, em Itatiba, em 1876, fez imprimir a primeira edição do seu "Método de Música", (figura impressão de escrita tipo manual, muito bonita, que se abria com o seguinte prefácio:

"Dando publicidade ao presente Método, não tenho em mira glória alguma, mas sim a vantagem que daí possa resultar aos meus colegas e àqueles que quiserem dedicar-se à sublime arte da Música.

Nenhum dos métodos conhecidos por mim, segue a ordem de lições que tenho adotado, a qual tem sido de muito proveito para os alunos, pois alguns, mesmo com falta de inteligência, têm obtido vantagens com a aplicação do meu método.

A experiência que tenho tido no ensino feito pelo método que ora publico, autoriza-me a dizer que os alunos que tiverem habilitações para o estudo da música, poderão tornar-se músicos no curto espaço de seis meses.

O plano adotado no meu trabalho, consiste em explicar só o estritamente necessário para a lição que tem de dar o aluno, exigindo mais compreensão do que memória, tornando-se assim mais difíceis as seis primeiras lições, por ser necessário ao aluno conhecer o que é música, pauta, monossílabos da solfa, claves, compasso, semibreve, e pauta divisora, ficando para a segunda o conhecimento da mínima, da terceira e da semínima, etc.

Todos os caracteres da música são por mim denominados de

notas, e para ~~pre~~ exemplo apresento as seguintes perguntas e respostas:

- Que ~~uma~~ nota é esta?

Clave de sol.

- Em que linha está assinada?

Na segunda.

- Que solfa toma-se na segunda linha?

Sol &.

Ao dó, ré, mi &, chamo de solfa e não de notas, signos ou sons, não só porque notas, signos ou figuras, são todos caracteres musicais, e som o movimento vibratório do ar, como quando cantam-se as primeiras lições ou mesmo outras músicas com as sílabas dó, ré, mi, & solfejam-se, e, pergunto eu, que é solfejar?...naturalmente terei como resposta: é entoar a música pronunciando-se os monossílabos da solfa dó, ré, mi, &.

Uso um tema, variando-o conforme a capacidade do aluno, como se vê desde as primeiras lições, por entender que com este sistema, não só educa-se o ouvido do aluno, como faz-se ele ir conhecendo a diversidade de valores.

Convém que o professor que adotar o presente método, escreva lições idênticas aos exemplos que nele se acham, quando não sejam estas suficientes.

Conquanto reconheça a imperfeição do meu modesto trabalho, tenho todavia convicção de que, com o sistema adotado por mim, se conseguirá em menos tempo fazerem-se músicos, do que com outro qualquer método, e ofereço como prova a longa prática que tenho de ensino desde 1853, e a aplicação do presente método desde 1858.

Se tiver a felicidade de conseguir o meu desideratum dando à luz da publicidade o meu trabalho, dar-me-ei por recompensado.

Belém de Jundiá".

Sobre o Método, manifestou-se Rafael Coelho Machado, (a quem Elias Lobo chama de mestre) do Rio de Janeiro, em 30/10/1876, dizendo: "Agrada-me o laconismo das suas definições, pois que nas obras didáticas a prolixidade enfada os alunos senão os embarça; julgo que sua obra há de concorrer eficazmente para a propagação da música pela facilidade que oferece aos que por ela estudarem. Se não existissem as suas numerosas composições musicais que lhe têm criado uma bem merecida reputação, este novo trabalho por si só seria bastante para dar-lhe um lugar distinto entre os mestres; dou-lhe por isso os parabéns, e muito desejo que publique a sua obra o mais breve que lhe for possível".

Neste ano de 1876, compôs as suas nona e décima missas que, segundo Sacramento Blake, "são duas menores".

Elias e Carlos Gomes

Sem poder fixar a época do surgimento de uma lenda de inimizade entre os dois maestros, e aos que acolhem tál lenda de ter havido algum estremecimento de amizade entre o Maestro Elias Lobo e o seu colega de arte, Antônio Carlos Gomes, podemos transmitir o fato de ter ouvido, repetidamente, de filho de Elias Lobo, formal desmentido a essa fantasiosa narrativa. Não houve qualquer ressentimento entre os dois talentosos compositores. Sempre foram amigos e, quando Carlos Gomes chegou da Europa depois de sua gloriosa apresentação do Guarani em Milão, e de ter recebido entusiásticos elogios, foi à casa de Elias Lobo onde executou, ao piano e em presença do Maestro Elias e de seu filho, muitos trechos de sua recente ópera, solicitando, gentilmente, o juízo do seu colega de composição operística.

Os divulgadores da lenda do desentendimento entre os dois compositores, afirmam que a discórdia teve fundamento motivado pelas duas óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; e que as relações foram reatadas "na estação de Jundiaí"! Mostram desconhecer, por inteiro, as duas óperas, os dois libretos, pois, enquanto "A Noite de São João" seja uma ópera nacionalista, com festa folclórica, quadrilha e mais, com caraterísticos bem brasileiros, "Noite do Castelo" tem assunto integralmente europeu e se passa em Lisboa em 1250.

Talvez tenha servido de motivo à balela, a repetição da palavra "noite"; em dois títulos que muito se distanciam, mas que permitiram a fantasia transmitida como verdade. E veja-se que as óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; foram compostas, a primeira em 1858, e a segunda em 1860, quando poderia ter havido o suposto desentendimento entre os compositores. Mas justamente neste ano de 1860, "A Noite de São João" de Elias Lobo, foi levada à cena ~~em~~ ~~vezes~~ no Rio de Janeiro, e <sup>sempre</sup> ~~em~~ ~~vezes~~ regida por Carlos Gomes.

Se tivesse havido desinteligência, a paz entre eles só se teria restabelecido antes da partida de Carlos Gomes para a Europa, porque, quando ele voltou pela primeira vez, foi logo à casa de Elias Lobo executar trechos do Guarani ao piano. Mas Carlos Gomes partiu para a Europa em 1863, e ~~em~~ esta época não havia estrada de ferro e nem estação em Jundiaí! (25).

Leve-se ainda em conta            que Carlos Gomes nasceu na música. Seu pai Manuel José Gomes foi o iniciador do ensino musical em Campinas, para onde mudou-se em 1809. Quando nasceu Carlos Gomes

Quando nasceu Carlos Gomes <sup>em 1836</sup> em 1836, nasceu em ambiente de próspero ensino da música; tinha ele dois anos de idade em 1838 e já Campinas recebia da Europa os primeiros pianos da cidade, mandados pelo negociante e professor de música José Mendfes Ferraz.

Elias Lobo, nascido em 1834, dois anos antes de Carlos Gomes, não se sabe nem com quem aprendeu a ler. Sem nenhum preparo especializado, autor de duas óperas, podia submeter-se a estudos superiores na Europa para onde o mandaria, subvencionado, o nosso grande Imperador Dom Peddro II.

### Campinas

Campinas triunfava em todos os setores de sua vida, econômica, social, cultural e artística, ombreando com a capital da província e ameaçando-a de suplantá-la. Riqueza, luxo, viagens de estudos e de lazer, cultura geral e artística, atraindo elementos que vinham aumentar a sua ascensão. E Elias Lobo e sua filha Ana Esméria, constituíram esse elemento de elevação no campo da música, o que não passou sem um registro de professora reputadíssima pela cultura e pelas qualidades reveladas no seu magistério, Dona Josefina Sarmento, cronista de altos dotes:

"Temos, porém, notado que esse gosto, nestes últimos tempos, tem-se, por assim dizer, afinado, ampliado, educado mais, e isto desde que vieram para esta cidade professores como os snrs. Luís de Pádua e Giorgeti, maestro Elias Lobo e outros". "Temos ainda muitas outras pianistas não menos habilidosas, tais como as exmas. sras. dd. Placidina do Amaral, Ana Esméria Lobo, Ana Pinto, Amélia Lacaze, Cecília Almeida, Marciana Mendes e outras". Podemos dizer o mesmo quanto a cantoras distintas. Dentre elas destacam-se as exmas. snras. dd. Adelaide Lopes Gonçalves, Ana Esméria Lobo e Maria Monteiro". "A voz da exma. snra. d. Ana Esméria amolda-se principalmente a composições melancólicas. Então a voz desprende-se-lhe da garganta, suave, terna, dolorosa; é um queixume, uma prece soluçada que faz cismar, inundando-nos a alma de doce tristeza indizível" (26).

E Elias Lobo plasmava na memória dos que o admiravam, a figura do seu talento e a bondade de seu coração. Sua lembrança não se apagava nem mesmo para um soberano. Tinha o Imperador Dom Pedro II especial zelo pelos talentos e homens de valor; amparava-os e deles não se esquecia, acompanhando-os em suas vidas, como fez com Almeida Júnior que não se utilizou do primeiro apoio recebido do Imperador, e só se aproveitou de pensão paga por Pedro II, em nova insistência deste monarca que o fez seguir em estudos para a Europa. De Elias Lobo sempre se lembrou, como foi noticiado pela imprensa de Campinas, em 1878: "Vimos uma carta escrita do Rio por pessoa fidedigna que na mesma diz que tendo ocasião de falar com o imperador, este perguntou, com muito interesse, pelo nosso conhecido compositor Elias Lobo, lamentando que os paulistas não tivessem em tempo auxiliado esse maestro, na pretensão que manifestou de ir aperfeiçoar seu talento na Europa" (27).

Quem deixou também valiosas notas sobre Elias Lobo, foi o jornalista, poeta e delicioso escritor Carlos Ferreira. Em reunião de seus artigos, encontramos crônicas de doce evocação do passado de Campinas, logo após o estabelecimento de Lobo nesta cidade:

"Foi aí, nessa aprazível cidade, que ficamos amigos, que convivemos, que nos tornamos íntimos. Nunca mais deixarei de lembrar, (e com que saudade!) o dia em que pela primeira vez fui recebido no abençoado lar doméstico do exímio maestro.

Era o dia de Natal. Lá se vão certamente uns bons vinte e três anos... Como o tempo voa! (28).

Eu fora convidado para jantar em sua casa, em companhia do "seu povo", segundo sua própria expressão. Vivia ainda a sua primeira consorte, a boa, a carinhosa d. Elisa, tão simples como ele, e tão modesta, não obstante toda a natural fidalguia com que costumava receber os amigos da família, com uma lhaneza e afabilidade incomparáveis, verdadeiramente cativantes!

O jantar correria alegre, muito na intimidade das pessoas presentes, que eram poucas, e nesse número estava o saudoso amigo - o Francisco Quirino, o grande poeta campineiro que a todos encantava com os brilhantes conceitos da sua facúndia inesgotável e com a sua bondade sem limites.

Morava então o maestro na casa onde residira, pouco tempo antes, o amigo Lisboa, onde estivera instalada a "Gazeta de Campinas", (que recordação pungente!) rua Formosa, hoje da Conceição, esquina de Lusitana.

Que deliciosos doces e que música deliciosa todos nós saboreamos e ouvimos nesse dia memorável!

O Elias era incansável ao piano, executando e cantando à meia voz os melhores trechos de sua ópera "A Louca"; e, quando interrompia a execução era para me narrar os episódios emocionantes da primeira fase de sua vida artística, os trabalhos e apouquentações de toda sorte porque passara no Rio para conseguir a exibição da sua primeira partitura - "A Noite de S. João", letra do grande José de Alencar; e as adversidades de que fora vítima

com aquela outra, acima mencionada; a entrevista que tivera com o Imperador, e como lhe falhara a ocasião de ir estudar e aperfeiçoar o seu gênio lá pela poética Itália....

Tudo isto eu ouvia com grande atenção, com profundo interesse, e quando deixei a casa do inspirado compositor, que chegou a ser em certa época digno émulo de Carlos Gomes, eram dez horas da noite. Levava de tudo e de todos uma forte e boa impressão que dura até hoje - suave, benéfica, cheia de atrativos e de encanto.

Que música deliciosa, e que deliciosos doces sabores eu nesse memorável dia!

---0---

Passaram tempos.

Uma vez, entra-me em casa, muito apressadamente o insigne compositor, revelando na fisionomia o que quer que fosse de preocupações importantes.

Eram duas da tarde.

Fazia intenso calor. O maestro sentou-se, puxou de um lenço que trazia ao pescoço à laia de mantinha para aparar o suor da fronte, enxugou o rosto, assoprou para o ar em sinal de fadiga, e dirigiu-me a palavra:

- Prepare-se para grandes coisas!

-Hein? exclamei eu. Que é que há?

-Você vai escrever um libreto.

-Eu? Ora essa! É coisa em que nunca peguei. Libreto para que? para quem?

-Para mim. Vou escrever outra ópera... Está aqui já.... E apontou solenemente para a testa. Tenho-a toda aqui.

Dei uma risada, confesso que dei. Achei graça no rompante. Uma ópera! e eu a escrever libretos! Ora tinha infinita graça o caso!

O Elias continuou:

Que eu me deixasse de gracejos; a coisa era séria. Ele ia escrever outra ópera... Havia de escrevê-la... e porque não? Havia. Havíamos...

E passou a contar-me o complicado enredo do drama lírico, muito cheio de sentimento, de paixões, de suspiros e ais, e ao fim da narrativa sacou do bolso um papel. Era o esboço do libreto com o título "O Sacrifício de Amor", ópera em 4 atos, e em seguida desfilavam os personagens.

-Oh! homem! Mas eu nunca escrevi libretos! exclamei.

Foi tudo em vão. Não houve razões que o convencessem, e eu tive de me resignar a dizer que sim... que escreveria o drama, mas mediante duas condições essenciais: resumir o título e mudar o nome do protagonista que se chamava Teobaldo, nome de minha

particular embirração.

A ópera devia se intitular simplesmente - "Sacrifício". O personagem chamar-se-ia Oscar.

Não quis. Seria tudo como estava no papel. Não aceitava emendas. Pegou no chapéu e saiu...

Eu peguei em mim e fui dormir à sesta.

Fazia um calor horrível...

Escrevi o primeiro ato do libreto. Céus! ainda me lembro até hoje do titânico esforço que fiz! Gastei dois meses!

Um oceano de versos. Começava assim, o primeiro coro de caçadores:

"Da floresta se alevanta

Divino, intenso rumor:

É a natureza que canta

O hino eterno do amor!"

Seguiam depois as cenas apaixonadas, os diálogos quentes, e eu fui ficando de tal arte possuído da minha missão, que, quando dei acôrdo de mim, vi que tinha feito nada menos que um colossal poema para fazer dormir dez platéias!

Percebi que o negócio saíra comprido demais, mas... o que estava feito estava feito, como dizia o velho Imperador com relação à República. De resto, eu estava disposto também a ser teimoso. Nada cortaria. Tudo como estava no papel.

Quando fui à procura do maestro e entreguei-lhe o cartapácio, ele, com um ar muito satisfeito, disse-me que depois, com vagar, leria o ato e me diria que opinião formava.

Respirei. Eu tinha medo que ele lesse à minha vista todo aquele interminável aranzel. Era a justa comoção de um estreado bisonho.

Três dias depois, quando me apareceu, vinha sorridente. Apertou-me a mão, deu-me os parabens.

Que estava maravilhado com tanta fecundidade! Eu não escrevera um ato de uma ópera, mas sim três óperas, a julgar pelo papel ocupado. Todavia, ele não vinha discutir a quantidade, mas a qualidade da coisa...

- Eu não lhe disse? atalhei-o; eu bem lhe disse que não sabia.

Fez-me um gesto e alisou com a mão a basta cabeleira castanha. Que eu esperasse, que o ouvisse primeiro. Os versos estavam bons, mas a música tinha exigências cruéis que muitas vezes transformavam versos certos em versos errados.

E entrou a indicar-me os versos que deviam ser quebrados para se adaptarem à música, as palavras que deviam ser substituídas para não darem lugar a cacofonias; as entranças eufônicas que era de mister arredar, enfim pedia-me uma transformação geral em tudo, e punha-se a contar pelos dedos as sílabas, cantava, via

que ao fim do canto as palavras davam sons horríveis, e concluía, bradando: Impossível; é preciso fazer tudo de novo. O seu verso é que deve caber na minha música e não a minha música no seu verso.

Enfim, para encurtar a história: basta que eu lhes diga que escrevi três vezes o primeiro ato do "Sacrifício de Amor", de maneira que só na terceira vez é que serviu, e isto mesmo com grande custo!

E nisto ficou. Nunca mais escrevi o segundo ato... Quando eu pensava nele via diante de mim um tremendo abismo, e recuava de horror!...

O que lhes posso, porém, garantir, é que a música que ele deixou, feita para o ato escrito, é de um sentimentalismo e de uma docura celestiais. Um verdadeiro mimo!...

---0---

Bom e talentoso Elias!

A esta hora está ele, provavelmente, na mansão dos justos em que tanto punha a sua fé de crente sincero, de espírito piedoso e resignado.

Deixando este mundo onde as suas nobres aspirações de artista não foram compreendidas, e onde viu desfolhadas uma por uma as rosas de suas ilusões, sem que o seu gênio de poeta se revoltasse contra as brutalidades do destino, voou sorrindo às regiões gloriosas dessa vida de que ele tanto falava...

Agora lá, sentindo-se perfeitamente feliz, continuará a sonhar... a sonhar... a sonhar sempre.

Amparo, dezembro de 1901" (29).

A vida ativa do Maestro continuou no ensino e nas execuções musicais, e em nova edição, de 1882, do seu tratado de ensino, como noticiou a imprensa: "Método de Música - Vimos a última prova da segunda edição do método de música do maestro Elias Lobo, e que está sendo impresso nas oficinas litográficas do sr. Jules Martin, em São Paulo. O seu autor corrigiu alguma coisa nesta edição, bem como aumentou diversas lições e explicações, tornando o método mais fácil para os snrs. professores o explicarem. Na opinião de pessoas competentes este método é o mais apropriado para o estudo da música. Seja, pois, bem vindo esse trabalho" (30). "

"Método de Música - O distinto maestro Elias Lobo ofereceu-nos ontem um exemplar do seu muito conhecido Método de Música, reimpresso agora em 2ª edição. É um trabalho que tem merecido dos entendidos o melhor acolhimento, e isto está provado pelo fato de ter-se esgotado a primeira edição. Acham-se à venda os exemplares em casa do autor, a quem agradecemos a oferta do folheto" (31).

Não faltou o reconhecimento do valor do Maestro Elias Lobo. A mesma imprensa logo depois noticiava: "S. Musical Elias Lobo - Na cidade de Santos foi ultimamente organizada uma sociedade musical a que deram a denominação de Elias Lobo, em sinal de homenagem ao conhecido maestro desse nome e que reside nesta cidade. A escolha do título não podia ser mais acertada por isso que faz lembrar um nome digno por certo de estima de todos. Os fins daquela sociedade são, segundo nos informam, idênticos aos da Carlos Gomes, de Campinas; isto é, proporcionar a seus sócios ensejo de cultivar a arte musical do modo o mais agradável possível" (32).

Do ano seguinte, 1883, é uma importante composição do Maestro, a "Oratória de Nossa Senhora da Conceição", composta para a inauguração da Catedral de Campinas, a 8 de dezembro, noticiada pela "Província de São Paulo":

"Nas cerimônias religiosas do dia oito, o contingente musical foi importantíssimo, e muita gente foi expressamente a Campinas ouvir as novas composições que deviam ser cantadas naquele dia.

Em primeiro lugar a ORATÓRIA de Elias Lobo, escrita para aquela ocasião, peça a grande orquestra, com dois coros de anjos cantados por 50 senhoras; primeiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Cândida de Queirós Teles; segundo coro - solo do anjo Gabriel - pela exma. sra. d. Adelaide Lopes Gonçalves, com acompanhamento de harmonium pelos srs. Emílio Giorgeti e Antônio Álvares Lobo; terceiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Ana Esméria Lobo; solo de S. José - pelo sr. Jerônimo Lobo".

"Foram mais cantadas na mesma solenidade uma missa de Elias Lobo e uma Ave Maria, solo ao pregador, do mesmo maestro, cantando este solo e os da missa a distinta professora d. Ana Esméria Lobo, soprano de pequeno volume, mas de timbre agradávelíssimo e notáveis recursos de vocalização".

"A Ave Maria de Elias Lobo é um mimo. Inspiração delicadíssima, estilo mais lírico que religioso, doce e límpida melopeia vestindo frases sacras, é peça \* de fino quilate e constitui verdadeira jóia. A ligeira composição foi traçada de um jato, e mimosamente orquestrada. Foi deliciosamente interpretada pela filha do autor, d. Ana Esméria Lobo" (33).

Uma segunda despedida foi escrita pelo Maestro, e está publicada na imprensa da Corte, no jornal de Saldanha Marinho:

"Em dezembro próximo passado, quando aqui estive, Sua Magestade o Imperador designou o dia 25 de março para ir à cena a minha ópera - A Louca - à qual faltava concluir o 4º ato. O Sr. Amat, aceitando o dia marcado, disse-me que escrevesse as duas cenas que faltavam, e por isso parti logo para São Paulo."

"Aí, doente de cama, concluí a ópera, e em janeiro foi ela entregue ao Sr. Amat. por intermédio do Sr. Dr. Varejão. Em março achei-me eu nesta Corte. e, se a ópera não foi executada, minha não foi a culpa".

"Prefixou o Sr. Amat o dia 3 de maio para levar a ópera à cena; não anuí, porque vi que não bastava o tempo, sob pena de má execução; por isso que só se havia feito um ensaio a 5 de abril, sendo eu o ensaiador. Concordamos então em levá-la em meados de maio."

"Neste ínterim foram despedidos a Sra. D. Carlota Milliet e o Sr. Ribas e a ópera continuou fora de ensaios. Propôs-me o Sr. Amat muitas vezes que eu cedesse à Sra. D. Luísa a parte de Angelina; respondi todas as vezes que não, por havê-la eu escrito para a Sra. D. Carlota, e não querer envolver-me em negócios de bastidores. Acrescentei que se a Sra. D. Carlota não aceitasse a parte por obséquio, então desse-a o Sr. Amat a quem lhe parecesse".

"Fui intermediário entre ambos; a Sra. D. Carlota respondeu-me que aceitava a parte para obsequiar-me, e quando tudo parecia marchar a um fim, foi a parte retida àquela artista a pretexto de continuar-se a cópia. Tal cópia não continuou."

"Fizemos dois contratos. e ambos formulados no mais pleno acordo, nunca foram assinados pelo Sr. Amat, que a isso se recusou sempre. "

"Resolvi retirar-me; mas o Sr. deputado Dr. Rodrigo Silva não m'o consentiu dizendo-me que se obrigava pelo Sr. Amat, e que a Louca iria à cena. Cheguei a um acordo com o Sr. Amat, e foi marcado o dia 29 de julho para a execução da ópera".

"A 19 de julho procurou-me o Sr. Amat, e disse-me que os Srs. Dr. Araújo e Francisco Manuel queriam falar-me. Fui à casa do Sr. Francisco Manuel, e aí o Sr. Dr. Araújo disse-me que se representaria a Louca com o melhor pessoal, mas que eu não fosse exigente. Respondi que nunca o havia sido, e nessa ocasião declarei que prescindia de qualquer interesse pecuniário. Obrigaram-se então a fazer começar os ensaios para levar a ópera no dia 7 de setembro. Não se fez um só ensaio. Resolveu-se adiar a representação para 25, até 30, desse mês. O mesmo aconteceu."

estimada egosava do mais sincero respeito de todas as pessoas que a conheciam e cultivavam sua amizade". "Enterro: DEU-se ontem o saimento do cadáver da sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, esposa do Maestro Elias Lobo. Na matriz da Conceição foi feita a encomendação acompanhada pela orquestra Sant'Ana Gomes, sendo o féretro seguido até o cenitério por crescido número de pessoas"

Seis meses após, em junho de 1884, patenteou-se de novo o valor do Maestro com a distinção que lhe concedeu o Clube Internacional de São Paulo, na época um dos mais prestigiosos organismos da vida social e cultural do Estado:

"Ilm<sup>o</sup> Snr.

A Diretoria do Club Internacional, usando das disposições do art. 4<sup>o</sup> § 3<sup>o</sup> dos Estatutos que nos regem, pois que reconhecem em V. S<sup>a</sup>. o verdadeiro mérito artístico, deliberou em sessão de 6 do corrente, convidá-lo a aceitar o Diploma de Sócio Honorário deste Club.

Esperando que se digne aceitar este convite, junto o respectivo Diploma, e pomos a seu dispor os salões do Club, que nos obsequiará freqüentando-os.

Deus Guarde a V. S<sup>a</sup>.

Ilm<sup>o</sup> Snr. Maestro Elias Álvares Lobo - Campinas".

De (a) Eduardo Prates - 1<sup>o</sup> secretário. De próprio punho, e em belíssima letra, é este ofício honroso subscrito pelo futuro e benemérito Conde de Prates, figura de tanto relevo na vida de São Paulo; vem datado de 11 de junho de 1884. Está na coleção do autor.

~~Da Itália também chega um mimo para o Maestro, como publicou o jornal Gazeta de Campinas: "O Maestro Elias Lobo, acaba de receber da Itália, uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma suave melodia, simples e de muito efeito. Carlos Gomes dedicou essa composição à exma. sra. d. Ana Esmeria Lobo, filha daquele seu amigo" (35).~~

Completava o Maestro cinquenta anos a 9 de agosto de 1884; neste mesmo dia casou-se com a jovem Isabel de Arruda, filha de conhecidos seus. De sua correspondência se destaca a carta de Dom Joaquim José Vieira, fundador da Santa Casa de Campinas e Bispo do Ceará:

"Fortaleza, 4 de novembro de 1884. Primo Elias.

O longo espaço de tempo interposto à recepção de sua carta e esta resposta, talvez lhe tenha causado estranheza. Mas, sabendo o meu Primo que eu me achava ausente desta capital desde o dia 14 de junho até 20 de Setembro, modificará qualquer juízo desfavorável aos meus sentimentos de amizade para com a sua pessoa e Família.

Recebi a sua carta no Sertão, quando me achava em laboriosa visita episcopal; li-a com toda atenção e interesse de quem

se lembra dos parentes e amigos.

Não estranhei o seu procedimento, casando-se 2ª. vez, é um o caminho que segue o comum dos homens: ou se entregam às orgias, ou casam-se, o seu não podia escapar a um costume geral; felizmente, porém, escolheu o melhor casando-se.

A Família naturalmente se dispersará, porque é muito difícil haver perfeita harmonia entre madrasta e enteados já crescidos como são os seus filhos; entretanto a prudência de sua parte muito concorrerá para o império da paz; a mim incumbe-me o dever de agradecer-lhe a comunicação, e pedir a Deus abençoar o seu novo consórcio, prosperando os seus dias na sua santa graça.

Recebi também uma cartinha do Paulo (36), dando-me notícias da Família; não tenho apreciado o prolongamento da enfermidade de Ana Esméria (35), quer me parecer que a saúde dela dependerá também do casamento, não sei se me engano muito.

Escrevi, antes de partir para a minha visita, ao meu Tio Antônio Álvares, ~~xxxxxx~~ não sei se ele recebeu minha carta, pois não acusou seu recebimento.

Finalmente vou concluir, pedindo-lhe me recomende a todos de sua Família, à sua nova consorte, e a todos os nossos parentes de Campinas e Itu.

Aceite um abraço saudoso do Seu Primo e Amigo

(a) Joaquim, Bispo de Ceará

P. S. Quando fizer suas orações ao Sagrado Coração de Jesus e as preces de Maria Santíssima, lembre-se do seu Primo e Amigo." (37)

Não se cumpriu a previsão do Bispo; a madrasta, pela sua bondade e paciência, não permitiu as desavenças e se tornou estimada por todos. Seu marido, sempre professor e tendo também como professora de música a sua filha Ana Esméria, deixou Campinas pela capital; filhos homens, do primeiro casamento, se haviam fixado em Campinas, cidade que o Maestro continuou freqüentando como fez no dizer do correspondente jornalista: "Há pouco tempo, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, na respetiva capela foi executada uma das suas músicas, fazendo parte do coro diversas exmas. senhoras, e assumindo a regência da orquestra o saudoso maestro. Assim parece que se despedia ele para sempre daquele templo onde - católico fervoroso - encontrava no santo nome da padroeira, o bálsamo consolador para os sofrimentos deste mundo" (38).

Já com os filhos Maria do Carmo, nascida e batizada com 16 dias, ~~xxxxxxxxxxxx~~ a 16 de junho de 1885, e Leão, nascido a 27/10 e batizado a 6 de dezembro de 1886, em Campinas, ~~xxxx~~ passou o Maestro a residir em São Paulo, em casa situada à direita da igreja de Santa Cecília, esquina da rua Dr. Abranches. cremos que logo se tornou professor de música da Escola Modelo Maria José, do Governo do Estado, pois continuou vivendo do ensino de sua arte.

Em 1890, estava o seu filho Paulo na Faculdade de Direito, e, em 1893, era voluntário das forças que combatiam a revolta da armada. Ainda em 90, teve o Maestro abalada a sua saúde; em carta de 2 de outubro, dizia a sua filha Ana Esméria ao irmão José, residente em Campinas, onde advogava, assim como o outro irmão, Antônio: "papai tem passado bem incomodado estes dias, e na segunda-feira nos assustou muito com o abatimento em que ele ficou".

Em 8 do mesmo mês, o próprio Maestro dirigia carta ao mesmo filho para informar:

"Eu não passo bem; tive há dois dias uma repetição do desfalecimento que, vos escrevi, tenho sofrido; o Dr. Tibiriçá disse-me que são vertigens do estômago pela debilidade em que me acho, ~~e~~ que pode ser causada pela grande interrupção do iodureto. Que eu tenho pouco sangue e que devo fazer uso do vinho no almoço e jantar, não usando há um ano pela proibição que me fez o Dr. Eduardo, a 4 de outubro do próximo passado ano" (39).

A vida do Maestro em São Paulo foi ativa na sua arte e nas suas relações sociais, com o elevado conceito de que sempre gozou, e estimado como era pelos seus alunos e amigos, estes numerosos nos meios da recente República e aumentados com as suas convicções republicanas e com as dos filhos, dois dos quais já advogados em Campinas e partícipes ativos da propaganda. Alcançar notoriedade e vasto círculo de amigos, sem sair da modéstia de seus bens materiais, significa a amplitude de qualidades morais.

Uma talentosa memorialista, aluna do Maestro, registrou recordação do tempo em que ele lecionava na capital, ou melhor na Escola Modelo Maria José, o único, segundo cremos, cargo oficial de professor que ocupou. Relata a paulistana Laura de Oliveira Rodrigo Otávio, tratando da escola que frequentou, a Maria José: "era no Bexiga, bairro distante, povoado por italianos, separado da Vila Buarque pela várzea por onde passa hoje a Avenida 9 de Julho". Ali se cantavam "lindas músicas de autoria do Maestro Elias Lobo" (39).



Não encontramos composições do Maestro depois de sua fixação em São Paulo. É possível que se tenha só dedicado ao ensino e, devoto como era, a distribuir as benemerências de seu coração. Tornou-se organista da Igreja de Santa Cecília, da qual foi sempre paroquiano, desde sua criação em 1895, até sua morte. Depois de residir ao lado de sua igreja paroquial, mudou-se, ainda em território da mesma paróquia, para a rua Barão de Tatuí, à esquerda de quem sobe a rua, em casa maior e de vasto quintal, que lhe alugara a Senhora Maria Angélica de Queirós Barros, também paroquiana, e protetora da mesma paróquia.

A sincera religiosidade do Maestro, teve de um sacerdote afirmativa de subido valor para apreciarmos sua personalidade: espalhava "em torno de si, amor e luz como fardis". A certa altura da vida, adotou, como piedosa devoção, rezar tantos terços do rosário quantos dias estava tendo de vida. Da contagem destes terços, uma anotação sua chegou a nossos dias, documentando sua piedade mariana:

(clichê)

Pela contagem, deveria ter ele iniciado a oração de seus terços, relativamente a seu passado, a começar de seus quinze anos de idade, 9 de agosto de 1849; porém, pela continuidade dos apontamentos, vê-se que estendeu sua oração para a plenitude de seus dias de vida. Anotou também quando, rezando pelo tempo passado, faltava-lhe rezar ainda por "6 anos", e mais "dezenove terços". Mas o curioso é que tomou por base para apurar quantos terços deveria rezar, terminando seus cálculos quando completasse 67 anos; e foi com esta idade e mais quatro meses de vida, que faleceu. Saberá ele com que idade morreria?

Pode-se concluir que ele tenha rezado tantos terços quantos dias teve de vida, ou sejam 24.582 terços, número que está registrado, por aproximação, em suas próprias notas.

Da intervenção sobrenatural na prática de sua caridade, Afonso Schmidt escreveu uma crônica comovente:

" O maestro Elias Lobo - contou-me um seu sobrinho - ali pelas tantas da tarde, costumava recolher-se ao quarto, fechava-se por dentro e, durante horas, esbragava humildemente as contas do terço. A família, conhecedora de seus hábitos, não o importunava. Mas as criadas, principalmente as recém-entradas para o serviço da casa, não se conformavam com aquilo.

Uma delas, passando certa vez pelo corredor, diante da porta do quarto do maestro, ouviu lá dentro um vivo diálogo. Sentia-se espicaçada pela curiosidade, empurrou a porta, que dessa vez estava apenas cerrada, e entrou. Mas quase caiu de pasmo. Viu o patrão deitado na cama, as mãos cruzadas no peito, a falar sozinho. A lâmpada, que brilhava dia e noite aos

39

pés de São José, flutuava no espaço. Tinha saído do oratório e, serenamente, pairava no ar como se invisível mão a sustivesse no passeio. Com a aparição da intrusa, a chamazinha voltou ao nicho e o músico se levantou do leito, para dizer, sem vislumbres de censura:

- Nunca mais faça isso. Quando eu estiver conversando com os meus mortos, ninguém deve entrar neste quarto.

Que fazia todas as tardes o notável compositor nas suas conversas com aqueles a quem chamava de seus mortos? Caridade. Sim, caridade. A verdade era que, quando ele deixava o quarto, ia depressa levar o dinheiro e mantimentos a criaturas desamparadas que moravam nos pontos mais distantes da cidade.

Certa vez, por achar-se doente, não quis levar a cabo sozinho uma dessas missões. Por isso, chamou o filho, um rapaz de quinze anos, apanhou o de que precisava e saíram juntos. Andaram cerca de meia hora e chegaram ao centro. Na rua das Flores, esquina de Santa Teresa, os dois encontraram o simpático Padre Chico (40), que ali estava postado à espera de alguém ou de alguma coisa. Eram amigos. No São Paulo daquele tempo, todos conheciam o velho padre e o velho músico.

Vendo-o chegar, seguido pelo rapaz, Padre Chico perguntou-lhe:

- Você também recebeu o aviso?

- Também.

- Pois a casa é aquela...

Depois dessas palavras, o padre, o músico e o rapaz dirigiram-se a um casebre na rua das Flores. A porta e a única janela estavam fechadas. Bateram. Lá dentro nada, nem sinal de vida. Bateram novamente, com mais força e dessa vez tiveram como resposta um gemido. Forçaram a tramela e entraram.

O interior estava escuro e frio. No catre, abandonada, sem forças para erguer-se, para pedir auxílio à vizinhança, uma velhinha paralítica morria à míngua. Vendo-os arregalou os olhos e ajuntou as mãos numa prece.

- Quem lhes contou que eu estava aqui abandonada?

Os dois velhos entreolharam-se e sorriram.

A doente continuou:

- Ha três dias estou aqui morrê-morrendo, sem poder chamar ninguém. Sua visita só pode ser milagre, um milagre do céu..." (42).

Conta o cronista Francisco Mariano da Costa Sobrinho, o que já se conhecia pelo dizer dos filhos, que o Maestro havia pedido a São José, uma casa de morada para sua segunda esposa e suas filhas, depois de sua morte. Enfermo, recebeu a visita de Dona Maria Angélica de Barros, com quem mantinha estreita amizade e de quem era inquilino. Nesta visita, Dona Maria Angélica entregou-lhe a escritura de doação da casa em que residia o Maestro, doação que fazia para a esposa e filhas do Maestro. Ao agradecer, relatou Elias Lobo que se prepararia para a morte, pois havia pedido a São José, há mais de quinze anos, que só o deixasse morrer quando a esposa e as filhas dispusessem de casa para morar. E foi atendido (43v).

O Maestro faleceu em São Paulo a 15 de dezembro de 1901, pelas 12 horas e 20 minutos, tendo grande acompanhamento o seu funeral, e numerosas manifestações de pesar pela imprensa do país, em jornais como o Diário Popular, o Correio Paulistano, o Comércio de São Paulo, o Estado de São Paulo, Novidades - da capital do Estado. O Jornal do Comércio, A Notícia - do Rio de Janeiro. O Diário de Santos, O Diário de Minas, o Jornal de Piracicaba, A Comarca de Moji-Mirim, o Diário de Rio Claro, o Comércio de Amparo, a Cidade de Amparo, a Cidade de Itu, a Cidade de Bragança, o Botucatuense, o Correio Católico de Uberaba, a Gazeta de Ouro Fino.

Pelo centenário de nascimento do Maestro, a Corporação Musical União dos Artistas, de Itu, programou e executou atos de homenagens para o dia 9 de agosto de 1934, homenagens oficializadas pelos poderes públicos. Além destes atos, entre os quais constava a inauguração de placa de rua com o nome do Maestro, foi impressa uma poliantéia, na qual colaboradores discorreram sobre ele e características de sua privilegiada personalidade. A capital do Estado e Campinas também o homenagearam com o seu nome em ruas da cidade.

Em 1875, quinze anos depois do fato, Paulo Egídio de Carvalho escreveu, em artigo da Imprensa, sobre as primeiras encenações de "A Noite de São João":

"Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Apenas na idade de quinze anos, e quando já começavam a assomar os primeiros pruridos do seu bonito talento, Elias viu-se só e desamparado no teatro do mundo, sem uma mão amiga que lhe dirigisse os passos inexperientes, que lhe franqueasse os meios de seguir a carreira literária, que reclamavam suas opulentas faculdades artísticas. Nasceria, porém, artista; nada pôde sufocar-lhe a bonita vocação que já se expandia em fúlgidos clarões."

"De fato, em 1850 começou a fantasiar na rabeça algumas contradanças bem apreciadas, e logo em seguida escreveu muitas quadrilhas, valsas, schottishs, várias músicas para banda, marchas e dobrados, e algumas para igreja, ladainhas, Tantum-ergo e muitas outras. A 1ª de setembro de 1856 desposou a D. Elisa Eufrosina da Costa, filha do cirurgião Francisco Mariano da Costa; e nesse mesmo ano compôs a sua primeira missa."

"O apreço que mereceu esta sua primeira composição sacra incitou-o a novos cometimentos neste gênero: escreveu mais quatro, sendo a última a grande missa de São Pedro de Alcântara, dedicada ao sr. D. Pedro II, e geralmente estimada como o seu mais belo primor no gênero. Data ela de 1858."

"Em dezembro deste ano proporcionou o acaso um novo gênero para Elias, o gênero lírico. Encontrando-se nesta capital com o nosso estimável patricio, o sr. dr. Clemente Falcão de Sousa Filho, deu-lhe este notícia do libreto do nosso insigne escritor, o sr. conselheiro José de Alencar, denominado "A Noite de São João", publicado no "Diário do Rio de Janeiro". Apenas o leu, no intervalo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notável ópera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em família."

"A instâncias de amigos seus que o aconselharam a orquestrá-la, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à corte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira <sup>44</sup>, Macedo Soares <sup>45</sup>, <sup>46</sup>, Bitencourt Sampaio <sup>46</sup>, Azarias <sup>47</sup> e outros, plêiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da

Academia de São Paulo."

Começaram então seus triunfos artísticos: os jornais desta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distinto maestro paulista."

"Em julho de 1860 voltou Elias à corte com sua ópera orquestrada e tratou de representá-la, tendo recebido de D. Pedro II o mais benévolo acolhimento. A companhia da Ópera Nacional, então extinta, reorganizou-se ao aparecimento de "A Noite de São João". Foi dada a regência daquela ópera ao seu illustre irmão de arte, Antônio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez à cena. Seis vezes seguida e representada, "A Noite de São João" atraiu em todas elas a mais luzida concorrência e arrancou para seu autor as mais ardentes ovações."

~~(47)~~ 48

Em 1890, escreveu Oscar Guanabary pelas colunas de "O País":

"Trinta anos completam-se hoje que, pela primeira vez, foi representada no Teatro São Pedro de Alcântara (antigo Provisório) pela companhia da ópera nacional, da qual era empresário D. José Amate, "A Noite de São João" de Elias Lobo. Foi esta a primeira ópera brasileira, escrita sobre costumes nacionais e música análoga, sendo o libreto do conselheiro José de Alencar.

Em 1861 Elias Lobo escreveu a Louca, libreto do dr. Aquiles Varejão, que tinha de ser representada por ocasião da inauguração da estátua de D. Pedro I, sendo transferida para outra época, até que quando tinha ele de, por conta do governo, ir à Europa estudar, contando para o mesmo fim com o resultado do seu benefício com a Louca", o que não obteve como relataremos adiante.

E continuou Guanabary: "assim é que começou a terceira partitura, cujas notas eram bordadas sobre versos de Carlos Ferreira, mas não terminou o trabalho iniciado em 1875, sob o título -Sacrifício de Amor-. Um fragmento dessa ópera, de uma delicadeza real, acha-se incorporado na 12ª das missas que escreveu.

Em 1886 Afonso Celso Júnior prometeu-lhe um libreto, de assunto nacional, que infelizmente não foi levado a termo, que nos conste.

Mas, não se pense que Elias Lobo, forçado pela necessidade, coagido à luta pela vida, desprezasse a inspiração nativa, nas poucas horas de lazer.

Além das duas grandes oratórias, a do Carmo representada em Itu em 1864, e a do Natal, exibida em Campinas em 1883 por

ocasião de se inaugurar a Matriz Nova, o maestro deixou outras peças sacras como a Três horas de agonia, todos os ofícios da semana santa, 13 missas das quais seis a grande orquestra: 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup>. Dessas a mais popular é a 1<sup>a</sup>, a de São Pedro de Alcântara, dedicada ao imperador, e que se divulgou por todo o Brasil ~~49~~ 49

Sacramento Blake, biógrafo e dicionarista, foi quem compôs uma das melhores relações de obras de Elias Lobo, pelo que dele se tem valido a maior parte dos que escrevem sobre o Maestro:

"Fundou em 1863 a sociedade musical Filomela, fornecendo ele as peças precisas, que compunha, e em 1866 a sociedade Orfelina, também musical. Abriu em 1865 uma aula gratuita desta arte, e em 1875 convocou em São Paulo todos os professores dela a um congresso, onde se tratasse de elevar a classe e auxiliar as vocações esparsas para o estudo dos bons métodos, pedindo ao governo uma subvenção para uma aula superior de música e a isenção do sorteio militar para a classe. Foi em 1863 escolhido pelo diretório da ópera nacional para ir à Europa estudar os grandes teatros; mas sendo casado e não obtendo meios com que sua família pudesse subsistir em sua ausência, não aceitou a distinção, continuando em Campinas a lecionar piano e canto. Escreveu:

Métoda de Música. São Paulo 1876 in 4<sup>o</sup>. Segunda edição, São Paulo, 1882.

Missa n<sup>o</sup> 1 - escrita em 1855 e exibida pela primeira vez na grande festa celebrada em setembro do mesmo ano na cidade de Tietê.

Missa n<sup>o</sup> 2 - escrita em 1856 para a festa de Nossa Senhora do Carmo; executada a 20 de julho.

Missa n<sup>o</sup> 3 - em 1857 para a festa do Espírito Santo, executada a 31 de maio.

Missa n<sup>o</sup> 4 - em 1858 a pedido do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. que, ouvindo-a em ensaios, quis que fosse dedicada ao Imperador com o título de missa de São Pedro de Alcântara. Foi cantada este ano na cidade de Itu, e na capela imperial a 1 de dezembro.

Missa n<sup>o</sup> 5 - em 1864 por ocasião da solenidade feita pela Ordem 3<sup>a</sup>. do Carmo na restauração de referida igreja.

Missa n<sup>o</sup> 6 - escrita em 1867 com dois credos.

37

Missa nº 7 - em 1873 para a festa do Senhor Bom Jesus a 1 de janeiro de 1874. Esta missa tem grandes solos, concertatos, etc.

Missa nº 8 - em 1874 para a mesma festa em 1 de janeiro de 1875.

Missa nº 9 e 10 - em 1876. São duas menores, Oratória de Nossa Senhora do Carmo com coros de anjos, de irmãos terceiros e de povo, com as personagens de São Simão Stoke e de Santa Teresa, escrita e executada em 1864 na solenidade da missa nº 5.

Oratória do nascimento e circuncisão de Jesus Cristo - escrita em 1874 e executada a 1 de janeiro de 1875, com dois coros de anjos, de pastores e ~~de~~ camponeses com os personagens, o arcanjo São Gabriel, a Virgem Santíssima e São José.

As Três Horas de Agonia - em 1867, executada na sexta-feira santa em Itu. É de grande execução.

Semana Santa - em 1872, executada no mesmo ano. O autor nesta obra separou-se do estilo seguido pelos outros mestres, procurando traduzir os textos em notas, como se escrevesse uma tragédia lírica.

Matinas do Santíssimo Sacramento.

Matinas do Espírito Santo.

Encomendações de defuntos (duas).

Novenas de Nossa Senhora da Assunção.

Te Deum Laudamus.

Árias de pregador.

Motetos para o Senhor dos Passos

Padre Nosso (em português).

Salve Rainha (idem).

No gênero lírico compôs:

A Noite de São João: comédia lírica em dois atos. Letra de José de Alencar. Rio de Janeiro, 1860, 49 páginas, in 8º. Foi escrita para piano e canto no período de 28 dias em 1858 para ser cantada em família; mas os aplausos que teve em São Paulo e os conselhos de vários amigos o decidiram a pô-la em orquestra e trazê-la ao Rio de Janeiro, onde foi executada pela companhia da ópera nacional a 14 de dezembro de 1860, e mais cinco vezes seguidas, com geral apêauso, sendo regente da orquestra o célebre Carlos Gomes. Com a exibição desta ópera foi reorganizada a companhia da ópera nacional.

A Louca - libreto do Dr. A. Aquiles de Miranda Varejão, em 4 atos. Escrita em 1861 para ser representada pela dita companhia a 25 de março do ano seguinte,



*Am*

por ocasião da inauguração da estátua eqüestre de Dom Pedro I, depois de ensaiada foi retirada por motivos pouco aceitáveis e, tendo entrado mais duas vezes em ensaios no mesmo ano foi ainda retirada. O autor contrariado por tais ocorrências, deixou a ópera nacional e recolheu-se à sua província. Deixando, porém, a partitura por lh'a pedirem sob promessa de que iria à cena, nunca se realizou isto, porque deram ao 4º ato da peça tal descaminho que nunca se houve dele notícia. Só houve da Louca uma exibição particular entre muitos sócios do club fluminense, por empenho do seu diretor e das redações dos principais órgãos da imprensa, unânimes em seus aplausos. De suas composições de menos fôlego vi publicadas:

Amor de mãe: romance para piano.

Já não vive Délia: idem.

Bem-te-vi: idem.

A despedida de São Paulo: idem.

Eu vi o anjo da morte: idem.

Nerina, magna estrela: idem.

Chá preto, Sinhá: modinha.

O carnaval de Itu: valsa.

Uma lembrança de amizade: idem.

Alegria do pobre: polka.

A noite de São João: quadrilha - É tirada de ópera deste título. Desta ópera e da Louca, tem Elias Lobo arranjado algumas peças para se cantar em salão como:

O meu amor: rondó final da Noite de São João.

Meu pensamento é todo amor: cavatina da ópera A Louca. Ambas estão publicadas." ~~49~~ 50

Dizia Machado de Assis em 1896: "Vivia de loteria a Ópera Nacional; antes vivesse de donativos diretos, mas enfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo". "Naquele tempo ainda Bach nem outros mestres influíam como hoje" ~~50~~ 51. Por estes dizeres se avalia como foi mísera a atuação de José Amat em benefício da música brasileira.

Artur de Azevedo, em Notícia de 19/12 (talvez de 1901), relata sobre a representação de "A Noite de São João," o que foi transcrito por Augusto César de Miranda Azevedo, em necrológio:

"Dizem que a representação foi um triunfo para o maestro paulista, mas, para repeti-lo, não tenho outra fonte senão a tradição oral, porque a imprensa fluminense naquele tempo era de um laconismo implacável em se tratando de teatro, principalmente do nacional, porque o estrangeiro merecia, em todo caso, um pouco mais de atenção. Essa preferência ainda hoje se manifesta e é, digamo-lo de passagem, uma clamorosa injustiça."

"Se a Noite de São João triunfou (e eu acredito que triunfasse) Elias Lobo não deveu nada ao libretista imortal; portanto, era um talento que deveria ser aproveitado. Não o foi."

"Perderam-se muitos talentos como o de Elias Lobo e o de Henrique de Mesquita, que na mesma época fazia executar o seu Vagabundo." ~~56~~ .52

Nos mesmos necrológios estendeu-se Miranda Azevedo:

"Elias Lobo reclamava sempre o cumprimento de uma promessa que lhe fizéramos, - a de propor, como nas antigas repúblicas, um prêmio ao chefe de família de numerosa prole... e boa. E o pobre amigo partiu sem ver cumprida essa justa recompensa. Não nos faleceu a vontade nem o ânimo, mas não dispusemos de poder para isso. Que os poderes públicos de São Paulo atendam à aspiração do ilustre paulista e promovam uma homenagem condigna do mérito de Elias Lobo e da civilização do Estado, e será isso levado em conta do muito que deixou de fazer em favor de sua glória, quando vivo, que seria agora a glória de todos nós, depois dele morto." ~~57~~ .53

Ao reconhecer-se o seu merecimento em Paris, em 1902, "A Cidade De Campinas" noticiara:

"No "Compte rendu" do Congresso Internacional de Música, reunido em Paris em 1900, vem entre os nomes dos membros daquela ilustre assembléia, o do nosso finado patriota e musico maestro Elias Álvares Lobo, com a declaração:- professor de música no grupo escolar Maria José, do governo de São Paulo, Brasil."

"O extinto professor ofereceu ao Congresso os seus trabalhos musicais e na última sessão, no número dos escolhidos para a respectiva comissão emitir parecer, figura a Arte de

Música em diálogo para uso das Escolas do Estado. Tendo sido tão grande a cópia de trabalhos submetidos à apreciação do Congresso, e vindo a Arte de Música do saudoso maestro, no número diminuto (13) dos escolhidos para serem estudados, é grande a honra para o extinto brasileiro e paulista, que viveu da arte em nossa terra" ~~53~~ 54

Tratando-se de obra intitulada "Arte de Música em diálogo para uso das Escolas do Estado", da qual não conhecemos exemplar, devemos admitir que seria trabalho mais profundo e extenso em comparação com o "Método de Música" publicado, em primeira edição em 1876 e, em segunda, em 1882.

Pelo 22º aniversário de falecimento do Maestro, "A Gazeta", lembrando a efeméride, noticiou:

"O nome desse ilustre cultor da boa música, deve soar aos ouvidos dos homens de hoje sob a emoção forte de uma grande saudade. É que a atual geração o conheceu como um professor carinhoso e bom, cujas aulas encantavam realmente, já pela riqueza dos ensinamentos, já pela cativante maneira por que eram realizadas. Em quase todas as escolas modelos e grupos escolares, a figura insinuante deste mestre apareceu durante muitos anos no ministério do ensino. E não ha quem houvesse sido seu discípulo que não guarde a lembrança agradável de sua bonomia, do seu afetuoso trato."

"O maestro Elias Lobo não era, porém, unicamente, um ótimo professor de música. Era um musicista de verdade cuja opinião se impunha nos centros de arte de São Paulo. A Paulicéa deve-lhe no preparo dos seus atuais artistas, um grande quinhão de esforço inteligente e proveitoso." ~~55~~ 55

Referência à "A Louca" fez Leopoldo do Amaral, tratando de corporação musical de Campinas, que "executou corretamente peças de séria responsabilidade como" o "final (concertante) do 3º ato da ópera - A Louca - com coros e orquestra, uma das festejadas produções do saudoso maestro Elias Lobo" ~~55~~ 56

A mesma "A Gazeta", em 1935, noticiava: "A diretoria da União dos Artistas, corporação musical existente em Itu, na sua reunião realizada a 23 do corrente mês findo, resolveu denominar a sua futura sede - Salão Maestro Elias Lobo - prestando, deste modo, uma justa homenagem à sua memória" ~~56~~ 57

A revista "Ariel", dedicada à música, teatro, arte, etc., em seu número 30 do terceiro ano, prestando homenagem ao Maestro, relatou que "Elias Lobo foi muito protegido por Dom Pedro II, que o tinha em alta consideração. Quando visitou Itu por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro, em 1875, Pedro II, apesar de saber, com certeza, que Elias Lobo era republicano, signatário da célebre Convenção de Itu, foi visitá-lo em sua casa" ~~57~~ 58. Traz a revista um retrato de Elias Lobo, com a dedicatória: "Ao Lobinho, oferecemos, A Rangel"

Em 1934, depois de ser comemorado um centenário com festas brilhantes em Itu, a nove de agosto, o ~~grande~~ matutino "O Estado de São Paulo", publicava ~~em 1934~~ em rodapé, um estudo sobre "Música e Musicistas" no qual se encontra este trecho:

"Contemporâneo de Gurjão, mas nascido no Estado de São Paulo, em 1836 ~~em~~ na cidade de Itu, foi Elias Álvares Lobo. Como assevera o Anuário da Província de São Paulo para 1873, foi um compositor fecundo e estimado professor de música vocal e instrumental. Compositor lírico, escreveu duas óperas, Noite de São João e A Louca, tendo sido ambas muito bem recebidas. A primeira foi representada em 1860, no Teatro São Pedro de Alcântara, por artistas da Ópera Nacional, corporação fundada por José Amat, e da qual faz carinhosa menção o cronista do tempo, Melo Moraes Filho. Elias Lobo viveu também em São Paulo onde era muito estimado pelos alunos e pela sociedade da época." ~~em~~

Em 23 de abril de 1935, nova referência fez o mesmo jornal ao Maestro, agora tendo por autor Antônio Augusto da Fonseca, artigo calcado no escrito de Sacramento Blake:

"Elias Álvares Lobo, filho de José Manuel Lobo e de Teresa Xavier Lobo, nasceu em Itu, Estado de São Paulo, em 9 de agosto de 1834, e morreu em São Paulo, a 15 de Dezembro de 1901. Órfão de pai, em tenra idade, protegido pelo padre Feijó, estudou num colégio, latim, francês, aritmética, geometria e música. Aos 15 anos, assevera Sacramento Blake, dedicou-se exclusivamente à música, começando por fantasiar na rabeça pequenas peças para salão e banda e após compondo trabalhos sacros, com os quais se tornou um dos mais notáveis compositores brasileiros. Em 1863, fundou a sociedade musical Filomela; e em 1866 a Orfelinia. Em 1875 convocou um congresso de professores de música e pediu subvenção e auxílio dos poderes públicos e isenção de sorteio militar para os da classe. Em 1863, foi escolhido pela Ópera Nacional para ir à Europa, distinção essa que declinou pelo fato de ser casado e não possuir outros recursos necessários à subsistência da família, que não os provenientes do magistério. Viveu algum tempo em Campinas e deixou a seguinte bagagem musical: 10 missas, 1 Método de música, editado em 1882; 2 Ora-tórios; As Três Horas de Agonia, executada em Itu na sexta feira santa de 1867; Semanana Santa (1872); 2 Matinas; 2 En-

42

comendações de defuntos; 1 Novena de Nossa Senhora da Assunção; 1 Te Deum; árias; metetes para o Senhor dos Passos; Padre Nosso, em português; ~~xxxxxxx~~ Salve Rainha, em português; A Noite de São João, comédia lírica (?), com libreto de José de Alencar, regida por Carlos Gomes, no Rio de Janeiro; A Louca, ópera em 4 atos, libreto do Aquiles Varejão, escrita em 1861, que não foi levada à cena. Escreveu ainda as seguintes composições ligeiras: Amor de mãe, Já não vive Délia, Bentevi, A Despedida de São Paulo, Eu vi o anjo da morte e Nerina magna estrela; romances; e Ghá Preto sinhá (modinha). São também de sua autoria as valsas Carnaval de Itu, Uma lembrança de amizade e a polca Alegria do pobre" (61)

Devemos a Afonso de Taunay, em discurso que fez em Itu sobre Elias Lobo, referências ~~soxx~~ ao valor do Maestro:

"Já em 1850, com menos de 16 anos, podia apresentar boa cópia de composições, sobretudo sacras, sem contar peças para piano e banda.

Aos vinte e um concluía sua primeira grande missa, a de São Pedro de Alcântara dedicada a Dom Pedro II. Pouco depois compunha A Noite de São João que se representou <sup>62</sup>sof grandes aplausos no Rio de Janeiro, ópera musicada sobre um libreto do mais prestigioso libretista, José de Alencar.

Voltou-se para o gênero, aliás, de sua grande preferência, a música sacra. Assim, de 1856 a 1876 escreveu dez grandes missas executadas em muitas das maiores cidades e até hoje cantadas.

Não sabemos em que data escreveu oratórios entre os quais se destacam o de Nossa Senhora do Carmo e o do Natal, que gozam de grande reputação.

Entre suas obras mais aplaudidas, citemos a música completa para as cerimônias da Semana Santa, cuja originalidade é muito louvada. As três horas de Agonia, Matinas do Santíssimo Sacramento, Matinas do Espírito Santo, Novena de Nossa Senhora da Assunção, Matinas para o Senhor dos Passos, Encomendação de finados. Isto sem contar muitas outras peças como Te Deum, Tantum ergo, diversas Ave-Marias, Ó Salutaris, etc.

Deixando a terra natal passou a residir em diversas cidades do interior paulista, como Itatiba e Campinas, sempre cercado de geral estima e muito procurado pelos amigos da boa música".

"De Elias Lobo permanece o vultoso arquivo inédito".

~~61~~ 62

doado ao Salão "Elias Lobo" de Itu, pelo seu filho Deputado Antônio Álvares Lobo, pelo seu neto, ~~xxxxx~~ o médico Azael Alvares Lobo e demais descendentes, em volumes de grande porte,

Mas quando, ha dez anos, eu, casado com uma neta do Maestro, fiz em Itu uma procura ~~xxx~~ de trabalhos do Maestro para para registra-los aqui, os responsáveis pelo Salão "Elias Lobo" não me permitiram examina~~s~~ seus arquivos declarando que só possuíam quatro músicas que me exibiram! Mas ha pouco tempo um cidadão americano do norte para uma tese que fez e apresentou no seu país sem dar a conhecer ao Brasil, os detentores do Slão "Elias Lobo" abriram generosos as portas do grande ~~que~~ <sup>que</sup> conservam em seu poder.

Nacional, instituição que iniciou suas atividades a 17 de julho de 1858, com a presença do Imperador e da Imperatriz. E conta Escrag-nole Dória que a "figura principal da Academia de Música foi sempre patrícia nossa, Carlota Milliet, em solteira Leal, por segundas núpcias viúva Kunhardt. Nasceria em 1834, contava pouco mais de trinta anos quando alma e primeira voz da Ópera Nacional, tendo cantado no Teatro Provisório junto a La Grange". E diz, referindo-se a Elias Lobo: "Reputado compositor sacro na província natal, foi autor de ópera representada, A Noite de São João, libreto de José de Alencar. Escreveu ópera que ficou inédita a Louca, libreto de Aquiles Varejão; na obra o principal papel destinado a Carlota Milliet" (63)

Kurt Pahlen em sua "História Universal da Música" (a 1ª edição é de 1944) estampa o retrato de Elias Lobo (pag. 336 - pra-cha 81 da 2ª edição) e nesta se refere à "primeira vez a apresentação de uma ópera brasileira, "A Noite de São João", de Elias Álvares Lobo, sobre assunto brasileiro e com violões na Orquestra" (pag. 322) "mostrando que qualquer histórico da ópera, ao tratar da vida operística brasileira, para a verdade histórica não pode deixar de iniciar com o seu pioneiro, o Maestro Elias Lobo".

"E temos a considerar que Elias Lobo, com modestos professores de música em sua terra natal, teve formação musical com a grande coadjuvação de sua própria vontade, no que Carlos Gomes foi melhor aquinhado, pois nasceu filho de professor de música que o fez músico desde menino". "Manuel José Gomes a todos os filhos ensinava música" (Carlos William Stevemson, na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, LVI 10)

"Ainda temos de levar em conta que Elias Lobo compôs suas óperas, encenando a primeira sem ter feito antes um curso musical em conservatório, enquanto Carlos Gomes, em 1859, "matriculou-se no Rio de Janeiro, nas aulas de contra-ponto, sendo professor Joaquim Gianini (Rev. de Centro de Ciências, fls. 47) depois do que em 1861, compôs sua primeira ópera, "Noite do Castelo", ~~lucrada~~ levada à cena a 4 e 7 de setembro do mesmo ano."

De Carlos Gomes disse que em 1846, a 28 de março, com 10 anos de idade, parte para São Paulo onde "completa seus estudos das primeiras letras e música", Cataldo Bove em "Correio Popular de 11/2/1971.

Passemos, agora, a reproduzir palavras de Francisco Nárdi Filho, sobre o Maestro:

"Na vida deste distinto ituano ~~não sabemos~~ não sabemos o que mais admirar: se o seu gênio fulgurante de verdadeiro artista, se a sua fé, robusta e sincera, de verdadeiro cren-te, se o cidadão probe, honrado e trabalhador, se o chefe de família exemplar."

"Muito acertadamente dele escreveu o ilustre e saudoso EDr. Paulo Egídio: "Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Nascido no seio da pobreza e de uma honesta obscuridade, seu notável talento artístico se revelou desde os mais verdes anos; e, apesar dos invencíveis obstáculos que lhe opunham sempre suas circunstân-

Tras um tempo

45  
cias, sua vocação desabrochou-se bela e esplêndida, e o nome de Elias Lobo pôde atingir, entre os seus patrícios, a altura de um símbolo: o símbolo da arte que se engrandece e se dignifica, que não degenera em um cálculo de interesse e vaidade, mas se eleva à grandeza de um culto nobre e puro".

"Em 1875, juntamente com seu cunhado Tristão Mariano, outro distinto artista ituano, convocou em São Paulo um Congresso dos Professores de Música a fim de se elevar a classe e auxiliar vocações esparsas. Em 1879 escreveu uma Arte da Música, trabalho esse que foi, e inda é, muito apreciado por todos quantos se dedicam ao estudo da divina arte da melodia. Dele diz um outro seu biógrafo: "Músico distintíssimo, Elias Lobo escreveu obras musicais que lhe dão lugar condigno entre os compositores brasileiros".

"Artista pelo seu gênio fulgurante, pelas obras primas que compôs, tanto no gênero sacro como profano, é Elias Lobo, incontestavelmente, uma das mais lídimas glórias da nossa pátria".

"Católico foi fervoroso e sincero; como bem disse um dos seus biógrafos - a sua fé era uma bandeira sempre desfraldada. Quer em seus momentos de angústias, quer em suas horas de alegria, era sempre para o alto que volvia os olhos, fosse para render graças, fosse para implorar conforto; em Deus repousava toda sua esperança, de Deus vinham todas as suas alegrias; e os mais primorosos lampejos do seu gênio artístico dedicou-os ao esplendor do culto divino, compondo verdadeiros primores para os diversos atos de culto. Não sabia o que era o respeito humano, praticava a religião sem rebuços, jamais procurando ocultar o seu fervor, a sua fé pura e sincera. Seu lar era um verdadeiro santuário, e aí seus filhos se educaram na mais sã moral, bebida nos preceitos da religião".

"Cidadão probo, honrado e trabalhador, era estimado e acatado por todos; pobre mas altivo na sua pobreza, procurava no trabalho o necessário para manter os seus, jamais se tornando pesado ou impertuno aos ricos; nada pedia, nada solicitava; vivia da arte e para a arte e daí o pouco para si e para os seus; se nada pedia, do pouco que ganhava sempre achava um tanto para socorrer o necessitado. Pobre, nada pedia e tudo quanto podia dava à pobreza." (44) (65)

Dos noticiaristas que encontramos tratando de Elias Lobo, o único a fazer crítica dissonante foi Luís Heitor em seu "Cento e Cinquenta Anos de Música no Brasil";

Em março de 1857 fundava-se a "Ópera Nacional" com gerência do espanhol José Amat. "Em sua nova fase ia a Ópera Nacional apresentar as primeiras produções de autores brasileiros. "A Noite de São João" de Elias Álvares Lobo, sobre um libreto de José de Alencar, abre a série, indo à cena a 14 de dezembro de 1860, no Teatro São Pedro de Alcântara. Era Elias Lobo jo-

vem músico da província de São Paulo, onde nasceu na cidade de Itu, a 9 de agosto de 1834. Sua ópera foi recebida com reservas pela crítica, assinalando-se as insuficiências técnicas do compositor neófito, que somente em sua terra natal havia haurido os conhecimentos musicais que punha à prova. Uma segunda ópera que escreveu, A Louca, não chegou a ser montada pela empresa Amat; segundo Renato Almeida, entretanto, foi cantada uma vez no Clube Fluminense. Regressando à sua província, Elias Lobo passou o resto de sua longa existência compondo e dirigindo música religiosa, sem mais voltar para as glórias falases da cena".

Erro grave de Luís Heitor se encontra na afirmativa que fez a Elias Lobo: "pela excessiva avidez pecuniária do compositor, deixou de subir à cena uma outra ópera denominada "A Louca"; menos grave foi seu engano dando a Elias Lobo uma "longa existência" - quando este maestro faleceu com sessenta e seis anos de idade! Mais tarde, vinte anos depois, falando de Carlos Gomes, disse Luís Heitor: "Festivais que poderão girar em torno de sua figura genial, mas acolher, também, outras obras de contemporâneos seus, alguns deles paulistas, como Elias Álvares Lobo, de Itu".

Em "São Paulo em Quatro Séculos", Carlos Penteado de Resende nos faculta dados sobre o mesmo brilhante maestro compositor: "Forma-se na Academia de Direito o estudante cearense José Martiniano de Alencar, que foi, pouco tempo depois, quem escreveu o libreto da primeira ópera nacional cantada, A Noite de São João, do ituano Elias Lobo" (65). "Em meado de julho, Elias Álvares Lobo dirige-se à Corte com o fito de lá fazer representar sua ópera Noite de São João. Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num serão em casa do sr. Gemide, na rua da Freira" (66). "Em meados de novembro, em Itu, nas festas para a bênção da igreja do Carmo, executam-se oratório e missa de Elias Lobo" (67).

Com o nosso propósito de compor as biografias transcrevendo estudos alheios, para maior segurança no registro de conceitos elogiosos, podemos continuar nas citações, e vamos ao mesmo autor, o brilhante historiador Carlos Penteado de Resende:

"Elias Lobo, jovem e ambicioso músico natural de Itu, gastava as suas energias em pequenas atividades provincianas quando, em certo dia, em fins de 1858, vindo a São Paulo, se encontrou com Clemente Falcão de Sousa Filho, moço da mesma idade que ele (nasceram os dois em 1834), mas já doutor em leis, e também amante da música. Durante a prosa o Dr. Falcão Filho falou-lhe num escrito do Conselheiro José de Alencar, intitulado Noite de São João, que o Diário do Rio de Janeiro publicara. Elias Lobo leu-o, entusiasmou-se e em pouco menos de um mês escreveu uma ópera (partes para piano e canto), que pretendia encenar em família." "A instâncias de amigos seus, que o aconselhavam a orquestrá-la,

Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à Corte, mas, passando por esta capital, foi descoberto e seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira, Macedo Soares, Bitencourt Sampaio, Azarias e outros, plêiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da Academia de São Paulo". "No dia 15 de julho de 1859, conforme notícia no Correio Paulistano, passou Elias Lobo por São Paulo, aqui ficando talvez o tempo suficiente para dar uma pequena exibição de sua ópera. Nessa mesma data, em casa do sr. Gomide, que residia à rua da Freira (Senador Feijó), tocou-a para um pequeno auditório de acadêmicos e melômanos". "A 19, em folha assinada por M (talvez Macedo Soares ou Pinto Moreira), publicava o Correio Paulistano uma apreciação sobre a Noite de São João, com referências ao problema do nacionalismo musical: "Não está ainda instrumentada a ópera, mas todo o acompanhamento acha-se esboçado para piano (...). Abre a peça pelo Coro dos Caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigado de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, a verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo". "Assim, muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração ao seu talento, a primeira que recebeu" (67).

Adiante, continua o mesmo escritor:

"1859 foi um ano de músicos jovens. Com efeito, os que se exibiram na Capital estavam todos na flor da idade e chamavam-se J. Caldeira, pianista com 18 anos, Carlos Schram, pianista alemão, Elias Lobo, compositor com 25 anos, Santa Ana Gomes, violinista com 25 anos, e Antônio Carlos Gomes, compositor com 23 anos de idade" (68).

A mesma obra, fazendo repetidas referências ao Maestro Elias Álvares Lobo, com elogios próprios ou repetindo-os de vários críticos, inscreve nota histórica sobre a segunda ópera de maestro: "Antônio Aquiles de Miranda Varejão, 1852-1856, natural do Rio de Janeiro, filho do Comendador Antônio Álvares de Miranda Varejão, escreveu, depois de formado, um libreto, que o maestro Elias Lobo aproveitou para compor a sua segunda ópera, A Louca, em quatro atos, estreada com êxito no Clube Fluminense da Corte. A ópera, embora cheia de qualidades ficou nessa primeira representação, por lhe terem sido furtados trechos importantes" (69).

EM "São Paulo em Quatro Séculos" (~~Vol. II pag. 230~~) Carlos Pen-  
teado de Resende "nos faculto dados sobre o mesmo brilhante maestro com-  
positor: "FORMA:SE NA Academia de Direito o estudante cearense Joaé Marti-  
niano de Alencar, que foi, pouco tempo depois, quem secreveu o libreto  
da primeira ópera nacional cantada." "A Noite de São João", do ituano Elias  
Lobo" (70): "Aos 9 de agosto, em Itu, nasce Elias Alvares Lobo, maestro  
compositor. Tendo perdido o pai quando menino, foi educado algum tempo  
pelo Padre Feijó ~~(NÃO TEX)~~ (não teve contacto com o Padre Feijó mas a afirma-  
tiva é erro de todos os seus biógrafos). "Pobre, desamparado, completou  
sosinho a sua instrução musical. Principiou compondo músicas ligeiras.  
Em 1858 apresentou a missa solene "São Pedro de Alcântara" dedicada a d.  
Pedro II, talvês sua melhor peça sacra. Em 1860, na Côrte, a Opera ~~Amx~~  
Nacional fez representar "Noite de São João, a primeira ópera brasileira  
cantada, libreto de José de Alencar, música de Elias Lobo, tendo nessa  
noite regido a orquestra o jovem campineiro Carlos Gomes. A seguir, com-  
pôs Elias Lobo "A Louca", Ópera em quatro atos, representados parcial-  
cialmente, com êxito no Clube Fluminense da Corte. RivalidadeS e embar-  
ços criados à sua atuação, à carreira brilhante que prometia desenvolver,  
obrigaram-no a voltar á província natal, onde prosseguio na sua inglória  
de professor de musicista". COMO artista, poderia ter sido maior, ter da-  
do mais de si, se tivesse recebido auxilio e estímulo como recebeu Carlos  
Gomes. Ao falecer, em dezembro de 1901, uma legenda de respeito e simpatia  
cercava o seu nome de compositor. ~~xxxx~~ Legou aos pósteros numerosas e ins-  
piradas peças, de variados gêneros."

Na verdade, Carlos Gomes nasceu na música, desde menino a conhecia como ~~filho~~  
filho e aluno de pai músico de nomeada.

#### ORIGEM MASCULINA: OS LANNOY PRINCIPESCOS

Os Lannoy vieram para o Brasil na pessoa de Pedro Lelon  
de Lannoy, "fidalgo flamengo e Cavaleiro Professo da Ordem de Cris-  
to", como já dissemos, e que no Brasil se casou com Joana Lobo de  
Albertim, também ~~xxxxxx~~ de elevada nobreza paterna.

E não ha nenhuma incongruencia em citarmos ~~x~~ aqui como  
fidalgos, os Lannoy que emigraram para o Brasil com tal distinção,  
pois nestas qualidades tornaram-se brasileiros. Silva Leme também  
citou fidalguias em alguns dos nossos antepassados indo até Carlos  
Magno, mas esta fidalguia de tão longinqua já não tinha mais signi-  
ficado.

filho e aluno de pai músico de nomeada.  
Carlos Gomes nasceu na música, desde menino a conhecida como filho  
de várias peças, de variados gêneros."  
cercava o seu nome de compositor. Enxergou nos últimos numerosos e ins-  
Gomes. Ao falecer, em dezembro de 1901, uma lenda de respeito e simpatia  
do mais de si, se tivesse recebido auxílio e estímulo como recebeu Carlos  
de professor de musicista". Como artista, poderia ter sido maior, ter da-  
oprariam-no a voltar à província natal, onde prosseguiu na sua ingloria  
gos criados à sua atuação, áccarreira brilhante que prometia desenvolver,  
cial mente, com êxito no Clube Fluminense da Corte. Rivalidades e embara-  
pos Elías Lobo "A Louca"? Ópera em quatro atos, representados parcial-  
noite regido a orquestra o jovem camponês Carlos Gomes. A seguir, com-  
cantada, libreto de José de Alencar, música de Elías Lobo, tendo nessa  
Nacional fez representar "Noite de São João", a primeira ópera brasileira  
Pedro II, talvez sua melhor peça sacra. Em 1860, na Corte, a Ópera An-  
Em 1858 apresentou a missa solene "Ação de Alencar" dedicada a d.  
sostinho a sua instrução musical. Principiou compondo músicas ligeiras.  
tiva é erro de todos os seus discípulos; "Pobre, desamparado, completou se  
pelo Padre Feijó (1858) em contacto com o Padre Feijó mas a firmat  
compositor. Tendo perdido o pai quando menino, foi educado algum tempo  
Lobo" (1858): nasceu 9 de agosto, em Itua, nasce Elías Alvarés Lobo, maestro  
da primeira ópera nacional cantada. "A Noite de São João", do ituaño Elías  
niano de Alencar, que foi, pouco tempo depois, quem escreveu o libreto  
positor: "FORMA: SE NA Academia de Direito o estudante cearense José Marti-  
teado de Resende "na faculta dados sobre o mesmo brilhante maestro com-  
EM "São Paulo em Quatro Séculos" (Vol. II pag. 230, Carlos Pen-

O mesmo não acontece com os Lannoy e os Lobos que no Brasil se fixaram como fidalgos encarregados da administração e, portanto mantidos na distinção fidalga.

Em nosso Império, conservada a fidalguia pelo nosso Imperador Pedro I, ela foi extinta pelo segundo Imperador D. Pedro II que no segundo Império adotou a linguagem plebeia dizendo que o agraciado passava a se chamar Barão de Tal e não como se fazia em monarquia de outros países em que o agraciado conservava os nomes de família e assumiam um título nobiliárquico.

Os Lannoy se iniciaram com Hugo, primeiro senhor de Lannoy, pelos anos de 1.300, conforme se encontra em "Dictionnaires da La noblesse par La chenaya-Debois et Bardier - tomo XL - pag. 459. "Dictionnaire Historique et Heraldique de La Noblesse 1<sup>o</sup>, pag. 1684. "Armorial Général" par J. B. Tietstap", pag 23. Planches de L'Armorial General de Rietstap, 21, tome IV, cuja descendência se divide em cinco ramos:

1<sup>o</sup> ramo: Senhores de Maingoval

2<sup>o</sup> ramo: Príncipes de de Sulmona

3<sup>o</sup> ramo: Senhores de Rolaincourt

4<sup>o</sup> ramo: Senhores de Molembais

5<sup>o</sup> ramo: Senhores de ~~Makimbixix~~ Orgemont (71.)

Em trabalho genealógicos especializados que procuramos, colhemos referências como "Alberto de Aquaviva e Aragão, décimo Duque de Atri, irmão do Cardial Arcebispo de Nápoles, Otávio de Aquaviva que se casou com Brites de Lannoy, filha de Horácio de Lannoy, Principe de Sulmona".

Mas Pedro Lelon de Lannoy, genro do Governador do Rio de Janeiro e Sul do Brasil, tornou-se Capitão Geral da Capitania do Ceará e nesta qualidade se desentendeu com os Jesuitas locais. Tratava-se de cabeças de gado que surgiram na capital da Capitania sem que <sup>os</sup> conhecesse ~~xxxxx~~ soubesse de sua origem e a quem pertenciam.

O Governador da Capitania entendeu que seu proprietário seria <sup>pu</sup> Coroa Portuguesa, enquanto os Jesuitas entendiam, por motivo que não se esclarece, que deveriam ser de sua comunidade. O assunto coube ser resolvido subindo até Sua Magestade o Rei de Portugal que decidiu pela posse dos Jesuitas, o que resultou a demissão do Governador.

E Pedro de Lannoy se afastou de atividades administrativas para sua vida particular e, apesar de ter sido padrinho de seu primeiro neto, sofreu recuo de seus próprios descendentes, tendo uns de primeiro grau, ~~optado~~ <sup>optado</sup> pelo nome de Lobo, deixando o uso de Lannoy. Só ~~na~~ segunda geração tornou a voltar para o Lannoy adulterado para Lannoa.

Na obra de Alexandre Dumas "Louis XIV", pagina 25, edição de 1857, uma estampa com o titulo "La reine était au lit, et mada<sup>e</sup> de Lannoy ouvrait deja la bouche pour dire que la reine n'était pas visible; mais la reine caignant sans dout quelque eclat de la part du duc, donna l'ordre de faire entrer".

Desta nobre família era Pedro Lelon de Lannoy, natural de Antuerpia, cujo brasão de armas devera ser:

É um privilégio descender de família que conhece a origem de seu apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os Lobos de Itu. Esta família, porém, não só conhece a origem do apelido que usa, mas também suas alianças. Sem grandes buscas, temos logo Dom Francisco Lobo, comendador do Rio Torto na Ordem de Cristo (72), senhor de Torres Vedras, Soure e Pom-bal, do Conselho d'el-rei e seu embaixador junto a Carlos V em 1539, alcaide-mór de Campo Maior e de Ouguela; casado com Branca da Silva e Meneses que por sua mãe leva a ascendência a Lopo Dias de Sousa, 17º senhor de Sousa, por quem chega até ao primeiro senhor de Sousa que viveu no ano de 800.

Filho de Dom Francisco Lobo e sua mulher Branca de Silva e Meneses, foi Dom Manuel Lobo (Manuel nome tradicional da família até nossos dias) que herdou a alcaidaria-mór de Campo Maior e de Ouguela, a comenda do Rio Torto na Ordem de Cristo, e foi moço fidalgo do príncipe Dom João, acompanhando, depois, a el-rei Dom Sebastião, para com ele morrer na batalha de Alcácer. Casou-se com Francisca de Noronha, filha de Rui de Carvalho, guarda-roupa d'el-rei Dom João III, e de sua mulher Constança de Noronha.

Filha e herdeira de Dom Manuel Lobo foi Maria de Noronha (72), casada com Antônio de Alcáçova Carneiro (73), filho do 1º Conde de Idanha, <sup>A Nova</sup> Pedro de Alcáçova Carneiro (74) e da Condessa Catarina de Sousa por quem veio entroncar nos Sousas Chichorros e na citada Casa de Sousa. Antônio de Alcáçova Carneiro e sua mulher Maria de Noronha, foram pais de Dom Manuel Lobo de Alcáçova (75), que se casou com Catarina de Meneses, descendente de Afonso Rodrigo de Castelo Branco e dos Távora, pelo seu tetravô Lourenço Pires de Távora (76), casado com Maria, filha dos 2ºs Condes de Marialva (77), Dom Gonçalo Coutinho e Brites de Melo, e neta dos 1ºs Condes de Marialva (78), Vasco Fernandes Coutinho e Maria de Sousa, esta filha de Dom Lopo de Sousa, 17º senhor de Sousa.

De Dom Manuel Lobo de Alcáçova e de Catarina de Meneses, foi filha Maria de Meneses casada com João da Costa Fogaça (79) cuja ascendência varonil sobe até seu 5º avô Nuno Álvares da Costa (80). De João da Costa Fogaça e Maria de Meneses, foi filho Dom Manuel Lobo, fundador e governador da Colônia do Sacramento, território objeto de controvérsias entre portugueses e castelhanos, hoje nação uruguaia. *De Dom Manuel Lobo, governador, tratamos a seguir.*

Como de início afirmamos, é um privilégio ter em arquivos e publicações, os registros de tão antiga ascendência, privilégio, entretanto, que não se livra de adulterações na história da família, adulterações que se devem à ignorância e irresponsabilidade dos que falam e escrevem pelo que "ouviram dizer", ou quando tangidos pelo despeito, pela inveja, pela malevolência gratuita.

nos Aires nada havia de povoado, constituindo-se ali fértil e erma região carente de jurisdição de fato de Portugal. Eram os futuros Estados do extremo sul do Brasil que ainda não se pontilhavam de povoados, de capelas, de freguesias, de pelourinhos e de conselhos, à espera de gente, não apenas em trânsito, mas de colonos e de sesmeiros que lá fossem plantar as sementes para o futuro grandioso de cristianização e de brasilidade.

E em Lisboa cuidou o Conselho Ultramarino do assunto, constatando a necessidade de estabelecer na fronteira meridional do Brasil, a orla dourada do rio da Prata, a Colônia do Sacramento que haveria de ser o baluarte do pendão português, o mastro das quinas de Portugal no mais longínquo território americano do seu poderio. Deve-se mesmo à preocupação de sua grandeza, do próprio príncipe Regente, os seus maiores cuidados para a posse do sul do Brasil, direito que lhe assistia na opinião dos seus conselheiros, mas que lhe contestavam os castelhanos que já penetravam, procurando tomar para si, as terras marginais do Prata. A escolha, pois, de quem àquela terra iria fixar o pendão português, não se fazia sem cuidados e exames profundos, já que a empresa, importantíssima para a Coroa e de enormes riscos, exigia o braço de um administrador e político, servidor leal d'El-Rei de Portugal.

De três nomes propostos pelo Conselho Ultramarino, escolheu o soberano português o de Dom Manuel Lobo, um dos seus mais corajosos e esclarecidos generais, veterano da guerra da independência portuguesa, guerreiro incansável contra Castela, e que à pátria vinha servindo "por espaço de mais de vinte anos, desde 1652, até o presente, como soldado, capitão de infantaria, capitão de cavalaria ligeira e coraceiros, general de cavalaria e mestre de campo, achando-se nos feitos que tiveram lugar no reino do Algarve, na província do Alentejo, na Campanha de socorro a Oliveira, na reconquista da praça de Mourão", no sítio de Badajoz para atacar o forte de São Miguel; na defesa da praça de Campo Maior, quando tornou a formar a companhia de cavalos de Albuquerque e entrou quarenta léguas e quatro léguas em território de Castela, em perseguição do inimigo; quando foi dos que com mais valor se conduziram na batalha de Elvas; quando pelos anos de 1659 a 1660, organizou a cavalaria de Badajoz, saindo ao encontro do inimigo cujos primeiros batalhões destroçou, impedindo ainda a sua passagem por onde teria de retirar-se; quando se encontrava de guarda com sua companhia na praça de Campo Maior vindo Dom João de Áustria com quatro mil cavalos a reconhecê-la, procedendo de tal forma que rechaçou não lhes permitindo reconhecer os pontos que pretendiam; quando na retomada de Évora, na to-

50

mada da praça de Valência de Alcântara, na batalha de Montes Cla-  
res na qual fez prisioneiro o general da cavalaria castelhana Dom  
Correia, em Albuquerque, em Montijo e tantos outros feitos, fir-  
mou seu nome como um dos mais bravos generais portugueses para  
que a preferência real lhe entregasse o governo do Rio de Janeiro  
com o especial encargo de fundar a Colônia do Sacramento, co-  
mo diz a carta patente de Príncipe Regente de Portugal nomeando-o  
para esta missão.

Ao fazer esta escolha, passou-lhe Dom Pedro a car-  
ta que, além do registro dos feitos do seu escolhido, dava-lhe  
todos os poderes para inteiro cumprimento do importante mandato,  
como dizem estes tópicos:

"Dom Pedro regente e governador dos reinos de Portugal  
e Algarves, faça saber aos que esta minha carta patente vi-  
rem, que atendendo aos merecimentos que concorrem na pes-  
soa de dom Manuel Lobo e aos serviços que me há prestado",  
"tenho por bem fazer-lhe mercê do governo do Rio de Janeiro  
para que o desempenhe pelo tempo de três anos, enquanto  
o tenha por bem e não mande em contrário"; "enquanto exer-  
ça o cargo gozará de todos os poderes, de mando, jurisdição  
e alçada que tem e que há usado outros governadores seus an-  
tecessores". Dada na cidade de Lisboa, aos 8 de outubro de  
1678, (17) 74

Por decreto de 12 de novembro do mesmo ano, subor-  
dinou Dom Pedro ao mesmo governador, as capitâneas do sul a fim  
de que pudesse ele cumprir as determinações reais de coloniza-  
ção. Com todos os poderes e instruções necessárias, não demorou  
Dom Manuel Lobo em atirar-se à empresa que lhe confiara a Coroa;  
partiu logo para o Rio de Janeiro onde se empossou no governo aos  
9 de maio de 1679 (18) 75

*76 - Veja Estado Maior do Exército*  
No Rio Dom Manuel Lobo, tratou ele de, pessoalmente  
organizar a expedição à margem esquerda do Prata; dispondo de  
grandes recursos de guerra, transportou-se a São Paulo recorrendo  
à valentia e riqueza bandeirante, requisitando recursos dos poten-  
tados e constituindo sua tropa com os necessários elementos para  
a grande marcha para o Sul. Em São Paulo hospedou-se em casa de  
Fernão Pais de Barros, "uma das maiores fortunas do Brasil no  
seu tempo", e com a cooperação paulista completou os preparos de  
sua expedição composta de infantaria, cavalaria e dezoito peças  
de artilharia, além de vasta cópia de apetrechos de guerra e abas-  
tecimento, e de quarenta e oito escravos de sua propriedade par-  
ticular, tudo embarcado em Santos em dois navios de alto bordo,  
duas sumacas e mais quatro embarcações menores (19) 77

Ao correr a segunda quinzena de janeiro de 1680,  
chegou Dom Manuel Lobo ao seu destino, desembarcando para aí fun-

dar a Colônia do Santíssimo Sacramento, o embrião do que é hoje a nação uruguaia (78).

Depois de penosos trabalhos para a manutenção da Colônia do Sacramento, sofreu Dom Manuel Lobo vigorosos ataques de forças castelhanas, ávidas da posse da região, e a elas resistiu enquanto se mantinha em saúde, como assegurava o seu passado glorioso de invencível general. Na moléstia que o prostou, porém, um só documento basta provar a sua desventura depois de tão gloriosa vida continuada na Colônia do Sacramento, e finda com honra, como relata Luís Enrique Azarola Gil (79).

Em sua Colônia, Dom Manuel Lobo "se achava quase moribundo e com extrema unção, quando o mestre de campo Antônio de Vera Muxica e seus castelhanos a tomaram". Na Colônia, "defendia o alojamento de Lobo. uma estacada e um capitão valoroso que ali pelejou. No estado em que estava, Lobo se levantou, e com a espada na mão o assistiu, arrimado em um criado, até cair por terra com um paroxismo, junto aos inimigos. Aproximando-se dele Dom Antônio de Vera, já subjugada a Colônia e invadida a estacada, fez levar, ~~Dom Antônio~~ crendo, pelo estado em que estava, que ia expirar" (80).

Dom Manuel Lobo "tendo voltado a si, ainda que no mesmo estado, moribundo, falou ao caudilho correntino. Outra lei de guerra dava a este a propriedade de tudo o que pertencia ao vencido; mas Vera Muxica, sob a impressão que lhe havia causado a atitude heróica do chefe português, renunciou, num impulso generoso, a seus direitos, dizendo-lhe, que como aquela fazenda tocava a ele como comandante do feito, fazia graça dela a Manuel Lobo, para valer-se da mesma na enfermidade, prisão e trabalhos" (81).

"Seu propósito relativamente a Lobo, consistia em desterrá-lo para o Chile juntamente com Soares de Macedo, Farto e Lencastre; mas apiedado pela enfermidade que encurtava os dias do fundador da Colônia, optou por enviá-lo para a cidade de Córdoba onde ele permaneceu pelo espaço de dois anos; só ao conhecer-se o texto do Tratado Provisório que se firmou em Lisboa no ano seguinte, foi-lhe permitido retornar a Buenos Aires, onde terminou sua vida combativa a 7 de janeiro de 1683, quatro dias depois de haver escrito a dom Pedro II a comovedora carta que se transcreve sob o número 28" (82).

"Assim terminou a odisséia de Manuel Lobo na história do Rio da Prata. O tempo e as transformações profundas sobrevindas se encarregaram de atenuar uma recordação que nunca foi viva na memória dos homens, e só a investigação histórica, realizada por espíritos desinteressados, se encarrega de reafirmar sua personalidade de soldado, fundador e herói, acrescida pela magnitude de seu calvário. Durante a época de formação e caos, gerações inteiras ignoraram, no Uruguai, quem foi Lobo; hoje já não o ignoram, e uma rua-

52

zinha sossegada contém seu nome à frente do estuário que o viu iniciar o projeto colonizador e fundamental mais considerável de sua época; mas ainda não se chegou a uma etapa cultural das consagrações definitivas, e quando soar essa hora, a pedra de colonização que guarda o sítio de sua empresa, servirá de pedestal à estátua do procônsul" (82). ~~82~~ 83

A publicação do historiador Azarola Gil, escritor e autor de cerca de uma dezena de obras, constitui valiosa contribuição para a história da lusa Colônia do Sacramento, história que se enriquece agora com a reedição do trabalho de Silvestre Ferreira da Silva, citado por Gil, "Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento" - 1748 - pela Revista de História que se deve à erudição e atividade do saudoso acadêmico Eurípides Simões de Paula, reedição preliminarmente anotada pelo acadêmico Pedro Brasil Bandechi. A Colônia continuou como alvo das disputas entre lusos e castelhanos, e "sua história está repleta de lances que tocam às raias da epopéia" como assegura o ilustre anotador (83) 84

E pouca gente sabe que o Rio de Janeiro homenageia até hoje o seu governador e fundador da Colônia do Sacramento, dando-lhe o nome, Dom Manuel Lobo, à uma pequena rua que se inicia na Praça 15, com a fachada principal do Paço Real (antigo Palácio dos Vice-Reis). ~~e na qual se localiza o Museu de História.~~

Está na Torre do Tombo o testamento do General Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro e fundador da Colônia do Sacramento. Faleceu em Buenos Aires, prisioneiro dos espanhóis a 7/I/1683, sendo seus despojos repatriados graças aos esforços de seu irmão Dom Gonçalo da Costa de Menezes, governador de Angola, em 1693. Costa



54

em Olinda, de Antônio Francisco de Barros Leite), aos quais se pode acrescentar Aristides da Silveira Lobo, notável nos primeiros anos da República,

Manuel Lobo de Albertim e seu irmão Luís, abandonaram o apelido paterno Lannoy; aquele nasceu em Olinda onde foi ouvidor e se casou com ~~Antônia~~ Antônia Gomes da Silva, também natural de Olinda, de cujo casamento teve:

Capitão Manuel Lobo de Albertim Lanóia (aportuguesamento do Lannoy) nascido em Maranguape, RN, onde foi batizado na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres, a 16 de junho de 1716, tendo por padrinho o avô paterno Pedro Lelou de Lannoy. Fixou-se em Paranaguá onde foi capitão de milícia e escrivão da Câmara.

De seu conceito honroso, atesta a correspondência que teve com o governo da capitania:

Carta para o Alferes Manuel Lobo de Lanóia - em Paranaguá:

"A presente ocasião é de honra, e forçosa para todos os Vassallos de Sua Magestade, que se oferecem servir ao mesmo Senhor por si, ou por seus filhos: Eu não devo considerar a Vossa Mercê menos honrado, que os muitos que já me têm ofertado seus filhos para as Tropas Voluntárias, que estou levantando; assim espero que me mande a seu filho, que suposto seja Sacristão pode Vossa Mercê substituir em seu lugar ao outro filho que tem: Re-flita Vossa Mercê que lho peço quando podia mandar recrutar. Deus guarde a Vossa Mercê. São Paulo 26 de Agosto de 1775. (92) Vossa Mercê venerador. (a) Martim Lopes Lobo de Saldanha." (93)

Vinte anos depois ainda lhe davam encargo de confiança:

"Porquanto Manuel Lobo de Albertim Lanóia vai encarregado de conduzir em sua companhia, desta cidade para a vila de Paranaguá, uns escravos de Sua Magestade, e entregar no Cubatão Geral dessa vila: Ordeno aos capitães-móres e justiças das mais vilas, por onde houver de passar, lhe dêem todo o auxílio de que necessita para comodidade do transporte dos referidos escravos: e o administrador do dito contrato pague ao condutor toda despesa que fizer com os preditos escravos e assim na passagem dos rios, como no necessário sustento. São Paulo 15/11/1796. Com rubrica de S. Excia." (93)

E sobre a mesma incumbência foi escrito ao capitão contratador:

"Por Manuel Lobo de Albertim Lanóia, manda o Ilmo. e Exmo. Snr. General entregar a vocemecê uns escravos pertencentes a Sua Magestade, os quais se vieram a valer do mesmo Senhor, achando-se destinados e ocupados no serviço do Cubatão Geral dessa vila, de que é vocemecê o respectivo contra-

tante: eles dão por defesa de sua culpa a pouca caridade que vocemecê pratica com eles, assim em lhes faltar com o preciso vestuário, como nos indispensáveis alimentos da humana vida; seja ou não seja isto verdade, o mesmo senhor os dá a vocemecê por muito recomendados e que além de os não castigar pelo presente delito, daqui em diante os conserve em melhor estado como fazenda de Sua Majestade. Deus Guarde vocemecê. São Paulo 18/11/1796" (a) José Romão Junot. Ao "Snr. capitão contratador Manuel Gonçalves Guimarães" (94). 94

Manuel Lobo de Albertim Lanóia foi casado em Paranaguá, a 2 de dezembro de 1752, para ser o tronco do ramo paranaense de sua família, como, em carta de 21 de março de 1928, dirigida ao escritor e jornalista Leocádio Correia, expôs o historiador Ermelino de Leão (94). 95

Casou-se Manuel Lobo de Albertim Lanóia com Maria Francisca Xavier, batizada a 6/2/1718, filha de Salvador Correia da Fonseca e de Joana Ribeiro do Prado, todos naturais da mesma vila de Paranaguá. Teve os filhos:

- 1. José Manuel Lobo (I), nascido em 1753, que segue.
- 2. Padre Manuel Lobo de Albertim Lanóia, nascido em Paranaguá onde foi batizado a 14/9/1755 (94). 96
- 3. Ana Micaela, nascida em 1757.
- 4. Maria Clara da Assunção, nascida em 1760, casada com o sargento-mór Manuel Antônio da Costa Nogueira.

José Manuel Lobo (I), nasceu em Paranaguá falecendo na mesma vila; deixou de próprio punho a notícia de seu casamento e nascimento dos filhos, que transcrevemos, de cujo texto teve exemplar o seu descendente Antônio Álvares Lobo:

"Aos 26 do mês de Setembro de 1780, em dia terça-feira, casei eu José Manuel Lobo, de idade de 27 anos, natural desta vila, filho legítimo do Alferes Manuel Lobo de Albertim Lanóia, este filho legítimo do Capitão Manuel Lobo de Albertim e de D. Antônia Gomes da Silva, naturais todos da cidade de Olinda em Pernambuco; e de Maria Francisca Xavier, esta filha legítima de Salvador Correia da Fonseca, e de sua mulher Joana Ribeira do Prado, todos naturais desta Vila. Com Maria Floriana Angélica, da idade de 14 anos natural da vila de Curitiba, filha legítima de Inácio Gomes de Medeiros natural da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, este filho legítimo de

Luís Gomes natural da ilha da Madeira, e de Ângela Correia de Mendonça, esta natural da mesma freguesia do Pilar: e de Maria Francisca Angélica, natural desta vila, filha legítima de Lucas Francisco de São Paio natural de São João de Varão, Arcebispado de Braga, e de Maria Francisca da Assunção natural desta vila de Paranaguá."

1. "Aos 11 do mês de Julho de 1781, nasceu minha filha Ana, em dia quarta-feira às 2 horas da tarde; foi batizada Domingo - 26 do mês de Agosto do predito ano; e não se batizou mais cedo, por estar a espera do Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme de quem era afilhada, por este se achar ausente de quem apresentou procuração ao D<sup>e</sup> Antônio Vidal Lage de Barbosa. Neta por parte paterna do Alferes Manuel Lobo de Albertim natural da cidade de Olinda em Pernambuco, e de Maria Francisca Xavier natural desta vila; e por parte materna de Inácio Gomes de Medeiros natural da freguesia do Pilar e de Maria Francisca Angélica, natural desta vila de Paranaguá. Foram padrinhos o mesmo Revm<sup>o</sup> Padre Pedro Domingues e minha Tia Ana Ribeira do Prado mulher do Ajudante Ma-da Cunha.

2. Nasceu minha filha Maria aos 4 de Fevereiro de 1783 às 6 horas da tarde: foi batizada aos 12 do predito mês pelo Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinhos meu sogro Inácio Gomes de Medeiros e minha irmã Ana Micaela; avós procurem no ponto primeiro.

3. Aos 11 do mês de Dezembro de 1785 ao 1/2 dia em dia Domingo: Nasceu minha filha Emerenciana: foi batizada aos 19 do predito mês pelo Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinho meu irmão Manuel Lobo e minha sogra Maria Angélica: Avós procurem no primeiro. Declaro que antes desta tive um macho que nasceu de 8 meses morto. Faleceu aos 22 de Agosto de 1787 de idade de 1 ano e sete meses.

4. Aos 11 do mês de Dezembro de 1787, nasceu minha filha Rita às 7 horas da manhã em dia Segunda-feira; foi batizada pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domingues Pais Leme no dia de natal: foram padrinhos o Revm<sup>o</sup> Antônio Moreira Barbosa seu tio-avô e minha mãe Maria Francisca Xavier, avós procurem no 1<sup>o</sup> assento.

5. Aos 3 do mês de Junho de 1789, ao 1/2 dia quarta-feira, nasceu meu filho José: foi batizado aos 11 do predito mês, dia de Corpus Christi pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinhos a Ajudante Manuel da Cunha Gamito e minha irmã Maria Clara mulher de Manuel Antônio. Avós procurem no 1<sup>o</sup> assento" (é o José Manuel II, que segue) .

6. "Aos 27 do mês de Outubro de 1790 nasceu minha filha Bárbara em dia quarta-feira às 3 horas da madrugada: foi batizada a 9 de Novembro em dia terça-feira, pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domin-

gues Pais Leme. Forão padrinhos meu cunhado Manuel Antônio da Costa e minha irmã sua mulher Maria Clara. Avós procurem no 1º assento.

7. Aos 12 do mês de Julho de 1792, nasceu minha filha Joaquina em dia quarta-feira; faleceu daí a 8 dias depois de batizada. Foram seus padrinhos Lourenço Maciel Azamor e sua mulher Vitória Ruiz França.

8. Aos 2 do mês de Março de 1794, nasceu minha filha Francisca em dia Domingo às 7 horas e 1/2 do dia; foi batizada aos 9 do mesmo mês pelo Rev. Antônio H'z Cordeiro com licença do Rev. vigário Pedro Domingues Pais Leme e foram padrinhos o Capitão Manuel Al'z e D. Rosa Ana Maria filha do falecido Capitão Francisco Pereira de Belém.

9. Aos 9 de Julho de 1799, nasceu minha filha Francisca em dia segunda-feira às 6 horas da tarde; foi batizada aos 16 do predito mês pelo Rev. vigário Joaquim Júlio da Ressurreição Leal, dia de Nossa Senhora do Carmo. Foram seus padrinhos o Rev. Manuel Lobo e de Albertim Lanóia seu tio, e D. Rosa Ana Maria filha do Capitão Francisco Pereira Belém" (97). 97



Como diz resumidamente o assentamento, Teresa Xavier Álvares de Lima <sup>101</sup>, nascida em 1808 (ou 10), (ou Teresa Xavier Álvares de Almeida Lima, como também consta de documentos) segunda mulher de José Manuel Lobo (II), era filha de Manuel Alves de Almeida Lima <sup>103</sup> e de sua mulher Ana Esméria do Lado de Cristo, que deixou retrato em tela a óleo, como bela e distinta senhora, na coleção, que conhecemos, do seu bisneto Antônio Álvares Lobo. Do segundo casamento de José Manuel Lobo, nasceram, como documenta o cartório eclesiástico de Itu, e outras fontes citadas:

- 6. Francisco Álvares Lobo, nascido em 1824.
- 7. Ana Januária Eulália de Albertim, nascida em 1826, casada em Itu a 1/7/1841, no "oratório de Dona Teresa Xavier Álvares Lobo", ~~com~~ com João Carlos Duarte, filho de José Carlos Duarte e Úrsula Maria Duarte.
- 8. Adelaide Justa de Lima, casada em Itu a 30/7/1844 com Brás Carneiro Leão.
- 9. Manuel Álvares Lobo, nascido em 1831, tomou posse do cargo de secretário da Câmara de Tietê a 7/1/1852, mudando-se depois para Sorocaba onde se casou com Teresa Pereira de Arruda <sup>103</sup>, filha de Marcelino José Pereira e de Antônia Eufrosina de Oliveira; neta paterna de Lourenço Leite de Cerqueira e de Maria de Arruda; neta materna de João Leite de Cerqueira e de Ana Vitória de Oliveira. Teve dez filhos <sup>(104)</sup>. Residiu também em Piracicaba onde foi o 2º Tabelião, e onde estava em novembro de 1871, quando se fez, no dia 3, o sepultamento de Melchior de Melo Castanho, com "missa de corpo presente e música sacra" de sua autoria <sup>(105)</sup>. <sup>(107)</sup> Manuel Álvares Lobo, segundo a publicação "Marcelo Tupinambá" de autoria de Benedito Pires de Almeida, pag. XIII, era conhecido ~~com~~ como Manequinho Lobo; não era italiano como erradamente afirma a publicação, e casou-se em Sorocaba com Teresa Pereira de Arruda, o que modificou a situação de Eduardo, filho do casal, que, com o casamento dos pais, tornou-se um filho ~~l~~gítimo, o primeiro dos dez filhos que o casal teve. Eduardo Lobo que sempre viveu em Tietê até mudar-se em 1894 para Itapetininga, segundo o mesmo livro, casou-se e foi pai de Fernando Lobo, o conhecido autor musical sob o pseudônimo de Marcelo Tupinambá, ainda aumentando as provas da genealidade dos Lobos para música.
- 10. Carolina, nascida em 1833.
- 11. Elias Álvares Lobo, que continua.
- 12. Umbélia Clara de Albertim, nascida em 1837, casada em Itu a 10/10/1856, com Joaquim Mariano da Costa, filho do cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa e de Maria Teresa do Monte Carmelo. Com geração.
- 13. José Alves da Conceição Lobo, nascido a 8/12/1840, filho póstumo; seu pai havia falecido em 13 de outubro. Foi casado com Isabel Antunes de Miranda, filha de Manuel Joaquim Antunes e de Teodora Maria de Miranda do Nascimento, *com geração*

O MAESTRO E SUA FAMÍLIA DE MÚSICOS

60

Nasceu o Maestro Elias Álvares Lobo em Itu, a 9 de agosto de 1834, e foi logo batizado, evidentemente por correr risco de vida, como aconteceu com outro conhecido músico, André da Silva Gomes, em Lisboa, que, por perigo de vida, foi batizado em casa, recebendo depois os Santos Óleos na sua freguesia (106). Diz o assentamento do pequeno Elias:

"Aos vinte dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, nesta Matriz, o Rvdo. Francisco Leite Ribeiro pôs os Santos Óleos ao inocente Elias e foi batizado em casa, por necessidade, pelo Padre Elias do Monte Carmelo, de idade de catorze dias, filho do Juíz de Paz José Manuel Lobo e sua mulher Dona Teresa Xavier de Jesus; padrinhos o mesmo Reverendo Elias do Monte Carmelo e Dona Ana Esméria, todos desta Vila" (a) O Vig<sup>o</sup> Brás Luís de Pina (107).

Tinha Elias, por madrinha de batismo, a sua avó materna. Casou-se em Itu com Elisa Eufrosina da Costa, na mesma vila nascida a 13/1/1839 e batizada a 20, e falecida em Campinas a 26/12/1883; filha do cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa e de Maria Teresa do Monte Carmelo (108); neta paterna de Joaquim Mariano da Costa e de Ana Maria da Costa; neta materna de Antônio Luís Penalva e de Francisca Rosa de Sant'Ana (109). Diz o assentamento:

"Ao 1<sup>o</sup> de setembro de 1855, nesta matriz, feitas as diligências do estilo, em minha presença e das testemunhas Tristão de Abreu Rangel e Vicente Bernardo de Almeida, receberam-se em matrimônio Elias Álvares Lobo, filho do finado José Manuel Lobo e Dona Teresa Xavier Lobo, e Dona Elisa Eufrosina da Costa, filha de Francisco Mariano da Costa e Dona Maria Teresa, todos desta, de que fiz este assento" (110).

Em 20 de novembro de 1856, alugava Elias Lobo, a sua, provavelmente, primeira casa de morada, o que já historiamos no centenário de seu filho Paulo: "Em setembro de 1855, em Itu, José da Costa Sobrinho firmava um acordo de aluguel de uma casa que pertencia a Nossa Senhora da Conceição. Ele reformaria a casa e descontaria as despesas do aluguel mensal que se havia fixado em dois mil e quinhentos réis. Largo tempo demorou para que Nossa Senhora resgatasse a dívida da reforma de sua casa, pois as despesas se elevaram a quarenta e quatro mil réis". "Mas o inquilino Costa Sobrinho não demorou na casa mais de nove meses e transferiu o contrato a José Ferraz de Arruda e Sá, em 8 de julho de 1856. Este senhor Arruda e Sá, mais apressado foi na sua mudança deixando a casa de Nossa Senhora, pois passou o contrato de aluguel (quatro meses depois) em 20 de novembro do mesmo ano de 1856, a Elias Álvares Lobo, moço de vinte e dois anos que se havia casado" dez meses antes (111).

64

Sobre a família de Elisa Eufrosina, uma valiosa informação foi dada pelo seu irmão Tristão Mariano da Costa, que deixou em mãos de Antônio Álvares Lobo as notícias que transcrevemos:

"Itu, 30 de julho de 1905.

Em resposta à vossa carta de 29 do corrente, pedindo a genealogia de nossa família pelo lado de vossa mãe, tenho a dizer -vos: Antônio Luís Penalva (108<sup>112</sup>) casado com Francisca do Monte Carmelo tiveram os filhos José, Joaquim, Bento, Antônio (padre João e Maria Teresa da Costa (vossa avó materna); esta casou-se com Francisco Mariano da Costa".

"Vosso avô, o cirurgião Francisco Mariano da Costa, muito amigo do Padre Diogo Feijó, D. Antônio Joaquim de Melo, Padre João Paulo, Senador Paula Sousa e outros daquele tempo, tomou parte nesse movimento que daqui de Itu partiu para a nossa Independência; ele era filho único de Joaquim Mariano da Costa (vosso bisavô) e de Ana Maria da Costa, irmã do Coronel João Floriano da Costa (que morreu em Sorocaba), Vicente da Costa, Francisco da Costa, Fidélis da Costa e outros que não me lembro.

O vosso bisavô, Joaquim Mariano, morreu em Cuiabá numa das monções que naqueles tempos iam atrás de riquezas do ouro daquele estado, e porque o vosso tataravô Feliciano da Costa (114) pai de Joaquim Mariano,

(ERRADO! Veja a ~~nota~~ a NOTA ~~ESCLARECIDA~~)

para lá tinha ido e escreveu convidando o filho; vossa bisavó Ana Maria da Costa recusou-se e ficou com o vosso avô, seu filho único, Francisco Mariano; quando logo depois o Capitão-Mór de Itu, Vicente Taques de Góis, por motivos de demanda das terras, começou a perseguir os filhos de Vicente da Costa e de Ana Maria da Costa (vossa bisavó) que tinha um só filho e esse mesmo foi recrutado e mandado para São Paulo, no princípio do século 19 quando era Governador o General Horta. Nessa ocasião tinha vindo para São Paulo um médico de Coimbra e por ordem do General abriu uma escola prática (mais de cirurgia do que de medicina) onde vosso avô, Francisco Alves Machado (célebre operador) e Tomás Gonçalves Gomide, ao todo 6 estudantes, aprenderam a medicina. Em 1811, quando D. Diogo de Sousa invadiu o Estado Oriental, vosso avô Francisco Mariano da Costa foi como cirurgião ajudante do batalhão que daqui de São Paulo foi reunir-se às forças de D. Diogo de Sousa para a dita invasão. Dois primos irmãos de meu pai, Coronel João Floriano da Costa e Capitão Bento José de Sousa, lá estiveram também; guardo ainda a carta de cirurgião de vosso avô, Francisco Mariano, que a obteve em 1819, no governo de D. João VI, depois que tinha voltado do Rio Grande do Sul e veio morar outra vez em Itu, onde se casou com vossa avó Maria Teresa na casa do pátio do Patrocínio, hoje Externato do Colégio de São José" (114)

ORDEM DO DIA

- Apresentação dos critérios de intervenção física na F

Protocolos de área envoltória com Parecer Favorável

- Prot. nº 38081/88 - Roberto Sister, aprovação de planta, R. Francis  
co Glicério - Qt 1056 - Centro (Palácio dos Azu  
lejos; Catedral Metropolitana/CONDEPHAAT/CONDEPACC

Casou-se, pela segunda vez. o Maestro, em Campinas, a 9/8/1884 (dia em que completava cinquenta anos de idade), na matriz de Santa Cruz e Nossa Senhora do Carmo, com Isabel de Arruda, segundo assentamentos:

"Aos 9 de agosto de mil oitocentos e oitenta e quatro, na Matriz desta Paróquia, em minha presença e das testemunhas Antônio Álvares de Lima, Dona Antônia Eufrosina de Andrade Lima, José da Rocha Campos e Dona Gertrudes Leonísia de Barros, receberam-se em matrimônio os nubentes Elias Álvares Lobo e Dona Isabel de Arruda, esta freguesa desta Paróquia, filha legítima de Benedito José Outeiro e de Dona Isabel Ferraz de Arruda; aquele freguês da Conceição, viúvo por óbito de Elisa Eufrosina da Costa Lobo" (a) Francisco de Abreu Sampaio. ~~(112)~~ 115

Deixou o Maestro, que faleceu a 15 de dezembro de 1904, do primeiro casamento, os seguintes filhos:

- 1 - Jerônimo Álvares Lobo
- 2 - Antônio Álvares Lobo
- 3 - Ana Esméria Lobo
- 4 - José Manuel Lobo
- 5 - Teresa Álvares Lobo
- 6 - Elias Álvares Lobo Filho
- 7 - Paulo Álvares Lobo

Do segunda casamento:

- 8 - Maria do Carmo Álvares Lobo
- 9 - Leão Álvares Lobo
- 10 - Margarida Álvares Lobo
- 11 - Joaquim Álvares Lobo
- 12 - Isabel Álvares Lobo
- 13 - Tarcísio Álvares Lobo.

1. Jerônimo Álvares Lobo, maestro-compositor, nascido em Itu a 16 de março de 1857, faleceu em Campinas a 17 de janeiro de 1911. Tendo-se dedicado à música desde cedo, lecionou piano durante muitos anos na cidade de Santos; mais tarde lecionou música em estabelecimentos oficiais na capital do Estado e, posteriormente, foi nomeado para o cargo de professor de música na antiga Escola Complementar de Campinas (hoje Instituto de Educação), cargo que ocupou até sua morte. Além de instrumentista (piano e violino), dedicava-se também à regência orquestral. Suas principais composições foram de músicas sacras e escolares. Casou-se com Maria Elisa de Azevedo Marques, filha de Inácio Roberto de Azevedo Marques e de Elisa de Melo Azevedo Marques. O casal teve onze filhos, dos quais sete atingiram a idade adulta: 116

11 - Elias Álvares Lobo Neto, maestro-compositor, nascido em Santos a 17/9/1883, faleceu em Campinas a 28/11/1930. Substituiu o seu pai na cadeira de música da Escola Complementar, dedicando-se, de modo especial, não só ao ensino teórico, como ao de canto orfeônico. Sua principal atividade musical foi, porém, no terreno da composição: poemas musicais, canções, cânticos escolares e religiosos, etc., além de composições inéditas, das quais podemos citar: Ave Maria - Hino ao Brasil - O Canto da Esperança, versos de Gomes Leal, valsa lenta - Cigarra, versos de Vitor Caruso, romança com coro e duas vozes - Saudades, valsa lenta, versos de Casimiro de Abreu - A Um Coração, canto - Quadras, canto - Aos Anos Dela, canto - Guitarra, canção triste - Aos Sinos, invocação, canto - Desilusão, valsa para piano - Lunetas e Monóculos, valsa para piano - Manon, valsa para piano - Aí Batuta, tango para piano - Hino do Terceiro Grupo Escolar, letra de Basílio de Magalhães (117) - Hino da Despedida, que o autor ensaiava com suas alunas quando teve um desmaio e foi levado em socorro, para morrer - Kirie - Glória - Sanctus - Ave Maria (118) - Missa Sursum (119) - Assunção da Virgem, composta e dirigida pelo autor na festa da Santa Casa de 15/8/1926 (120). A décima sétima, décima oitava e décima nona citadas, também foram executadas em festas de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa, como relatou Benedito Otávio em 1909: "Elias Lobo Neto, com uma exata compreensão dessas verdades, convencido da necessidade da transformação que o Moto próprio de S.S. o Papa Pio X estabelece, exerceu e fez exhibir na referida solenidade, três composições suas baseadas no estilo polifônico, ligado, e reveladoras do seu talento musical. Foram esse Kirie e esse Glória de estréia naquela missa, e o Sanctus, já anteriormente executado e não menos merecedor de encômios dos entendidos." (121). E disse mais a imprensa: "o Diário Popular em sua edição de ontem, referiu-se cativamente ao nosso companheiro de trabalho Elias Lobo Neto, autor de músicas sacras executadas nesta ci-

dade, nas últimas festas da Santa Casa ". "Eis que surge em Campinas, nesse glorioso ninho de gênios, mais um artista de valor. Referimo-nos ao jovem Elias Lobo Neto, que acaba de fazer grande sucesso naquela cidade, apresentando-se no gênero sacro, tão difícil de cultivar na sua verdadeira linha estética". E na mesma Capital, o jornal "O São Paulo", no dia 25, afirmava: "Em Campinas surgiu um desvelado cultor da música sacra, o jovem Elias Lobo Neto, que tem recebido muitos elogios" (124) 122

Traços biográficos de maior profundidade, foram escritos pelo Dr. Celso da Silveira Resende, que se destacava, em todos os seus brilhantes trabalhos, pela profundidade e segurança com que os apresentava; disse de Elias Lobo Neto: "A sua inata vocação para a arte musical, revelada desde a infância, não o fez unicamente estudá-la e admirar-lhe as belezas. O seu inspirado talento o fez produzir desde moço. Aos 16 anos já compunha. A sua inspiração não era somente vasta e ampla, abrangendo os mais variados gêneros musicais, mas era, sobretudo, profunda, pois abordava, com inteligência e sentimento, os mais difíceis temas. Os seus hinos sacros são uma prova patente de que o seu talento não era de superfície. Nos gêneros religiosos e coral, é que se destacaram as mais belas e inspiradas produções. Do primeiro, temos, além dos vários hinos sacros, já citados: Sursum Corda, Requiem, Libera me. Do segundo: Alvorada, Meio Dia, Luar de Amor, Berceuse, Meus Oito Anos, Todos Cantam sua Terra e outras mais composições que pôs em música. Convém citar aqui, que Elias Lobo Neto compôs especialmente, e regeu, A Assunção da Virgem, música religiosa para comemorar o 50º aniversário da fundação da Santa Casa, em 15 de agosto de 1926." ~~(A música de este e de outros hinos)~~

"Em outro gênero de composição, o popular, não foram menos perfeitas as suas altas qualidades de musicista. Neste, fazem-se notar, entre outras, pela inspiração e emotividade; Mal Secreto, Quadras, Folhas Soltas (que apenas musicou), Aos Anos Dela, e a célebre Guitarra, a qual, tendo sido cantada na Bélgica pelo tenor Bus tamante de Camargo, na presença dos soberanos deste País, neles despertou tal entusiasmo e arrebatamento, que fizeram questão de obter uma cópia da música. Peças variadas, para canto, piano e orquestra, em farta messe, ainda brotaram do seu privilegiado engenho musical. O seu forte talento não se limitou, contudo, à Música - a sua qualidade maitresse. O seu estro não foi somente o dos sons, pois que dominou, por igual, na Poesia - de que foi cultor - a qual, como aquela, também é sujeita ao ritmo, à métrica, à harmonia... Foi, ainda, jornalista, tendo colaborado, assiduamente, nos jornais de Campinas"

(124) ~~122~~ (Apêndice sobre o biografado).

diário do povo 16-VII-1985  
Maria Isabel Giudice de Albuquerque Cavalcanti - Faleceu ontem nesta cidade a Prof. Isabel Giudice de Albuquerque Cavalcanti. Foi casada em primeiras núpcias com Elias Lobo Neto deixando os filhos Henrique Lobo, casado com Adalgisa Oliveira Lobo; Vera Lobo Teixeira de Camargo, casada com Cid Teixeira de Camargo; Plínio Lobo, casado com Stela de Assis Lobo e Adalgisa Lobo Arena, casada com José Fernando Pereira Arena. Foi casada em 2ªs. núpcias com Antonio Francisco de Albuquerque Cavalcanti. Deixa enteados, netos, bisnetos e irmãos. Seu sepultamento deu-se ontem, às 17:00 horas, no Cemitério da Saudade.

execu  
Casa  
nias  
Neto  
sentando  
dade  
bo  
bor  
muitos

lmas  
se  
no  
essa  
sua  
pital  
surgiu

bor da música sacra, o jovem Elias Lobo Neto, que tem recebido muitos elogios

(falecida a 15 de julho de 1985)

Gozava o maestro-compositor de amplo e elevado conceito no meio em que vivia, o meio artístico do ensino, e dispunha de um campo extenso de admiradores. Como se pode ver no presente trabalho, a imprensa sempre noticiou, com largueza e com referências especiais, os falecimentos das pessoas eminentes da família Lobo. Mas, ao falecer o Maestro Elias Lobo Neto, logo após o triunfo da revolução de 1930, quando seus parentes políticos já não se aproximavam do sol de domínio administrativo do país, jornal de Campinas, dirigido por revolucionário triunfante, entre notícias longas de falecimentos, até de estudante que não tinha, por muito moço, currículo de serviços à coletividade, apenas divulgou a morte do estimado compositor e professor musical, com a notícia: "Faleceu ontem às 21 horas, à rua José Paulino 1192, o sr. professor Elias Lobo Neto, natural de Campinas e filho do falecido Jerônimo Álvares Lobo e da sra. d. Maria Elisa Álvares Lobo. Contava o finado 49 anos de idade, era casado com a sra. d. Maria Isabel Bulcão Giudice Lobo" de cujo consórcio deixa três filhos". Depois a notícia se referiu a irmãos e tios, e a particularidades do enterro, para terminar: "Em sinal de pesar pela morte do antigo professor de nossa Escola Normal, foram suspensas todas as festas de formatura dos professores deste ano" (128)

Mas, jornal da Capital noticiou seu enterramento: "Realizou-se sábado último, às 16 horas, em Campinas, o enterro do professor Elias Lobo Neto, lente de música da Escola Normal daquela cidade. O corpo foi transportado a mão até a Catedral, onde foi feita uma encomendação solene pelo Cônego João Loschi, acompanhada pelos cantores daquele templo. Após o ato, foi o féretro conduzido para o cemitério da Saudade, tendo sido acompanhado a pé pelas alunas do extinto. Antes do corpo baixar à sepultura, em nome de suas colegas, falou a senhorita Iolanda Cunha Castro, despedindo-se do seu professor. Em nome dos professores da Escola Normal, falou o sr José Vilagelim Neto" (129). Tais notícias e o fato de terem sido suspensas todas as festas de formatura do professorado do ano, atestam a vastidão do pesar causado pela morte do professor, e o seu grande mérito. De seu casamento ficaram os seguintes filhos: 1, Henrique LUIS ~~Neto~~ Giudice Lobo, radialista, casado com Adalgisa Merz, com geração. 2, Vera Lobo Teixeira de Caomargo/casada com Cid Teixeira de Camargo, da Fazenda Federal aposentado, sem geração. 3, Plínio Orlando Giudice Lobo industrial casado com Maria ESTELA Assis, com geração.

Estela Neto

12 - Maria do Carmo, que tomou o hábito das Religiosas de São José, com o nome de Irmã Maria dos Serafins, tendo servido em colégios e hospitais confiados aos cuidados da Irmandade, o último dos quais foi a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

13 - Aristides Álvares Lobo, que foi alto funcionário da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro. Casado com Oscarlina Guimarães Lobo, deixou os seguintes filhos: 1, Pedro Guimarães Lobo, engenheiro, casado com Creusa de Campos; com geração. 2, José Carlos Guimarães Lobo, advogado. 3, Luís Urbino Guimarães Lobo, bancário. 4, Geraldo Guimarães Lobo, engenheiro industrial.

14 - Antônio Lobo Sobrinho, advogado, foi promotor público em Ibitinga e Pitangueiras, secretário da presidência da Câmara dos Deputados Estaduais, assessor no Conselho Administrativo do Estado e do gabinete da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça de São Paulo, e, por último, procurador da Fazenda do Estado. Foi casado com Odila Guimarães Lobo, sendo seus filhos: 1, Maria Idalina Lobo Schlichtiny, casada. 2, Roberto Guimarães Lobo, casado em São Paulo com Carmem Lídia Andreucci. 3, Cecília Lobo Fonseca, casada. 4, Fábio Guimarães Lobo, médico. 5, Odila Lobo Neto, casada com seu primo Paulo Lobo Neto.

15 - Elisa de Azevedo Lobo, musicista, professora na Escola Normal de Campinas (hoje Instituto de Educação), aposentada.

16 - José Inácio Lobo, <sup>(125)</sup> médico, professor, livre docente da Universidade de São Paulo, professor e um dos fundadores da Escola Paulista de Medicina, Médico Emérito da Santa Casa de São Paulo, foi chefe do Hospital Vital Brasil e do Serviço de Endocrinologia Humana do Instituto do Butantã e membro da Academia de Medicina de São Paulo. Dele disse Gustavo Friozi: "A partir do 3º ano de vida acadêmica, começou a freqüentar, na Santa Casa de Misericórdia, o Serviço de Clínica da 2ª Medicina de Mulheres, do qual era chefe o Dr. Ribeiro de Almeida, tendo aí trabalhado sob a orientação do então assistente, Dr. Raul Margarido. Trabalhou ainda nos postos de Profilaxia da Sífilis e, no último ano do curso, foi interno do Hospital do Isolamento desta Capital, e presidente do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

A tese que defendeu para doutoramento em medicina, versou sobre "Menstruação e Corpo Lúteo", sendo aprovada com distinção. Exerceu a clínica, a princípio na cidade de Gurinhos, onde permaneceu até fins de 1925. Ingressou então no serviço hospitalar do Prof. Rubião Meira, na 2ª - Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Neste posto foi indicado pelo citado professor, para Assistente Extraordinário da 3ª cadeira de Clínica Médica

da Faculdade de Medicina, indicação renovada anualmente, a última das quais em março de 1936, conforme título de nomeação. Em julho de 1932, foi nomeado adjunto do Hospital São Luís Gonzaga, em Jaçanã; cargo cujo exercício teve logo que interromper, em vista da Revolução Constitucionalista. Durante esta, não pôde prestar serviços médicos nem no Hospital Central da Santa Casa, nem em qualquer outro hospital de sangue, por se ter, desde o início, incorporado às forças em operação no setor sul. De regresso, reassumiu suas atividades clínicas tanto no Hospital Central como no Hospital São Luís Gonzaga. Em maio de 1936, prestou concurso para Livre Docente de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, tendo conquistado o título respectivo. Continuou a auxiliar o curso prático de Clínica (3ª Cadeira), trabalhando na 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de São Paulo, até outubro de 1938. Então, a convite do Dr. Ribeiro de Almeida, passou a trabalhar na 2ª Enfermaria de Medicina de Mulheres do mesmo Hospital, onde permaneceu até meados de 1944. Em 1943 foi, pela Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, revalidado seu título de Livre Docente de Clínica Médica, mediante novo concurso de títulos, como manda a lei. Em novembro de 1945, foi transferido do cargo de adjunto efetivo do Hospital São Luís Gonzaga, para cargo idêntico no Hospital Central. Em maio de 1946, pela Mesa Administrativa da Irmandade, foi promovido a Chefe de Clínica da 2ª Enfermaria de Medicina de Homens. Exerceu a chefia desta Enfermaria até 1953, quando solicitou exoneração do cargo. A Mesa Administrativa, em reconhecimento aos serviços prestados, conferiu-lhe, em maio de 1955, título de Médico Emérito ~~(1955)~~.

José Inácio Lobo casou-se, em 1940, com Maria Rita Nogueira Garcez, sendo seus filhos: 1, Marcelo Garcez Lobo, engenheiro pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica, casado com Lucila da Silveira Figueredo. 2, Guilherme Garcez Lobo, engenheiro M. B. A. (Master Business Administrator), pela University of Delaware, e professor na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. 3, Maria Cláudia Lobo Faro, casada. 4, Maria Ercília Garcez Lobo, casada. 5, Maria Gilda Garcez Lobo. 6, Elizabeth Lobo Brenasi. 7, Heloísa Garcez Lobo. 8, Jorge Garcez Lobo. 9, Flávia Garcez Lobo. 10, Rogério Garcez Lobo.

17 - Inês Álvares Lobo, escritã aposentada do Foro Criminal de São Paulo.

...

2 - Antônio Álvares Lobo, nascido em Itu, a 15 de junho de 1860, musicista compositor, foi bacharel em direito, advogado, orador, conferencista, escritor esportivo, vereador e prefeito de Campinas, parlamentar, presidente da Câmara dos Deputados de São Paulo. Casou-se com Guilhermina de Freitas Guimarães, filha de João de Freitas Guimarães e Francisca Sanches de Lemos (irmã do Dr. Pedro Sanches de Lemos), sendo a noiva bisneta dos Barões de Rio Verde (126). Na forma

~~Máximo~~ que adotamos, de transcrever de outros os juízos sobre personalidades de nossa amizade ou parentesco, damos aqui a palavra à imprensa que dedicou noticiário a Antônio Lobo: "Fez os seus primeiros estudos em Itu e Campinas, matriculando-se em 1879 na Faculdade de Direito desta capital. Formou-se a 5 de novembro de 1884, indo advogar em Campinas com Francisco Glicério. Foi o presidente do Clube Republicano ao tempo da proclamação do novo regime, tendo nesse cargo exercido a mais proveitosa atividade. Na campanha abolicionista, em que particularmente tomou parte, o dr. Antônio Lobo desenvolveu uma propaganda tenaz e usada contra os escravocratas, que eram poderosíssimos, em número e fortuna, e por isso várias vezes esteve exposto às suas iras, perséquições e ameaças, chegando mesmo a receber um ultimato para que se retirasse de Campinas em prazo exíguo sob pena de ser dali expulso à força; o ultimato fracassou em virtude da discussão do caso na Assembléia Provincial de São Paulo, sob provocação do dr. Rangel Pestana, secundado pelo Dr. Rafael Correia da Silva. Depois da libertação dos escravos, a queda do regime dinástico, consequência natural da primeira, encontrou no sócio e companheiro de Glicério, um soldado esforçado e um elemento inteligente e vigilante.

Proclamada a República, constituído o primeiro conselho de intendentes de Campinas em janeiro de 1890, coube ao dr. Antônio Lobo a presidência da Intendência e, como tal, a chefia do executivo. Para enfrentar as epidemias de febre amarela, a segunda e a terceira epidemias que também assolaram Campinas, o chefe do Executivo campineiro, na renovação da Câmara Municipal em 1894, quando se tratava de distribuir as várias funções do governo municipal, foi investido das funções de intendente de higiene e, depois, intendente geral. No exercício deste posto deixou o atestado de sua inteligência e da sua energia, forçando a resitência da população e a guerra surda dos elementos que se aproveitavam do ensejo para promover o desprestígio da autoridade. O dr. Antônio Lobo impôs a observância de rigorosas prescrições de higiene e de administração que então, por seu esforço e pertinácia, haviam sido decretadas, e contrariando interesses em jogo e arrostando, até certo ponto mesmo, a antipatia popular, conseguiu a prática dessas prescrições e leis, e debelou a epidemia reinante. De então em diante, nunca mais se falou em febre amarela em Campinas, ficando a cidade a dever-lhe um serviço de alcance inestimável. Conquistando grande confiança no seio do Partido Republicano, foi eleito vereador em três triênios, exercendo o cargo de 1892 a 1895, de 1902 a 1905 e, finalmente, presidente da Câmara Municipal de Campinas em 1911.

De 1901 a 1911, foi fiscal do governo da União junto ao Ginásio de Campinas. Em 1902 foi eleito deputado ao Congresso Paulista, fazendo parte da comissão de revisão da Constituição. Foi

membro da comissão de Justiça e depois da de Finanças. Tomou parte eficiente em 1903 na discussão da superprodução do café, criticando o projeto Quintino Bocaiúva e os projetos de licenças, aposentadoria e o da reforma da organização municipal, depois convertidos em lei. Na comissão de Finanças, discutiu os projetos de orçamento, a questão da assistência pública e a criação da Bolsa de Café e Caixa de Liquidação, de cujo projeto, convertido em lei, foi o relator. Em 1915 foi eleito presidente da Câmara dos Deputados, ocupando esse cargo até a presidência do dr. Carlos de Campos. Pouco tempo após a morte do dr. Carlos de Campos, o dr. Antônio Lobo abandonou a atividade política" (127).

"Abandonou a atividade política", foi escrito para não se revelar uma injustiça, fruto de má e desleal politicagem, como disse o cronista Hélios: "Antônio Lobo, descendente de um notável artista, era um artista também. Campinas muito lhe deve da sua cultura. Era ele e a sua família estimuladores dos nobres torneios do espírito, concorrendo para o levantamento cultural de sua terra. Não se tratava do político frio, unilateral, fechado no ângulo estreito dos interesses eleitorais, tudo sacrificando a eles pelo cobicioso egoísmo da perpétua reeleição. Ultimamente caíra em desgraça junto dos potentados da política. A megera saturnina devorou friamente esse seu filho, esquecida dos serviços que ele prestara. E o velho batalhador recolhera-se ao círculo íntimo de sua família, rodeado pelo seu carinho, o qual, no dia da sua morte, ia manifestar-se de maneira tão conovente e tão bela. Morre um paulista ilustre. São os expoentes de uma geração brilhante que desaparecem, um a um, numa fúnebre caravana, como para extinguir o brilho de uma era que foi um esplendor... (128).

"O dr. Antônio Álvares Lobo dedicou-se, durante toda a sua vida, a inúmeros empreendimentos de caráter filantrópico, tendo tomado parte ativa na fundação, manutenção e direção de quase todos os estabelecimentos de caridade existentes em Campinas. Atualmente, ocupava a presidência da Associação Instituto Profissional Bento Quirino, a vice-presidência do Hospício de Dementes do Arraial dos Sousas e a provedoria da Santa Casa de Misericórdia daquela cidade, de cuja mesa administrativa foi membro ativo durante 50 anos, exercendo, ininterruptamente, os cargos de secretário, mordomo e provedor. Ocupou recentemente a presidência da Maternidade de Campinas, tendo prestado durante sua proveitosa gestão grandes benefícios a esse estabelecimento. Era ainda o dr. Antônio Lobo presidente da sub-seção de Campinas e membro do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil" (129).

Como católico que foi, partícipe de tantas instituições filantrópicas, impõe a justiça uma referência a seus trabalhos como vicentino, durante toda a sua vida; e ele mesmo, em conferência feita em 1916, em benefício da Sociedade São Vicente de Paulo, afirmou quando havia iniciado sua dedicação a esta benemérita sociedade: "foi em 1880, quando eu ainda cursava o 1º ano da Academia de Direito de São Paulo. Entrei então para o grêmio da Conferência que se reunia na Sé, edifício hoje demolido, presidindo-a o finado dr. Indalécio Figueira de Aguiar, varão justo temente a Deus." Sendo Antônio Lobo, católico de integral formação e notável acervo de trabalhos prestados à Igreja, notou o Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que nunca se havia dado um reconhecimento a este católico exemplar; e, exposta tal estranheza a elementos do clero da Arquidiocese, assentou-se que se deveria representar nesse sentido à Sua Santidade, sugerindo a outorga de um título de conde ao dr. Antônio Lobo. A circunstância, porém, de ser ele um político militante, republicano desde a propaganda, fez mudar a natureza do agraciamento, sugerindo-se à Santa Sé outra distinção honorífica. Foi, assim, concedido a Antônio Lobo, o mais alto grau da considerada Ordem de São Silvestre Papa, o de Grã-Cruz.

Teve o advogado Antônio Lobo, no seu próprio filho Pelágio, quem lhe traçasse a figura de retidão e austeridade: "Posso escrever sem constrangimento sobre essa vida de grande e completo advogado porque, se nas lutas políticas em que se envolveu, nelas inspirado sempre por indefectível lealdade aos preceitos republicanos, poderia encontrar desafetos, nada fez ou deixou de fazer na advocacia que não possa ser recordado como exemplo dignificante do esforço, de lucidez e de probidade. Filho de um pobre professor de música, o maestro Elias Lobo, e tendo feito o curso de segundas letras no Seminário Episcopal, ali foi depois professor e, com esses magros proventos, concluiu o curso jurídico." "Formado, veio trabalhar em Campinas, no escritório de Francisco Glicério, e assumiu a direção completa dos seus trabalhos ao tempo em que Glicério entrava, de corpo inteiro, na propaganda republicana."

"Os arquivos forenses guardam no bojo dos autos numerosos trabalhos por ele produzidos durante cinquenta anos de indefesso labor. Para o escritório foram vindo José Lobo, em 1887, e Paulo Lobo em 1900. Em 1911 vim eu, seu filho mais velho; todos nós aprendemos com ele, com seus exemplos, como deveria agir um profissional digno do nome de advogado. Era escrupulosíssimo nas relações e contatos com a clientela e exigentíssimo na pronta resposta a cartas e consultas. Seguiu nisso, aliás, por um pendor natural, os salutares exemplos de Glicério. Tendo servido na administração do Município como Chefe da Intendência, logo após a proclamação da República, e exercendo os postos de intendente municipal, vereador e presidente da Câmara em anos subsequentes, foi eleito deputado estadual em 1903 e serviu ao seu partido nos postos que lhe foram indicados, ocupando a presidência da Câmara dos Deputados, logo após a presidência de Carlos de Campos, de 1915 a 1927, com a mesma correção com que se desempenhava dos seus árduos deveres de advogado." (130) 131

Campinas deu o seu nome a uma rua da cidade, e a Academia Campinense de Letras o instituiu patrono de sua cadeira nº 40, por proposta do primeiro ocupante Carlos Penteado Stevenson. Na cidade de Americana, onde ele sempre foi glorificado como seu emancipador, as homenagens que lhe prestaram repetiram-se por várias vezes. Americana pertencia primitivamente a Piracicaba, e foi Antônio Lobo quem alcançou seu desmembramento e unificação ao município de Campinas, e, a 12 de novembro de 1924, sua autonomia plena de município autônomo, graças aos reclamos de sua população e à ação política deste homem público. Dois anos depois, a 12 de novembro de 1926, Americana prestava homenagem a Antônio Lobo com o programa: "Recepção pela Câmara e povo com duas bandas de música, do Exmo. Snr. Dr. Antônio Lobo e demais convidados, que chegarão pelo trem das 12,40. Sessão solene e especial da Câmara Municipal, às 13 horas. Orador oficial o presidente Dr. Liráucio Gomes. Inauguração do retrato do Exmo. Snr. Dr. Antônio Lobo. Manifestação do povo e das escolas do município ao homenageado, às 16 horas, em a residência do Snr. Prefeito Municipal. Oradores: pelo povo, Feliciano Costa Pinto; pelas escolas, Alcindo Soares Nascimento". Banquete às 19 horas e baile de gala às 21,30 no Teatro Central. Mas Americana não esqueceu o seu emancipador e, assim, quarenta anos depois, a 12 de novembro de 1964, inaugurou o seu busto em praça pública, orando o Prefeito Municipal, João Batista de Oliveira Romão, o Vereador Achilles de Camargo Neves, agradecendo pela família do homenageado, o seu neto, escritor e historiador Gilberto Leite de Barros.

A 17 de abril de 1934, noticiava a imprensa de Campinas:

"A data de hoje é muito significativa para o distinto casal dr. Antônio Álvares Lobo e exma. sra. d. Guilhermina de Freitas Álvares Lobo, que festeja hoje suas bodas de ouro". "Em regozijo ao acontecimento, o distinto casal mandará celebrar missa em ação de graças às 8,30 horas, na capela da Santa Casa, sendo o ato assistido por todos os membros da família e pessoas de suas relações. Às 12 horas haverá um almoço íntimo da família, e à noite uma sessão lítero-musical promovida pelos filhos, noras, genros e netos do casal e por outras pessoas da família" (133).

Pela manhã começavam a chegar a Campinas os telegramas de felicitações pela data festiva. Depois de um grande volume de telegramas, o telegrafista, assoberbado pelo trabalho que se avolumava cada vez mais, teve uma surpresa ao receber um telegrama que transmitia votos de pesar! Tratava já de pedir confirmação para reparo do que entendia ser um engano, quando outro no mesmo teor, e mais outros acusavam uma transformação na solidariedade dos amigos do casal. No dia seguinte, estampavam-se as notícias: "Surpreendeu

dolorosamente a sociedade campineira, a triste nova que circulou ontem, às primeiras horas da manhã, de que havia falecido o sr. dr. Antônio Álvares Lobo, conhecido e ilustre advogado do nosso foro. E mais surpreendeu a triste nova, pelo fato de terem jornais de Campinas e da capital, divulgado, poucos momentos antes, a notícia de que era o dia de ontem de festas para aquele benquisto cidadão e para sua exma. snra. d. Guilhermina de Freitas Álvares Lobo, que iam comemorar suas bodas de ouro, acontecimento de alta significação para a sociedade campineira, que muito admirava o distinto casal, quer pelas suas virtudes morais, quer pela diretriz que soubera traçar à sua numerosa prole, toda ela constituída de elementos ~~de~~ representativos do nosso mais culto meio social. E a nossa sociedade se preparava para levar ao estimado casal o testemunho do seu afeto e da sua admiração pelo acontecimento auspicioso que se ia comemorar, teve bruscamente norteadado para rumo bem diverso o seu justo movimento de estima, substituindo o sorriso pela lágrima, o júbilo pelo pesar, em face da vontade suprema do Alto, diante da qual todos nós nos curvamos reverentes, cheios de obediência espontânea. O golpe doloroso que ontem alcançou a Exma. Família Álvares Lobo, feriu, também, a alma da sociedade campineira. Não só a família pranteia o desaparecimento do chefe afetuosos e caro! A sociedade em cujo meio Antônio Álvares Lobo viveu desde sua mocidade promissora até sua velhice cheia de belíssimos exemplos de honradez e de civismo, lamenta, igualmente, o desaparecimento desse cidadão, que soube ser amigo dedicado, profissional escrupuloso, devotado amigo de seu Estado natal, e, sobretudo, um legítimo apóstolo do Bem, qualidade por ele revelada no decorrer de tantos anos à frente da direção de um dos nossos modelares estabelecimentos de caridade: - a Santa Casa de Misericórdia!".

"A Escola de Comércio Bento Quirino, de cujo Conselho Consultivo fez parte o dr. Antônio Lobo, suspendeu as suas aulas, em homenagem ao extinto". "O Colégio São Benedito, do qual o extinto foi grande benfeitor, também suspendeu as suas aulas em sinal de pesar". "A Federação Paulista dos Homens de Cor, que recebeu muitos benefícios do dr. Antônio Lobo, consignou no seu livro de atas um voto de profundo pesar pelo seu falecimento". "A Prefeitura Municipal cerrou as suas portas, tendo o sr. Prefeito Municipal determinado que o pavilhão nacional fosse hasteado em funeral". "O sr. Secretário da Educação e Saúde Pública determinou que fossem suspensas hoje as aulas, em sinal de pesar". "O Centro de Cultura Intelectual suspendeu a sua aula de História do Brasil; falou sobre a triste ocorrência o sr. dr. Ernesto Kuhlmann". "A Diretoria da Maternidade de Campinas reuniu-se ontem, à noite, em sessão especial, tendo resolvido que todos os diretores, incorporados, comparecessem aos funerais do dr. Antônio Lobo". "Em nome do corpo redatorial do Correio Popular, esteve na residência da família enlu-

tada, a quem apresentou pêsames, o sr. Moacir Chagas, nosso redator-chefe". "Por convocação da Ordem dos Advogados de Campinas, de que era digno e operoso presidente o Dr. Antônio Álvares Lobo, houve ontem uma reunião no edifício do foro campineiro, estando presentes os srs. Juizes, Promotores, escrivães, advogados e provisionados; ficou deliberado prestar excepcionais homenagens ao ilustre extinto, devendo o foro incorporado comparecer aos funerais; foi designado o dr. Ernesto Kuhlmann para, em nome do foro, interpretar os sentimentos de pesar da classe; ficou deliberado também, mandar celebrar na Catedral, missa de 7º dia". "Nos protocolos da audiência de ontem, presidida pelo dr. Vasco Smith de Vasconcelos foi consignado um voto de profundo pesar, por proposta do dr. Aristides Lemos, tendo o dr. Nelson Noronha Gustavo determinado que se asteasse a bandeira em funeral". "Ao ter conhecimento do falecimento do sr. dr. Antônio Lobo, a Diretoria da Associação Comercial mandou encerrar às 15 horas o expediente das várias seções daquela entidade e apresentou pêsames por ofício à Exma. Família enlutada; os Drs. Silvino Godói e Lauro Pimentel, respectivamente presidente e advogado daquela corporação, visitaram a câmara mortuária e aí permaneceram por algum tempo em vigília ao corpo do distinto morto". "O diretório local do Partido Republicano Paulista reuniu-se extraordinariamente ontem, às 20 horas, tendo sido consignado em ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do ilustre cidadão; tendo a família do extinto solicitado que não enviassem coroas nem flores, o diretório resolveu doar ao Asilo de Inválidos a quantia de 100\$000 em homenagem à memória do dr. Antônio Lobo; para representar o diretório nos funerais foi nomeada uma comissão composta dos snrs. dr. Clóvis Peixoto, dr. Ralfo Estevam de Siqueira e Fernão Pompeu." "O diretório municipal do Partido Constitucionalista, ao ter notícia do falecimento do sr. dr. Antônio Álvares Lobo, resolveu comparecer aos seus funerais, como homenagem sincera ao propagandista republicano e prova de estima ao benquisto cidadão, cujo nome está ligado a todas instituições de caridade de Campinas e ainda, de reconhecimento aos grandes serviços prestados à cidade como intendente e vereador que foi ele por muitos anos". "A Faculdade de Farmácia e Odontologia, associando-se às manifestações de pesar pela morte do dr. Antônio Lobo, suspendeu suas aulas no dia de hoje". "A Santa Casa de Misericórdia, de cuja mesa administrativa o dr. Antônio Lobo foi membro ativo durante 50 anos, tendo nela exercido ininterruptamente os cargos de secretário, mordomo e provedor, pediu e obteve da família enlutada permissão para realizar os funerais desse seu desvelado irmão. Os funerais realizam-se hoje, às 10 horas, saindo o féretro do prédio 164 da rua Augusto César; por vontade expressa do falecido, a família pede que não sejam enviadas coroas, e que as importâncias para esse fim destinadas, revertam em benefício de uma instituição de caridade" (138).

Seu funeral teve especial registro dos jornais da cidade e da capital, entre os quais noticiou o correspondente da Folha da Manhã: "Realizaram-se hoje, nesta cidade, os funerais do dr. Antônio Lobo, falecido ontem quando comemorava as Bodas de Ouro. O féretro saiu do prédio 164 da rua Augusto César, rumando para a Catedral onde se deu a encomendação pelo rvdo. cônego João Loschi. Pelas ruas da cidade em que passou o féretro, o comércio cerrou as portas em sinal de pesar. Pelas ruas grande era a massa popular que se comprimia, com intuito de prestar sua homenagem ao saudoso extinto. Todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas, compareceram aos funerais, representantes dos partidos políticos, classe médica e de advogados, comércio, lavoyra, indústrias, etc."

"Após a encomendação na Catedral seguiu o corpo para o Cemitério, chegando à quadra do Santíssimo Sacramento, de cuja irmandade o extinto fazia parte, às 11,35 horas, precisas. Já ali grande era a aglomeração. As órfãs da Santa Casa de Misericórdia e Irmãs de Caridade, prestaram sua homenagem, falando em seguida o dr. Ernesto Kulhmann, em nome do Fórum de Campinas e Sub-Seção dos Advogados do Brasil desta cidade. O orador exaltou o valor do saudoso extinto, quer como crente, quer como patriota, quer como chefe de família, despedindo-se de Antônio Lobo em nome do Fórum e Sub-Seção dos Advogados." "Antes de baixar o corpo à sepultura o comerciante sr. Odorico Fabri, em palavras simples mas sinceras, agradeceu ao dr. Antônio Lobo, os benefícios que dele recebeu em vida. Falou ainda o dr. Antonino Teixeira, advogado na Capital e conterrâneo do dr. Antônio Lobo, em nome do povo de Itu, Corporação Musical Maestro Elias Lobo. As palavras do dr. Antonino Teixeira, calaram fundo na alma dos que o ouviram falar, tendo arrancado lágrimas a brilhante oração. Em seguida baixou o corpo à sepultura". (134).

Sua fé, suas convicções sólidas fundadas na cultura intelectual, militante católico foi desde os anos da juventude, melhor confirmando estes aspectos de sua personalidade, a transcrição de palavras do evangélico Nelson Omega, na conferência que fez no Centro de Ciências, Letras e Artes, quando esta instituição homenageou o seu antigo presidente: "Crente foi e franco, e de público, íntegro, batalhador dos interesses espirituais. Crente, foi esmoler e professou com zelos e carinhos os altos encargos da caridade; parece que desejou ser em Campinas um Cirineu pronto a pôr no seu ombro a quanta cruz se carregasse a seu lado. De crente foi a sua caridade que, misturada no espírito evangélico de ignorar a mão esquerda o que faz a direita, não se reduz a cifras como relato inexpressivo de uma página do conta-corrente, mas se simboliza nos quarente anos de mordomia desse tanque de Siloé que é a nossa Santa Casa, onde com mãos de samaritano e com milagres proféticos, nunca permitiu faltasse ao pobre o azeite da almotolia ou a farinha na escudela. Crente, foi estudioso das coisas espirituais, clarividente

nas convicções, como atestam, à sociedade, os seus discursos e conferências." (134) 135

Dois anos depois, a Maternidade prestava homenagem a seu antigo presidente. Coube ao seu intérprete, Eng<sup>o</sup> Carlos William Stevenson, dizer: "Quanto a Antônio Lobo, era ele um desses homens que, onde quer que os leve a sua infatigável atividade, nunca deixam de marcar a sua passagem com o rastro inconfundível da sua masculina personalidade. Assim, foi infatigável trabalhador, advogado notável, parlamentar brilhante, orador fluente, político hábil, enérgico na luta e conciliador nos acordos, sabendo corresponder à larga confiança que lhe era tributada e assim alcançando altas investidas em postos de representação no município e no Estado. Dotado de uma inteligência lúcida, disciplinada e culta, na larga esfera em que se desenvolveu a sua prolongada vida pública, Antônio Lobo, desde bem cedo, conseguiu impor-se ao respeito, à consideração e à estima dos seus concidadãos" (135) 136

Em 1960, por sugestão da provedoria da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa -, esta Irmandade, a Academia Campinense de Letras, o Centro de Ciências, Letras e Artes, a Associação Campineira de Imprensa, a Maternidade de Campinas, promoveram homenagens à memória de Antônio Lobo, no dia 15 de junho, comemorativas do seu centenário natalício. Estas comemorações se iniciaram na véspera, em sessão do Centro de Ciências, quando o Acadêmico Carlos Penteado Stevenson discorreu sobre a personalidade de Antônio Lobo, patrono de sua cadeira nº 40 na Academia Campinense de Letras; Celso Maria de Melo Pupo, provedor da Santa Casa falou sobre a atuação que teve nesta instituição, e o Dr. Azael Lobo em agradecimento pela família. As homenagens do dia 15 se iniciaram com missa rezada na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Santa Casa, por Sua Excia. o Arcebispo Metropolitano, Dom Paulo de Tarso Campos, para ter seu fecho com sessão na Associação Campineira de Imprensa onde se colocou o retrato do ilustre cidadão, falando o escritor-jornalista Vitor Caruso, e agradecendo pela família a sua neta Ana Maria Lobo.

Neste mesmo dia os três jornais da cidade dedicaram páginas a Antônio Lobo, com as colunas redatoriais, e colaborações de amigos e familiares: No Correio Popular - Altino Arantes, "Sempre Emprestou ao Governo o Prestígio de sua Honradez e do seu Patriotismo"; Monsenhor Luís Fernandes de Abreu, "Dr. Antônio Lobo, - Católico Cheio de Fé e Exuberante de Caridade"; deputado Marrey Júnior, "O Dr. Antônio Lobo e a Oposição"; seu neto Gilberto Leite de Barros, "A Imagem de meu Avô"; seu genro Artur Leite de Barros, "Evocação à Figura de Antônio Álvares Lobo". No Diário do Povo - Mário Erbolato, "Antônio Álvares Lobo"; Eng<sup>o</sup> Carlos Francisco de Paula, "Cidadão Magnífico"; sua filha Elisa Lobo de Moraes, "Antônio Lobo - Como Era Ele"; Celso Maria de Melo Pupo, "A Origem Brasilei-

ra do Apelido Lobo". No Jornal de Campinas - Paranhos de Siqueira, "Varão de Plutarco"; Célia Siqueira Farjallat, "Traços Marcantes da Personalidade de Escol do Saudoso Homem Público". E ainda no dia 18 a imprensa publicava palavras de Vitor Caruso e de Ana Maria Lobo, pronunciadas na Associação Campineira de Imprensa, e as do Prof. Welman Galvão de França Rangel, "Antônio Álvares Lobo e a Educação". Na Assembleia Legislativa do Estado, vários parlamentares discursaram fazendo o elogio de Antônio Lobo, tendo a imprensa de Campinas reproduzido o discurso, nesta ocasião feito, do deputado Rui de Almeida Barbosa (137). O casal Guilhermina-Antônio Álvares Lobo, deixou os seguintes filhos:

21 - Pelágio Álvares Lobo batizado a 22/3 na Catedral, de Campinas onde nasceu a 1/2/1888, "realizando aqui os estudos das primeiras letras. Formando-se pelo ex-Ginásio do Estado Culto à Ciência, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde obteve o seu diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Uma vez no foro, desempenhou suas atividades em Campinas, em companhia de seu pai e de seu tio Paulo Lobo, Santos e São Paulo, tendo sido redator-chefe da Cidade de Campinas, no período de 1910-1914. Era membro da Ordem dos Advogados, pela Seção de São Paulo, suplente de deputado federal pelo Partido Social Democrático e membro da Sociedade dos Escritores Paulistas. Foi diretor de "O Estado de São Paulo," colaborador de vários jornais do Rio, do "Correio Paulistano" e desta folha, tendo publicado vários trabalhos de natureza jurídica e literária. Atualmente desempenhava as funções de Diretor do Departamento Jurídico da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro" (138).

Sobre Pelágio Lobo, escreveu Benedito da Costa Neto: "Pelágio Lobo tinha o maravilhoso condão de tornar agradável qualquer assunto onde assentava sua palavra. Na palestra, no articulado, nas razões, no artigo de jornal, no brinde, no discurso, no parecer, nas escrituras, e até nos próprios livros de atas, o pranteado jurista bandeirante conseguia imprimir uma dose sutil da sua verve toda pessoal que, desde logo, se revelava como um selo identificador" "A sua linguagem foi sempre impecável; e dentre os escritores brasileiros que tenho lido, era Pelágio Lobo um dos que costumava reler com encanto cada vez mais crescente, pois este meu querido amigo tinha descoberto um meio de respeitar todos os cânones da gramática, sem sacrificar a livre e correntia enunciação do pensamento". (139).

Enéas César Ferreira dele recordou: "Pelágio matriculava-se em março de 1906, na Faculdade de Direito de São Paulo pela qual se bacharelou em 1910". "Nesta renomada casa de ensino, Pelágio fez um curso invejável, com aprovação distinta em todas as cadeiras do primeiro ao quinto ano! Foi, pois, o primus inter pares da turma e laureado com o Prêmio Viagem à Europa, regalia estabelecida pelo Governo Federal a tais estudantes". "Vigoroso jornalista, foi redator da Cidade de Campinas, onde com Alberto Faria e seu ta-

lento tío Paulo Álvares Lobo - a trindade soube elevar esse jornal à posição de brilhante destaque. Advogado militante, durante toda a sua existência, foi caudatário de raras qualidades; tudo que produzia, em linguagem escripta e fundo jurídico perfeito, constituía trabalho digno de grande, notável e perfeito cultor da ciência de Papiniano. Jornalista sempre foi, e, defêlogo: - no velho "Correio Paulistano" e no "Estado de São Paulo", durante o tempo que este órgão da imprensa brasileira, esteve sob a intervenção de Abner Mourão, Castro Ramos e Pelágio". "Em 1934, candidato a uma cadeira de deputado federal, não conseguiu quorum para a eleição; o Brasil perdeu um representante culto, talentoso, digno e trabalhador. Diretor da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção de São Paulo, por vários anos, aí deixou o cunho de seu grande talento e espírito de justiça. Espírito vibrátil, inteligência privilegiada, grande cultura humanística e jurídica, entretanto Pelágio não fez a carreira a que tinha direito, por suas qualidades excepcionais: faleceu em São Paulo em 1951" (14). 140

Tivemos ocasião de escrever sobre Pelágio: "Espirituoso, profundo observador, de apurada vivacidade, narrador gracioso escrevendo numa encantadora simplicidade e riquíssimo vocabulário com rigor descritivo e limpidez de linguagem culta, era Pelágio Lobo um dos mais completos escritores de nossa terra; deixou bela produção literária que dispersou pelas colunas da imprensa, distribuindo-a generosamente, sem ambições e sem restringi-la, espelhando, no seu intelecto, o grande e generoso coração que possuía, e a largueza espontânea de sua caridade. Seu espírito intranquilo, sua lúcida inteligência, logo o levaram à primazia nos meios cultos, nos grupos sociais, nos quais a sua atividade foi intensa e de notável sabor cultural, tendo, em sua mocidade, já bacharel em direito e na cidade de Campinas, com Cleso de Castro Mendes e outros, sido um dos principais esteios incentivadores dos "Monóculos e Lunetas", grupo de arte que muito concorreu para os lazeres da mocidade intelectual de Campinas!"

Seu tío também monóculo, mas honorário, apresentando, certa vez, o grupo, esclareceu: "o sucesso de se haverem reunido estes moços para, em comum, dar repouso à matéria e pasto ao espírito, foi obra de um divertido acaso, em que discutiram habilidades, pondo-as de pronto à prova, em certo passeio campestre à margem sinuosa do pardacento Atibaia... Aí a controvérsia os armou para os torneios da inteligência, em que cada um exibiu os seus dotes - a voz para o canto, o pincel para a tela, o arco para o violino, a pena para as produções do engenho vário e, unidos um dia, vieram para a grande sala da sociedade, oferecer às famílias um sarau de arte. E ofereceram-no, tendo-se admitido - ao encerrar-se a serata - que aquilo fora, mesmo, uma reunião de arte sincera. Para apresentação de credenciais, desta feita, cognominaram-se Monóculos, trajando de

79

rigor e desposando um apelativo à guisa dos árcades, por que no grupo as capacidades se impersonalizassem, e fosse mais praticável a concórdia que pode significar a coexistência de corações."

"As Lunetas vieram depois, atraídas por esses festivais de seus irmãos: reuniram-se, compuseram o conjunto de suas graças e de seus donairosos conhecimentos e, aliadas aos Monóculos, firmaram os estímulos e dignificaram superiormente os empenhos. Surgiram, então, Fantomas, Schaunard, Kioto, Friquet, Pop, Pierrot, Bizet, Mischa, Tontolini e, a estes, uma falange de tantos outros moços, bachareis, médicos, fazendeiros, comerciantes, artistas, estudantes - irmanados para um só objetivo: dar férias periódicas à matéria sórdida em proveito da suprema espiritualidade, risonha e sadia, onde se façam treinos para a função, não animal, mas subjetiva e objetivamente" (144). 144

De apreciadíssimos artigos de Pelágio Lobo, na imprensa diária, foram reunidos em volumes, sob o título de "Recordação das Arcadas", os que trataram da Academia de Direito, edição de 1953 do Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo, então ocupada pelo embaixador Ernesto de Moraes Leme; e sob o título de "Velhas Figuras de São Paulo", edição de 1977, nº 5 da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, presidida pelo acadêmico José Pedro Leite Cordeiro, duas dezenas daqueles de âmbito da história estadual. O primeiro dos livros prefaciado por Antônio Gontijo de Carvalho, e o segundo pelo acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho. Da Prefeitura de Campinas, teve Pelágio a homenagem da colocação de seu nome em rua da cidade, e da Academia Campinense de Letras, a sua instituição como patrono da cadeira nº 20.

Casou-se em Santos, a 15 de fevereiro de 1922, com sua prima Arinda de Freitas Guimarães, deixando as filhas, todas de ativa vida intelectual: 1, <sup>Maria</sup> Marta de Freitas Lobo, viúva de Francisco Ferraro, sem geração. 2, Ana Maria de Freitas Lobo, solteira. 3, Maria Ângela de Freitas Lobo, casada com seu primo José Antônio de Freitas Levi, médico, com geração.

22 - Elisa Álvares Lobo, pianista, professora pela Escola Normal de Campinas, nasceu nesta cidade e faleceu em São Paulo a 6/9/1969; foi casada com o Desembargador Antônio de Sousa Moraes, nascido em Campinas em 1887, e falecido em São Paulo em 1974; era bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, advogado e promotor público em Campinas, procurador da Junta Comercial de São Paulo e desembargador nomeado para o Tribunal de Justiça de São Paulo a 11/5/1935; autor de obras jurídicas e literárias, foi membro honorário da Academia Campinense de Letras. Deixou os filhos: 1, Saulo Lobo de Moraes, bacharel em Direito, casado com Lúcia Pereira Guimarães, ambos falecidos deixando geração. 2, Marcelo Lobo de Moraes, falecido, que foi casado com Marina Conceição. 3, Lia Lobo de Moraes, casada com Carlos Tavares. 4, Laércio Lobo de Moraes, médico, casado com Giovanna

Vellutini, com geração. 5, Décio Lobo de Moraes, casado com Celita de Moraes, com geração.

23 - Ruth Álvares Lobo, falecida solteira a 23/12/1969.

24 - Azael Álvares Lobo, nascido em Campinas em 1893, e batizado na atual Basílica do Carmo pelo então vigário, depois Bispo de Campinas, Dom João Batista Correia Néri, formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, na qual defendeu tese em 1918, "Sobre Estudos de Carrel", aprovada com distinção. Do autor dos estudos objetos de sua tese, o grande homem da ciência, prêmio Nobel, então com atividades no Instituto Rockefeller, recebeu a seguinte Carta:

"Caro Dr. Lobo. Estou muito satisfeito e comovido por ter em mãos o exemplar de seu livro Sobre os Trabalhos de Carrel, e por saber que se deu ao trabalho de escrever um apanhado geral dos meus trabalhos. Isto nunca tinha sido feito antes, e estou deveras interessado em lê-lo. Quando vier a Nova York, espero ter o prazer de mostrar-lhe nossos novos laboratórios. Com estima e consideração, melhores augúrios, creia-me sinceramente vosso". (a) A. Carrel (141) 142

Já com clínica formada em Campinas, e com renome de profissional de alta competência, fez Azael Lobo, na Europa, cursos de especialização em 1927: em Berlim; em Paris com o Prof. J. L. Faure, "Le Cours Superieur de Perfectionnement de Gynecologie", na Clínica Ginecológica do Hospital Broca da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Obteve o certificado do "Cours d'Uretroscopie e Cours de Cytooscopie", com o Prof. M. F. Legueu, na Clínica Urológica da mesma Faculdade. A Associação Paulista de Medicina concedeu-lhe o título de "Especialista em Ginecologia e Obstetrícia" em 1954.

Azael Lobo era também musicista compositor, e foi ele quem compôs o hino oficial do Instituto de Educação Carlos Gomes de Campinas, e mais o que pudemos encontrar em seu arquivo religiosamente conservado por sua esposa: "Elevação", com letra de Emília de Freitas Guimarães, cantada pela soprano Almerinda de Freitas Borges, em concerto de 23/10/1946 promovido pelo Departamento Cultural da Reitoria da Universidade de São Paulo. "Rosa Vermelha". "Noturno" para violoncelo com acompanhamento de piano, executado em público pela primeira vez, na festa dos Monóculos a 3/2/1916, no Clube Campineiro. "Andorinhas de Campinas" com versos de José Dias Leme. "Tem Juízo, Coração" com letra de Emília de Freitas Guimarães. "Lá Pelo Japão", canção, letra de José de Freitas Guimarães Júnior. "Hino do Colégio". "Moleiras", letra de José de Freitas Guimarães Júnior. "Segunda Feira no Bonfim". "Romanza" por Kioto (143). Chant d'Adieu" por Kioto. "Sayonara", valse por Kioto. "Sodade Vieia" com letra de Helena Magalhães Castro. "Hino dos Monóculos e Lunetas".

81

"Saudações a Pop" por Tontolini-Kioto (194). "Saudação a Mallet (145)  
~~(144)~~. "Despedidas de Kioto". (~~194~~ 57)

Azael Lobo foi médico da Beneficência Portuguesa, médico e diretor do Hospital Vera Cruz, médico, mesário e mordomo da Irmandade de Misericórdia - Santa Casa - e faleceu a 16/3/1964, tendo a imprensa noticiado: "Com o seu desaparecimento, perde Campinas e os campineiros, não apenas o médico prestimoso e sempre pronto a socorrer com sua capacidade e com seus elevados conhecimentos profissionais a este ou àquele enfermo, sem distinção de nenhuma espécie, que lhe solicitassem os serviços, mas talvez o campineiro que mais amava e que maior entusiasmo nutria por sua terra, tendo a ela prestado, em toda a sua vida, serviços inestimáveis, por todos reconhecidos. A cidade e todos quantos aqui residem, convivendo com ele, no trabalho, na sociedade, em todas as manifestações e atividades, aprenderam a ver no dr. Azael um idealista e acima de tudo um devotado à evolução, ao progresso de Campinas."

"Médico da geração de Tomás Alves, Hermas Braga, Barbosa de Barros e outros ilustres nomes da medicina campineira, o dr. Azael Lobo, bacharel pelo Ginásio do Estado, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu tese brilhante de doutoramento, apresentando um estudo sobre a obra de Alexis Carrel. Posteriormente, realizou cursos especializados na Europa, tendo freqüentado, por alguns meses, renomados hospitais da França e da Alemanha. Retornando à sua cidade natal, ocupou em 1928 o cargo de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas. Em 1938 foi escolhido presidente da Maternidade de Campinas até 1945, e, em 1951, foi eleito seu Diretor Clínico, cargo que ocupou até a data de seu falecimento. Juntamente com Hermas Braga, Barbosa de Barros e Rocha Erito, pertenceu ao corpo médico e cirúrgico da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, na qual foi também seu Diretor Clínico. O dr. Azael Lobo que durante sua vida de cirurgião atendeu a todos quantos bateram à sua porta, foi fundador do Hospital Vera Cruz, tendo sido também chefe do Serviço de Cirurgia de Mulheres da Santa Casa, médico chefe do Serviço Público da Caixa da Mojiana, onde sucedeu ao dr. Tomás Alves."

"O dr. Azael Lobo, sem nunca haver sido político militante atuante, tinha como uma das fundamentais preocupações de sua vida o bem estar da população de sua cidade, destacando-se em inúmeras campanhas levadas a efeito objetivando a solução dos problemas campineiros, nos diferentes setores do bem estar social. Participou e atuou decididamente na elaboração do Plano Diretor da Cidade, foi membro da Comissão de arte da Prefeitura Municipal, Presidente da Comissão Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, fundador e 1º vice-Presidente da Comissão de Trânsito e Fundação Campineira de Vigilância Pública. Tão grande era o seu devotado amor à cidade de Campinas, que por vários anos, até o momen-

to de seu falecimento, ocupou o cargo de Presidente da Sociedade dos Amigos da Cidade, entidade por ele fundada. Ao lado de várias outras comissões, foi também sócio fundador do Tênis Clube Campineiro, Rotary Clube de Campinas onde ocupou sucessivamente a partir de 1934, os cargos de 1º vice-Presidente, Chefe do Protocolo, Vogal, 2º vice-Presidente, Diretor do Protocolo, e Presidente Fundador do Rotary Clube de Limeira em 1936. Atual Diretor do Conselho do Instituto Profissional Bento Quirino."

"Jornalista atuante, das inúmeras campanhas que defendeu com brilhantismo através de seus artigos, temos a que permitiu em 1932 a abertura da Av. Anchieta, uma das principais artérias da cidade e que, não fora a visão do dr. Azael Lobo, teria apenas 8 metros de largura, ao contrário das duas vias e passeio central que atualmente possui. Em 1938 assumiu o cargo de Secretário da Diretoria do Correio Popular, de onde foi acionista. Em 1960 quando da renovação desta folha, foi convidado a ocupar o cargo de Diretor Presidente do Diário do Povo, posto que ocupava até sua morte. Dotado de grande vocação musical, o dr. Azael Lobo, foi pianista e compositor, deixando escritas excelentes composições, dentre elas o hino oficial do Instituto de Educação Carlos Gomes. Recentemente suas composições foram interpretadas pela artista Layla Cury, na Televisão. Por outro lado o dr. Azael, há longos anos vinha colecionando documentos referentes à história de Campinas, contemporâneos e passados, possuindo em sua residência um dos maiores arquivos dos acontecimentos de destaque da vida campineira." "A Câmara Municipal, num preito de reconhecimento ao extinto facultativo, dr. Azael Lobo, suspendeu seus trabalhos da sessão ordinária de ontem, através de requerimento do verador Feres Salim. Além deste requerimento, por proposição do presidente da edilidade, sr. Romeu Santini, foi aprovado na mesma oportunidade, outro requerimento, subscrito por todos os edis presentes." "Após a observância do minuto de silêncio e a suspensão dos trabalhos legislativos da Câmara Municipal, o presidente da edilidade, vereador Romeu Santini, designou os edis Eder Leme, Fernando Paolieri, Carlos Mossry, José Teófilo Albejante e Armando José Bertazoli para que, em comissão, transmitam à família do extinto as condolências de todo o povo campineiro."

"Os deputados campineiros, Francisco Amaral, Rui de Almeida Barbosa e Jamil Gadia, apresentaram na sessão plenária de ontem da Assembléia Legislativa do Estado, mensagem de pesar pela morte do dr. Azael Álvares Lobo." "Devido ao falecimento do rotariano Dr. Azael Álvares Lobo, sócio-fundador e ex-presidente do Rotary Clube de Campinas, foi cancelada a visita do sr. José Breno Guimarães, Governador do Rotary, programada para hoje. Portanto, não haverá o costumeiro jantar para a noite de hoje. No mesmo local, os rotarianos se reunirão para uma derradeira homenagem ao seu ex-com-

panheiro, devendo fazer o necrológio o presidente Jasper Bresler." "Em virtude do falecimento do dr. Azael Álvares Lobo, <sup>(1946)</sup> ocorrido ontem nesta cidade, o prefeito municipal decretou luto oficial por três dias com hasteamento da bandeira a meio pau" ~~(1946)~~. Seu nome foi dado a uma das ruas de sua cidade natal.

Casou-se em Piracicaba com Maura Gois de Vasconcelos, de quem deixou os filhos: 1, Azael Álvares Lobo Filho, diretor do jornal Diário do Povo, desta cidade, casado com Desirée Amalfi Walter; com geração. 2, Eglantina Álvares Lobo, casada com Antônio Carlos Gozzi, com filhos: ~~Agnes casada com~~ ~~Eglantina casada com Ant~~ Carlos Gozzi ~~Antônio~~ ~~Gustavo~~  
25 - Sara Álvares Lobo, nascida em Campinas em 1895 e falecida na mesma cidade em 1975, casou-se na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte - Santa Casa - em 1918, com Humberto Neto, fazendeiro de café, de quem teve os filhos: 1, Eduardo Lobo Neto, casado com Laura Uchoa com descendentes. 2, Raquel Lobo Neto, casada com Martim Francisco de Andrada e Silva, com geração. 3, Sara Lobo Neto, casada com Adermar Branco, com descendentes. 4, Paulo Antônio Lobo Neto, advogado, casado com sua prima Odila Guimarães Lobo, com descendentes.

26 - Ana Esméria Álvares Lobo, pianista, casada em Campinas com Artur Leite de Barros Júnior, bacharel em direito, advogado, Secretário de Estado da Segurança Pública no Governo de Armando de Sales Oliveira, com os filhos: 1, Gilberto Leite de Barros, bacharel em direito, historiador, autor da valiosa obra histórico-social "A Cidade e o Planalto", membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, casado, com geração. 2, Maria Teresa Leite de Barros, casada, com descendentes, já falecida.

26 - Guilhermina de Freitas Lobo (Menininha Lobo), ~~professora~~, fez seus estudos de piano com Alfredo Oswald, Maria Edul Tapajós e Madalena Tagliaferro de quem foi assistente de curso superior de interpretação durante dez anos. Aperfeiçoou seus estudos na Alemanha, na Escola de Artur Schnabel. Tocou com orquestra em Campinas e São Paulo sob a regência de Leon Kaniefsky e Sousa Lima. Realizou recitais no Rio, São Paulo e várias cidades do interior, além de Buenos Aires e Montevideú. Ilustrou, com música de Fauré, as conferências de Marguerite Long, em São Paulo e no Rio. Fez, também, no Rio, programa "Ondas Musicais" com rede de televisão, e, recentemente, gravou um programa de video tape (TV-2) de sonatas para violino e piano com o violinista Roberto Twiachörn. Possui diploma de alta interpretação do Ministério de Educação e Cultura, concedido pelo então ministro Clemente Mariani e Madalena Tagliaferro. Leciona na Academia Mozarteum de Pinheiros, em São Paulo.

Em Nova Torque, em 1980, disse William Daghkian:  
"Menininha Lobo possui uma <sup>ca</sup> técnica límpida e flexível fazendo com que a música pareça brotar de seus dedos. Sua so-

noridade é cristalina, seu legato perfeito e seu pedal sutil. Toca de maneira orquestral, com diversos níveis de sonoridade, pondo em relevo a melodia, as vozes internas com timbres diferentes e a linha do baixo. A música soa como improvisada a sua percepção do movimento harmônico. Seu ritmo impecável mantém sempre a fluência de discurso musical. É uma pianista romântica, ~~sem~~ sem os maneirismos da escola romântica. Seu fraseado é natural. Suas organizadas interpretações são narrativas, espontâneas e pessoais, de uma simplicidade desarmante, sendo ao mesmo tempo intensas e cheias de sentimento, sem sentimentalismo. Seu repertório inclui obras de Bach, Mozart, Beethoven, Schumann, Chopin, Brahms, Franck, Fauré, Debussy e Poulenc". "Menininha Lobo fisicamente faz lembrar Edth Piaf, emocionalment, Emily Dickson, e não é apenas uma figura lendária, uma relíquia preciosa do passado; é uma musicista para "connaisseurs", uma das glórias do pianista brasileiro".

Faleceu Minininha Lobo a 14 de junho de 1986.

Disse dela o, pelo "Diário do Povo" de 3 de julho o ~~XXXXXXXXXXXX~~ crítico musical Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro: Contudo, entre 1980 e 1983, Minininha Lobo atendendo a insistentes convites do Estudio Eldorado, dispôs-se a gravar em Nova Iorque, servindo-se da bela acústica da Igreja "Holy Trinity" daquela cidade, e de um perfeito piano "Steinway", um bom punhado de peças pianísticas de maior importância, que preencheu cinco discos, quatro dos quais o Estúdio Eldorado já lançou no Brasil.

Nesses discos se pode ouvir interpretações cristalinas de compositores como Bach, Mozart, Beethoven, Schumann, Chopin, Franck, Richard Strauss, Fauré, Debussy e Poulenc. Tais discos são um preciso documento cultural e artístico, que revela às novas gerações uma pianista consumada, que possui técnica versátil e cheia de nobreza, a serviço de concepções interpretativas sem afetação excessiva, mas com incrível limpidez e clarividência, transmitida através de uma articulação irrepreensível.

Com a morte de Minininha Lob, não morre apenas uma grandes pianistas do Brasil, mas interrompe-se também um dos grandes orgulhos musicais de Campinas, cristalizando numa vida inteiramente dedicado à Música, no que ela tem de mais grandioso e inefável".

~~3 Ana Esmeria Lobo, professora de piano (151) cantora nas solenidades religiosas e salões da sociedade (152), nasceu em 1862 em Itu onde foi batizada; casou-se com Nicolau Schidt; faleceu sem geração. Disse a "Pvíncia de São Paulo", "é soprano de pequeno~~



3 - Ana Esméria Lobo, professora de piano (147), cantora nas solenidades religiosas e salões da sociedade (148), nasceu em Itu onde foi batizada; casou-se com Nicolau Schmidt e faleceu sem geração. Dela disse a Província de São Paulo: "é soprano de pequeno volume, mas de timbre agradabilíssimo e notáveis recursos de vocalização" (148), e, como já dissemos, afirmou a Prof<sup>a</sup>. Josefina Sarmento; a voz de Ana Esméria, "amolda-se principalmente a composições melancólicas. Então a voz desprende-se-lhe da gargante, suave, terna, dolorosa; é um queixume, uma prece soluçada que faz cismar, inundado-nos a alma de doce tristeza indizível" (149). 150

4 - José Manuel Lobo (III), nascido em Itu, bacharel em direito, jornalista, delegado de polícia e advogado em Campinas, deputado federal e Secretário de Estado do Interior e Educação no governo de Carlôs de Campos, casou-se em Campinas, em oratório da residência dos pais da noiva, a 2/2/1889, com Alice Augusta do Nascimento, filha de Augusto César do Nascimento e Adelaide Roso; sobrinha paterna do Conde Asdrubal do Nascimento. Dos pendores de José Lobo para a música, se não os cultivou, não quer dizer que não os tivesse, pois, seu sobrinho Pelágio Lobo, numa das suas deliciosas crônicas, conta que o tio travava competição de música com o músico erudito que era José de Campos Novais; nestas competições, revelava-se "José Lobo que, fazendo flauta com as mãos e conseguindo modulações de uma doçura incomparável, muitas vezes sobrepujava as escalas da flauta de ébano de Novais" (150). Antes de falecer e depois do seu falecimento em São Paulo a 24/8/1930, várias foram as notícias destacando as altas qualidades que possuía; vejamos o que dele disse João Arruda: "Ao lembrar a seus leitores quem é o dr. José Lobo, e quais os serviços que prestou à nossa pátria, citou, por diversas vezes, o Correio Paulistano, o meu nome, ao intento de sufragar, com o meu testemunho, o alto valor do ilustre titular da pasta do Interior, no atual governo. Realmente, há uns vinte e poucos anos, tracei, em rápido esboço, o perfil desse meu distinto amigo. Do que eu disse, alguns poucos conceitos foram reproduzidos pelo Correio, e continuo a pensar do mesmo modo. Peço, agora, permissão para notar que o Correio deixou em olvido duas peregrinas qualidades do dr. José Lobo: amor ao trabalho e bondade de coração. Educado na escola do saudosíssimo Glicério, o infatigável lutador, acendrou-se no discípulo o espírito de ordem, de cumprimento estrito do dever, a regularidade no exercício da profissão, a indefessa dedicação aos interesses do cliente, e, quando político, o ser dos mais prestadios. Foi graças à sua pugnacidade e à sua diligência que pôde, ao lado do dr. Herculano de Freitas, conseguir a vulgarização das novas doutrinas penais, tão fecundas em resultados, em nossa pátria."

"Pelo seu bom coração, constituiu-se o batalhador em defesa dos mais fracos, quando, sem desfalecimento, na comissão de legislação social, seguiu o movimento que, nestes últimos anos, se acentuou neste ramo do nosso sistema jurídico, sendo testemunho de





bo. Foi ele um dos mais valiosos auxiliares de Francisco Glicério, ~~xxxxxxjdxjdx~~ de Campos Sales e de Jorge Miranda na campanha abolicionista e na propaganda republicana. Proclamado o atual regime, o ilustre morto ocupou diversos cargos no Estado de São Paulo, dentre eles o de delegado de polícia na cidade de Campinas, posto em que prestou relevantes serviços ao Estado e à República, no restabelecimento da ordem perturbada pelo movimento sedicioso de Ribeirãozinho e Espírito Santo do Pinhal. Eleito deputado por São Paulo, aqui esteve durante seis legislaturas, demonstrando sempre o seu devotamento à causa pública. Dotado de real talento e de vasta cultura jurídica, José Lobo honrou o seu mandato e o desempenhou com raro brilho, não só no meio da Comissão de Legislação Social como também no plenário, discutindo todas as matérias que interessassem à coletividade."

"Chamado pelo inesquecível Carlos de Campos a colaborar no seu governo, em São Paulo, José Lobo aceitou a pasta do Interior, tendo sempre sobre a mesa de trabalho o busto de Francisco Glicério para que o inspirasse em todos os seus atos, na prática de bem servir ao Estado, ao que se dedicou ativamente, e desenvolvendo a instrução e a higiene, assuntos principais do departamento que dirigia. Exerceu com mérito indiscutível as suas funções, e, mesmo assim procedendo com a máxima correção, José Lobo foi vítima das injustiças a que se expõe quase todos os políticos em nossa terra." "Deixando a Secretaria de Estado, viveu - se se pode dizer que viveu - lutando com as maiores dificuldades. Acaba de morrer em extrema pobreza, legando à idolatrada esposa e aos filhos, apenas um nome digno. Memórias como essas, Sr. Presidente, devem ser respeitadas por todos aqueles que honram a própria honra e que prezam todos os que souberam cumprir dignamente seu dever" (157).

Na mesma sessão da Câmara dos Deputados, falou o deputado da oposição, Maurício de Lacerda: "Sejam as minhas primeiras palavras, Sr. Presidente, as da mais sincera e comovida associação de sentimentos com os manifestados pelo nosso ilustre colega, líder da maioria, relativamente à personalidade de José Lobo, cuja vida pública foi, em rápidos traços, perfilada entre nós pela oração que acabamos de ouvir, e de cuja atividade parlamentar a Câmara terá notícia minuciosa se quiser dar-se ao incômodo de compulsar os documentos pertinentes às leis de trabalho. Os estudos dessas leis, longos, penosos, difíceis, atentos às múltiplas correntes da antiga Comissão de Legislação Social, foram dirigidos, com superior tolerância, com largo descortino, com espírito de transigência, com um saber fazer que bem poucos poderão reproduzir com a mesma facilidade, o mesmo equilíbrio e a mesma clareza de objetivos desse nosso malogrado colega" (157). No Senado Estadual, foi Mário Tavares quem memorou a vida e feitos de José Manuel Lobo, tendo ainda afirmado: "O traço saliente de seu perfil de homem social, de jurista e de

político, era a réplica imediata, sem tardança, pelo seu Prisma, do alto de sua maneira de ser. Era a vontade como apanágio a nobilitar a personalidade do brasileiro que se finou. Secretário dos Negócios do Interior no governo do grande paulista que foi Carlos de Campos, imperecível na minha recordação, imprimiu sempre à sua administração o vinco de labor intenso e de patriotismo exaltado" (156).

Na Câmara dos Deputados Estaduais, com idênticas homenagens, com as mesmas palavras sobre a cultura, a dedicação e a capacidade de trabalho de José Lobo, estendeu-se o deputado Valentim Gentil, que ainda relembrou passagens da juventude do falecido parlamentar: "Em idade escolar, ingressou para o Seminário Episcopal de São Paulo, nesse tempo dirigido por monsenhor João Alves, tendo como professores os vultos respeitáveis de Manuel Vicente, Pereira Jorge, Exequias Fontoura e Camilo Passalacqua. E nesse tradicional estabelecimento de ensino, e mais tarde no renomado Colégio Culto à Ciência, de Campinas - onde foi condiscípulo de d. João Néri - o dr. José Lobo fez os seus preparatórios, ingressando, apesar das precárias condições financeiras de seu progenitor, na Faculdade de Direito de São Paulo onde, em 1886, recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais" (156) 157

Ainda na Câmara Municipal de São Paulo, sobre este homem público falou o vereador Couto de Magalhães para lhe exaltar as qualidades de coração, de caráter e de intelecto [redacted]. O governo do Estado deu o seu nome à Escola Normal e Ginásio Estadual da cidade de Registro. José Manuel Lobo deixou, de seu casamento, os filhos:

41 - Ari César Lobo, bacharel em direito, promotor de justiça, falecido, foi casado com Sofia de Almeida Prado, falecida a 20/10/1975 deixando os filhos: 1, José César Lobo, alto funcionário da General Elétric em Campinas, casado com Wilma do Rego, com descendência. 2, Ari César Lobo, aviador, casado com Judith Prudente Siqueira, com geração.

42 - Augusto César Lobo, da alta administração do Ministério dos Negócios do Interior, casado com Sílvia de Castro, falecido sem geração.

...

5 - Teresa Eugênia Álvares Lobo, natural de Itu, casada em Campinas em 1890, com Ledrolino Proost de Camargo, natural de Lorena, filho de João Gonçalves dos Santos Camargo e de Carlota Albertina Proost. Sem geração.

...

6 - Elias Álvares Lobo Júnior, natural de Itu, "revelou sua inteligência sem dedicar-se a estudos superiores como seus irmãos. Bom escritor e observador agudo, foi da redação de "A Cidade de Campinas" (158). Falecido em São Paulo em 1934, casou-se em Campinas em 1902

- com Francisca Pereira Guedes, falecida em 1969, filha de Francisco da Rocha Guedes e Francisca da Rocha Pereira. Foram seus filhos:
- 61 - Imoet Álvares Lobo, diretor administrativo na Secretaria de Estado da Saúde, nascido em Campinas, casado com Eneida Bueno Rodrigues, natural de Moji-Guaçu, com os filhos: 1, José Elias Álvares Lobo, bacharel em direito pela Universidade Mackenzie, advogado e professor, casado com Walbeny Mazzotti, com geração. 2, Mário Álvares Lobo, bacharel em direito pela Universidade Mackenzie, advogado, procurador do Estado, juiz de direito, casado com Maria Ruth Ferreira de Sousa, com geração.
  - 62 - Nesó Álvares Lobo, falecida solteira.
  - 63 - Maria Elisa Álvares Lobo, falecida solteira.

7 Paulo Álvares Lobo, crítico musical e profundo conhecedor da música lírica, nasceu em Itu a 17/3/1871 e faleceu em Campinas a 26/6/1932; casou-se nesta cidade a 22/5/1902 com Leonor da Silva Lapa, nascida em Campinas e falecida a 11/8/1957, filha de <sup>Augusto</sup> Adolfo do Amaral Lapa e de Ana Alves da Silva; bisneta da Viscondessa de Campinas e sobrinha neta do Marquês de Três Rios e da Baronesa de Itapura (159) Paulo Lobo foi aluno do Colégio São Luís de Itu, no qual foi admitido como membro da Arcádia Gregoriana, a academia de letras do Colégio, recebendo dos Jesuítas a cultura que dava característico a seus alunos no decorrer de suas vidas, pela segurança de seus fundamentos culturais. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo na qual se bacharelou na turma de 1896. Em 1957, na Academia Campineense de Letras, tivemos ocasião de dizer de Paulo Lobo: "Polígrafo no jornalismo, seguro na vernaculidade de um clássico, tanto escrevia da galanteria graciosa do social convívio da época, como da política e da administração, como dos cânones da ciência econômica, como de fulgores das tardes lindas de Campinas ou dos líricos anjinhos da Senhora da Conceição nos esplendores da fé cristã da gente campinense. O brilho de sua pena fulgurou sempre: no romance de sua mocidade, no embate das polêmicas, justo rijo, intrépido; altaneiro e vivaz, amável e poeta, distribuía a sonoridade de um descrever bucólico, poetava na sua prosa sobre as grandezas da terra, afervorava corações com os eflúvios de místico falar das coisas do céu; e vergastava a impostura, sempre na altura da sua dignidade, como se o senso da nobreza lhe molhasse a pena em cada pensamento. Quando de mister um corretivo, bramava impávido e irresistível, o látigo, desmascarando a calúnia e ironizando o que se adornava de mentiras. Polemista dos mais destros, ágil e vibrante, dispunha de imensos recursos para esgrimir vantajosamente, sem falar rasteiro, levando a palma pela solidez do argumento ou pela dureza da sua verdade (160)".

No mesmo dia desta palestra, pela manhã, o Barão de Salatiel (pseudônimo de Otávio Rocha), havia publicado: "Sob o pa-

trocício da Academia de Letras de Campinas, o Sr. Celso Maria de Melo Pupo realizará hoje, no salão de festas do Centro de Ciências, Letras e Artes, uma conferência sobre a personalidade do saudoso e inesquecível advogado e jornalista, dr. Paulo Álvares Lobo. Muito justa esta manifestação de apreço e reverência à memória do inesquecível homem de letras, cuja atuação no cenário da imprensa, no foro, nos esportes, na sociedade e na política, foi intensa e destacada. Desde estudante, Paulo Lobo, em São Paulo, ingressou nos labores do jornalismo, pertencendo a várias redações e nelas deixando traços brilhantes e inapagáveis de sua inteligência, caráter e coração. Em Campinas, durante mais de quinze anos, foi redator chefe da Cidade de Campinas, diário político, órgão do Partido Republicano Paulista, em cujas colunas diariamente publicava magistrais artigos, versando os mais variados assuntos, desde a política, o esporte, as artes... Ficaram célebres nos anais da imprensa campineira de trinta e quatro ta anos passados, ardorosas polêmicas, principalmente sobre política ou questões de arte. Paulo Lobo foi dos mais destemerosos jornalistas daquele tempo, audacioso nas suas críticas e ferino nas suas contendas."

"A Cidade de Campinas tinha como seu redator-chefe o dr. Paulo Lobo, redator auxiliar Pelágio Lobo e secretário o modesto cronista desta seção. Assim, num trato íntimo e diuturno posso testemunhar o quanto Paulo Lobo era amigo de seus companheiros. Um chefe boníssimo. Um coração generoso. Um caráter íntegro. E um jornalista vibrante, de grande cultura, conhecedor do vernáculo, crítico literário e o maior conhecedor do turfe nesta cidade. Este o inesquecível escritor, político e advogado que a Academia de Letras vai homenagear na noite de hoje em expressiva cerimônia, no salão de festas do Centro de Ciências, Letras e Artes. Lá estarei, atendendo os imperativos do meu coração" (160).

Ao falecer, entre as várias manifestações elogiosas da imprensa, noticiava o Diário Popular, da capital: "Senhor de uma grande inteligência e de um belo estilo, forte e incisivo, além de orador de vastos recursos, desde os tempos acadêmicos militou na imprensa desta capital. Do Diário Popular foi durante longo tempo, co laborador estimadíssimo, no período de 1893-1897; colaborou também assiduamente em "A Platéia", ao tempo do velho Araújo Guerra. E acompanhou em "A Nação", então dirigida por Herculano de Freitas, a brilhante campanha glicerista, como elemento valioso que era do P. R. F. Ao tempo do governo estadual do dr. Campos Sales, sendo oficial de gabinete da Secretaria do Interior e Justiça, então dirigida pelo dr. Álvaro de Carvalho, foi excluído do quadro do funcionalismo devido à atuação desassombrada que assumiu, pela imprensa e em comícios populares, contra deliberações políticas do velho presidente. Na revolta de 1893, juntamente com muitos outros acadêmicos de di-

reito, serviu nas fileiras da legalidade, tendo feito parte da guarnição da fortaleza de São João, no Rio de Janeiro (162), e depois na de Santos, então instalada no Boqueirão."

"Após sua formatura em direito, passou a residir em Campinas, a princípio trabalhando no escritório e sob a direção do velho e provector dr. Francisco da Costa Carvalho; depois associou-se ao escritório dos seus irmãos, drs. Antônio e José Lobo. Na imprensa de Campinas, seguindo um pendor natural de seu espírito, teve o dr. Paulo Lobo um papel de alto destaque. Na Cidade de Campinas, então dirigida por Alberto Faria e João Barroso Pereira, colaborou assiduamente; quando esse jornal passou por uma remodelação, entrou o dr. Paulo Lobo para o corpo de redação, em 1901, tendo assumido a chefia desse jornal desde 1905 até 1914. Era uma pena não só brilhante, mas sobretudo desassombrada. Na polêmica, social ou política, era de uma invejável pugnacidade; mas ao serviço de suas campanhas, discussões ou críticas, nunca se utilizou senão de uma linguagem superior e lídima, sem jamais haver tolerado o palavrão ou a linguagem grosseira. Em seus trabalhos jurídicos e nos seus discursos, sobretudo nas réplicas prontas da tribuna do Júri, embora enérgico e vivo, nunca se serviu senão de uma linguagem superior e de reconhecido brilho literário. Ultimamente dividia o seu tempo entre as ocupações de seu cargo público e os deveres de direção do Joquei Clube de Campinas, do qual foi presidente e um dos membros mais eficientes. Aliás, entre os turfmen entusiastas, os da velha guarda e os da nova, o seu nome era assinalado entre os mais acatados" (162).

Paulo Lobo foi sócio benemérito do Joquei Clube de São Paulo, do qual recebeu medalha de ouro em reconhecimento aos seus serviços. Foi presidente do Joquei Clube de Campinas, no qual restaurou o Prado de corridas e seus anexos, podendo dizer: "possuíamos um hipódromo em ruínas e hoje temos um dos melhores do país". Em sua homenagem foi construído o "Pavilhão Paulo Lobo" no hipódromo que ele restaurara, mas que foi, mais tarde, destruído, desaparecendo ~~XXXXXXXXXXXX~~ então, o elevado esporte na cidade. Na mesma ocasião já citada, tivemos oportunidade de dizer de Paulo Lobo: "Conversador gracioso, em sociedade seu convívio atraía; falante de exposição fácil e cheia de espírito, superava nas rodas sociais com a força sutil de sua inteligência; vivo, animador, envolvia, contagiava, sempre eloquente, senhoril, imaginoso e vibrátil, dominando nos torneios da palestra". "No seu grande e boníssimo coração, vivia uma religiosidade profunda, fundamentada em sólido conhecimento doutrinário haurido na infância com os carinhos maternos, na adolescência com o zelo dos jesuítas e na mocidade com o exemplo paterno." "Na idade provectora, aproximou-se mais da prática dos sacramentos e atos de piedade, da comunhão diária, da vigília na Ado-

ração Noturna na Igreja do Rosário, ora desaparecida, ~~xxxxxxxxxxxx~~  
a cargo carinhoso de sacerdotes amigos, Filhos do Coração de Maria."

No mesmo passo, referimo-nos à sua capacidade orató-  
ria: "orador espontâneo e eloquentíssimo, seu falar era o ribombo  
de gigantes águas despenhadas do alto, claras, cristalinas, borrifan-  
do as luminárias do seu dizer gracioso e elegante, espraiando-se  
transparentes com as nívias espumas da sua riqueza vocabular, ele-  
trizando entusiasmos, resplandecentes de inspiração que o fez gran-  
de nas lides tribunícias. Mestre consumado, a textura das suas elo-  
cuções, grácil, plena de erudição ou veemente e persuasiva, marcava-  
-lhe a consagração alinhando-o na vanguarda dos melhores do seu tem-  
po" (163). Na Academia Capinense de Letras, Paulo Álvares Lobo é pa-  
trono da cadeira nº 29; a Prefeitura de Campinas deu o seu nome a  
uma rua da cidade. Do seu casamento ficaram os seguintes filhos:

71 - Ana Elisa Álvares Lobo, nascida em Campinas, <sup>falecida a 3-III-1990</sup> diplomada na Esco-  
la Normal, hoje Instituto de Educação, casou-se na Igreja do Rosá-  
rio, perante o Bispo Dom Otávio Chagas de Miranda, com Celso Maria  
de Melo Pupo, de quem teve: 1, Maria Francisca de Melo Pupo, diplo-  
mada pela Escola Normal, hoje Instituto de Educação, foi diretora  
do Parque Infantil José Pires Neto; casou-se com José Rocha Cardo-  
so de quem tem filha única (164). 2, Maria Leonor de Melo Pupo, di-  
plomada pela Escola Normal Coração de Jesus e bacharel em direito  
pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; por concurso, <sup>foi</sup>  
ocupante do cargo de julgador tributário na Comissão Julgadora da  
Secretaria da Fazenda em Campinas; solteira. 3, Celso Maria de Me-  
lo Pupo Filho, falecido na infância. 4, Maria Teresa de Melo Pupo <sup>si</sup>

<sup>missa</sup> licenciada em matemática pela Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas, professora por concurso em colégios estaduais, casou-se  
com Sílvio Simioni, diplomado em odontologia pela Universidade de  
São Paulo, clínico nesta cidade, pecuarista e fazendeiro; ~~xxxxxx~~  
~~xx~~ com geração (165). 5, Maria Helena <sup>de</sup>  
Melo Pupo, bacharel em <sup>ciências jurídicas e sociais</sup> ~~direito~~ pela Pontifícia Universidade Católi-  
ca de Campinas, professora ~~em colégios estaduais~~, <sup>advoca</sup> ~~advogada no foro~~  
~~de Campinas e, hoje,~~ graduanda em <sup>mestrado para em educação</sup> ~~educação~~ na Universidade Estadual  
desta cidade; <sup>casada com Valtor Geribole</sup> ~~casada com Valtor Geribole~~, bacharel em direito pela  
Universidade de ~~São Paulo~~, ~~advogado em Campinas~~, ~~sem geração~~.

72 - Maria de Nazareth Álvares Lobo, nascida em Campinas, casada com  
Raimundo Firmino Cruz Martins, engenheiro agrônomo pela Universida-  
de Federal do Rio de Janeiro, técnico de renome que foi no Servi-  
ço de Algodão do Instituto Agrônomo de Campinas, Secretário de  
Estado da Agricultura no Governo de São Paulo, neto materno dos Pa-  
rões de Uruçuí. Teve a filha única, Maria Sílvia Cruz Martins, casada  
com Guilherme Monteiro Junqueira, engenheiro agrônomo, diretor es-  
tadual do Ministério da Agricultura em São Paulo, e agricultor em  
nosso Estado. Com geração.

- 73 - Paulo Álvares Lobo Filho, falecido em 1968, alto funcionário administrativo do Instituto Agrônomo de Campinas, foi casado com Nair Nogueira Néri, falecida em 1966, de quem teve os seguintes filhos: 1, Maria de Lurdes Néri Lobo, casada com Mozart Nogueira Esteves, industrial e agricultor, falecido, com geração. 2, Maria Amélia Néri Lobo, casada com Ângelo Bertazoli Neto, comerciante, com geração. 3, José Roberto Néri Lobo, solteiro. 4, Paulo Guilherme Néri Lobo, casado com Ana Maria Penati, com geração.
- 74 - Leonor Xavier Álvares Lobo, casada em primeiras núpcias com Antônio Reinaldo Mazza, falecido, e em segundas com José Frederico Marcelino Seliger, alto funcionário da Varig. Teve do primeiro, Fábio Luís Lobo Maza, do alto comércio de São Paulo, casado com Elizabeth Camargo Aranha, com geração.
- 75 - Helena Raquel Álvares Lobo, solteira, aposentada do Estado, falecida
- 76 - Regina Coeli Álvares Lobo, que foi casada com João Carlos da Silva Teles, de quem teve: 1, Roberta Maria da Silva Teles, casada com João Alberto de Sales Moreira, industrial, com geração. 2, Maria Regina da Silva Teles, casada com Antônio Carlos Canto Porto, do alto comércio de São Paulo, com geração. 3, João Carlos da Silva Teles Filho, casado com Regina Tezeth de Camargo, com geração. 4, Ana Maria da Silva Teles, solteira, casada sem geração
- 77 - Pedro Ângelo Álvares Lobo, solteiro, do quadro da Prefeitura Municipal de Campinas, aposentado
- 78 - Maria José Álvares Lobo, casada com Cristino Cruz de Almeida Martins, alto funcionário do Banco do Brasil, bisneto dos Barões de Uruguí, com os filhos: 1, Ricardo Lobo Cruz Martins, falecido, engenheiro pela xxxxxx Politécnica de São Paulo, + a 4-18-93, casado com geração; 2, Silvia Helena Lobo Cruz Martins, casada com Johannes Vier, arquiteta pela Universidade Católica de Campinas, engenheira. 3, Fernando Lobo Cruz Martins, estudante secundário.

...

Do segundo casamento, teve o Maestro Elias Lobo os seguintes filhos:

- 8 - Maria do Carmo Álvares Lobo, nascida em Campinas em 1885, casada em São Paulo a 19/4/1906, com Benedito Luís Rosa, filho de Teófilo Rodrigues Rosa e de Minervina da Silva Leme, comerciante na Capital; ~~ela~~ faleceu a 2/6/1971, tendo tido os filhos:
- 81 - Benedito Maurílio Lobo Rosa, casado em primeiras núpcias com Rosa Schoenherr, de nacionalidade francesa, falecida a 26/6/1962; casado em segundas núpcias com Ilda Cavalcanti de Albuquerque. Teve do primeiro casamento, a filha única, Maria Isabel Lobo Rosa, falecida com 50 anos, em São Paulo, a 13/11/1978, casada com Carlos Ferreira Neves, deixando geração.
- 82 - Maria Aparecida Lobo Rosa, viúva de Eng<sup>o</sup> Alfredo Souerbronn de Mesquita Magalhães. Sem geração.
- 83 - Maria da Conceição Lobo Rosa, casada em São Paulo com o médico Urcy da Silveira Lobo, falecido a 27/7/1979, com 70 anos de idade, com os filhos: Maria Dulce da Silveira sghjklxxxxfgmjkxxxxxghjksk

Lobo, casada com Altaban Amaral de Macedo, com geração. 2, José ~~da~~ Eduardo da Silveira Lobo, casado com Suzelei Binato, em 1964, com geração. 3, Uraci Fernando da Silveira Lobo, casado com Maria Ester Lopes, com geração. 4, Maria Cecília da Silveira Lobo, casada com Antônio Jabour, com geração. 5, Maria Antônia da Silveira Lobo, casada com Rosmil Jabour, com geração.

84 - Maria do Carmo Lobo Rosa, falecida em São Paulo a 4/11/1975, viúva do Engº Mário Sayão de Carvalho Araújo, falecido em 1960, com os filhos: 1, Maria Alice de Carvalho Araújo, casada em 1956, em Washington US, com René Leandre Maréchal, com geração. 2, João Luís de Carvalho Araújo, casado em São Paulo, em 1967, com Anemarie Grewe, com geração. 3, Mário Antônio de Carvalho Araújo, casado em São Paulo, em 1967, com Maria do Carmo de Ataliba Nogueira, com geração. 4, Maria Silira de Carvalho Araújo, casada, sem geração.

85 - Maria Isabel Lobo Rosa, falecida solteira em 1943.

9 - Leão Álvares Lobo, professor, nascido em 1886 gkksxzxskgk, casado com Ana, com o filho único: 1, Mauro Álvares Lobo.

10 - Margarida Álvares Lobo, nascida em 1889, falecida em São Paulo a 13/5/1976, casada com Fernando Rodrigues Rosa, falecido em 1971, filho de Teófilo Rodrigues Rosa e Minervina da Silva Leme. Teve os filhos:

10-1 - Helena Rodrigues Rosa, casada com Nelson Ferreira de Sousa, bacharel em direito, Juiz do Trabalho, com os filhos: 1, Cláudio Rosa de Sousa, casado com Maria Etzel, com geração. 2, Regina Helena Rosa de Sousa, solteira.

10-2 - Célio Lobo Rosa, médico pela Universidade de São Paulo, casado com Vera Ferraz, com os filhos ~~filhos~~: 1, Vera Heloísa Ferraz Lobo Rosa. 2, Marcelo Augusto Ferraz Lobo Rosa.

11 - Joaquim Álvares Lobo, do quadro da Secretaria da Fazenda do Estado, casado com Hermínia Maurício, ~~xxxxxx~~ falecida em São Paulo, com 86 anos de idade, a 14/11/1975. Teve:

11-1 - Maria de Salete, falecida a 11/10/1975, casada com o médico Ítalo Martirani, deixando os filhos: 1, Estela Lobo Martirani, casada com Eduardo Sandoli. 2, Sílvia Lobo Martirani, 3, Eliana Lobo Martirani, 4, Eduardo Lobo Martirani, solteiros.

11-2 - Donata Estela Álvares Lobo, gêmea do seguinte, solteira.

11-3 - José Expedito Álvares Lobo, ~~xxxx~~ casado com Vanda de Carvalho Pinto.

11-4 - Lúcia Álvares Lobo, falecida, foi casada com Luís Leme de Campos.

11-5 - Marina Álvares Lobo, casada em São Paulo a 17/1/1953, com Moacir Sousa Dias.

12 - Isabel Álvares Lobo, professora, casada com Francisco Campos de Alvarenga, filho de Luís Pedroso de Alvarenga e Maria Amélia de Campos, ambos falecidos, ela em 1969 e ele em 1970. Com os filhos:

12-1 - Carlos Augusto Lobo de Alvarenga, que foi casado com Honorina Nóbrega Carneiro, com os filhos: 1, Carlos Augusto Nóbrega de Alvarenga; 2, Paulo Sérgio Nóbrega de Alvarenga.

12-2 - José Cláudio Lobo de Alvarenga, solteiro.

12-3 - Maria Antônia Lobo de Alvarenga, casada com Newton Quarentei, bacharel em direito, tendo os filhos: Carmem Lídia de Alvarenga Quarentei, casada com José Carlos Domingues da Silva. 2, Rosana Maria de Alvarenga Quarentei; 3, Ângela Cecília de Alvarenga Quarentei; 4, Newton Quarentei Filho; 5, Francisco José de Alvarenga Quarentei; 6, Maria Antônia de Alvarenga Quarentei; 7, Luís Eduardo de Alvarenga Quarentei, e 8, Paulo Guilherme de Alvarenga Quarentei, solteiros.

13 - Tarcísio Álvares Lobo, alto funcionário da Secretaria da Educação do Estado, falecido, casado com a professora Araci ~~Quarentei~~, sem geração. *Araci Pinto Lobo, faleceu a 23-V-1985. xxx xxxxxx*

Plínio de Moraes

Transcrição das duas notícias do seu falecimento  
aos 19-IV-1994

